UNIVERSIDADE DE SOROCABA

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Maria Heloísa Zamunér Calocini

AGENDAS DE TAÍS: ESCRITAS DA VIDA

Sorocaba/SP

2003

Maria Heloísa Zamunér Calocini

AGENDAS DE TAÍS: ESCRITAS DA VIDA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Percival L. Britto

Sorocaba/SP

2003

Ficha Cartográfica

C164a

Calocini, Maria Heloisa Zamunér
Agendas de Taís: Escritas da vida / Maria Heloisa Zamunér Calocini. – Sorocaba, SP, 2003
f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Percival L. Brito
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2003
Inclui bibliografias

1.Educação e escrita. 2. Escrita pessoal. 3. Linguagem emocional.

Às minhas filhas: Taís e Telma,

razão da minha vida.

FOLHA DE APROVAÇÃO

MARIA HELOÍSA ZAMUNÉR CALOCINI

AGENDAS DE TAÍS: ESCRITAS DA VIDA

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, pela Banca Examinadora formada pelos seguintes Professores:

Ass _____
1º Exam.: Prof.Dr.Guilherme do Val Toledo Prado
UNICAMP

Ass. _____
Exam: Prof.Dr. Luiz Carlos Barreira
UNISO

Nota:

Sorocaba, 02 de dezembro de 2003

UNIVERSIDADE DE SOROCABA

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MARIA HELOÍSA ZAMUNÉR CALOCINI

AGENDAS DE TAÍS: ESCRITAS DA VIDA

Orientador: Prof. Dr. Luiz Percival L. Britto

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr.Guilherme do Val Toledo Prado
UNICAMP

Prof.Dr. Luiz Carlos Barreira
UNISO

02 DE DEZEMBRO DE 2003

AGRADEÇO

A Deus, pela presença na minha vida.

Aos meus pais, por me terem gerado e dado a esperança.

A Luís, meu esposo e companheiro, pela crença e companhia.

Às minhas filhas, pelo afeto e carinho constantes.

Aos meus irmãos e amigos, a lealdade.

Às escolas, lugar de meu trabalho, o apoio.

A UNISO, o conhecimento adquirido.

Gratidão aos meus professores, porque me propiciaram um novo olhar.

Um agradecimento especial ao meu orientador, Percival,

pois se fez presença e persistência; ainda que,

"sempre, no meio do caminho, tivesse uma pedra".

Obrigada, por tudo.

Muito agradecida aos prof. Guilherme e Luiz Carlos,

pelas orientações, compreensão e valorização deste trabalho.

À Taís,

Um agradecimento maior pela confiança plena.

Sem suas agendas, esta pesquisa não existiria.

RESUMO

A proposta deste trabalho é a investigação de escritas do cotidiano de uma menina, Taís; em que espontaneamente escreveu durante sete anos ininterruptos em agendas. São escritas em que ela relatou os acontecimentos do dia-a-dia. Registrou, sobretudo fatos ligados à família, à escola, à vida social dela como um todo. Essa tarefa de escritora de agendas, a menina fez durante a sua pré-adolescência e adolescência.

Busco verificar com este estudo as marcas fundamentais dessas escritas: analiso os temas, assim como a progressão desses no decorrer dos anos da adolescente; investigo a postura do eu lírico da narradora; questiono a presença e ou ausência de outros interlocutores no processo desses textos; alinhavo as contribuições das marcas de personalidade e características específicas da adolescência nessas escritas; e aponto as marcas no estilo e na linguagem, quanto à escolha do gênero, expressando-se com tanta espontaneidade.

Esta análise traz as principais relações estabelecidas entre as escritas do cotidiano de Taís, atualmente com vinte e três anos, e a sua vida – processo histórico/social. Pontuo as interferências da escola, com suas metodologias, professores, orientação de leituras no seu processo de ensino-aprendizagem. Porque, com um olhar de senso comum, esses textos constituem-se marcados pelas características da fala ou da oralidade, e, por outro lado, tanto os textos da protagonista nesses relatos, como a de alguns poucos interlocutores escolhidos por ela, quando deixam recados nas suas agendas, apontam para esquemas específicos de escrita e não da fala.

As agendas de Tais: escritas da vida, marcadas por várias interferências, principalmente da escola.

PALAVRAS CHAVES: educação e escrita, escrita pessoal, linguagem emocional.

ABSTRACT

This work proposal is about the investigation of a girl daily writing named Taís. She spontaneously wrote during seven years on "agendas". Her writing contained facts about her family, school, friends and her social life. This work was done on her teenage years.

I try, through this study, to analyze the theme as well as its progression during all her teenage years. I investigate her lyric soul as a narrator, looking for other characters presence or absence in her writing process. I select the teenage personality works, its specific characteristics and contributions on this writing. I point out the marks on language, style and gender, when she expresses herself so easily.

This analysis brings the main relationship between her daily writing as teenager nowadays she is 23, and her present life - social/historical process. I point out school interferences with all its methodology, teachers, and reading orientations on her learning achievement. That is because through a common sense looking, these texts are rich.

in characteristic teenager talking and on the other hand, when the protagonist and few other friends chosen by her, left messages on her diaries, they point out to a specific scheme just on writing and not on talking.

Tais' "agendas": writing about her life that was marked by a lot of interference, mainly by school.

SIGNIFICANTS WORDS: education and writing – private writing – emotional language.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 01 "Dá licença, eu cheguei" **108**
Fig. 02 "Bem-me-quer" **110**
Fig.03 "Eles vieram" **114**
Fig. 04 "Meu lugar no mundo" **116**
Fig. 05 "A vida não é filme" **118**
Fig. 06 "Quadro dos tempos" **123**
Fig. 07 "Compre batom" **135**
Fig. 08 "Sensação" **137**
Fig. 09 "Melhores" **139**
Fig. 10 "Não perca esta oportunidade" **140**
Fig. 11 "O Beijo" **141**
Fig. 12 "Agosto pra tudo" **142**
Fig. 13 "O Silêncio" **143**
Fig. 14 "Muito Prazer" **144**
Fig. 15 "Lição de Química **145**
Fig. 16 "Só Gatos" **146**

SUMÁRIO

RESUMO 07

ABSTRACT 08

SUMÁRIO 10

INTRODUÇÃO 12

1 COM A SIMPLICIDADE DE UM OLHAR : A AGENDA DE TAÍS É UM LUGAR DEPOSITÁRIO 15

2 CARACTERÍSTICAS DE GÊNERO DE TEXTO 21

2.1 O interesse atual pela escrita do cotidiano 21
2.2 As memórias constroem a escrita autobiográfica 28
2.3 As marcas do feminino nas escritas do cotidiano 30
2.4 As estruturas das narrativas do cotidiano 31
2.5 A escrita autobiográfica: uma comunicação verbal 33
2.6 O "eu" com outros "eus": construção da linguagem 36
2.7 Registro do cotidiano: diário e agenda 37

3 A AVENTURA DE ENSINAR LÍNGUA PORTUGUESA – DAS AMARRAS À LIBERTINAGEM X UMA PROPOSTA(SÓCIO) REFLEXIVA 42

3.1 A escola nas amarras da tradição 42
3.2 Discurso de construção X práxis 45
3.3 Por que a preocupação em ensinar a língua formal? 50
3.4 O ensino de língua portuguesa na perspectiva interacionista 52
3.5 Problemas "modernos" de ensino-aprendizagem: um salto que vai da tradição à libertinagem 55
3.6 Com perplexidade: o que se ensina, "na aula de português" ? 59
3.7 Alguns desafios à escola, para fugir: das amarras da tradição e dos problemas "modernos" 61

4 UM PRESENTE DE LINGUAGEM E ENSINO NAS ANÁLISES DAS AGENDAS DE TAÍS 63

4.1 Agendas de Taís: Uma adolescente – escritora e leitora do cotidiano **71**
4.1.1 Uma brincadeira séria: construir significados **106**
4.1.2 As características marcantes da adolescência nas escritas de Taís **107**
4.1.3 As marcas da personalidade de Taís nos textos das agendas **111**
4.2 Agendas de Taís – lugar para rememorar: Um espaço de revelação da autoconsciência com o eu feminino **114**
4.3 Agendas de Taís – O gênero e os temas do cotidiano nas agendas da adolescente **118**
4.3.1 A competência do gênero nos textos de Taís **119**
4.3.2 Os temas nas agendas de Taís: Os acontecimentos selecionados **121**
4.3.3 O enfoque dos temas **124**
4.4 Os textos de Taís: A construção escrita de significados **128**
4.4.1 Compreendendo a brincadeira de Taís com o signo lingüístico **132**
4.4.2 Escritas de Taís: escritas da vida X escritas da escola **147**

CONCLUSÃO **150**

REFERÊNCIAS **155**

INTRODUÇÃO

Este trabalho nasceu do interesse de investigar os textos de escritas de meninas adolescentes, que escrevem em agendas sobre o cotidiano.

Através de sete agendas de escritas de uma menina adolescente, Taís – de 1992 a 1998 – busco apontar os temas, a progressão desses, a estrutura adotada para elaboração dos textos, a linguagem e estilo presentes.

Questiono nessas escritas a formação histórico-social e o contexto de vida da adolescente; principalmente mapeio os estudos regulares; observo algumas leituras, cursos paralelos à escola, freqüência a eventos culturais, passeios, viagens, os tipos de divertimentos, os interesses e as emoções da menina. A seguir, procuro perceber qual relação pode ser estabelecida entre estas escritas da narradora protagonista e o ensino/aprendizagem dela nesses anos.

Justifica-se a escolha desse tema o meu longo trabalho com escritas de adolescentes, quer seja em sala de aula orientando na elaboração de textos, quer fora dela, preparando alunos para concursos, vestibulares, ou com a formação de professores. A necessidade permanente que tenho em apontar meios para facilitar a interpretação e melhorar a discussão temática de textos.Também, quando assessorar, a fim de que as pessoas tenham mais clareza e objetividade nas suas escritas; facilitar a correção das falhas de escrita e de linguagem; orientar nas dificuldades das faltas de coesão e de coerência; no trabalho com modalidade e outros muitos pontos difíceis no trato com textos. Ao delinear caminhos, ou pelo menos sinalizar para que alunos tenham cada vez mais facilidade em expressar suas idéias e pensamentos escritos, já que percebo como muitas meninas escrevem com facilidade e prazer o seu cotidiano nas agendas. Também, ao orientar na formação dos professores.

Perguntava-me nesses anos de professora de língua portuguesa a respeito de escritas de alunos: Por que meninas adolescentes escrevem com tanta facilidade, com tanto prazer relatando os acontecimentos diários em suas agendas? Por sua vez, por que nossas propostas de escritas escolares, às vezes, são tanto criticadas

por estas escritoras? Por que geralmente os adolescentes apresentam dificuldades em expressar o que pensam por escrito? Ou, melhor, por que caminhamos tão pouco fazendo leitores e escritores críticos? Haverá só um trabalho escolar mal feito, como tem apontando tantos setores da sociedade? Ainda: e, se os alunos têm dificuldades com escritas, nas agendas essas meninas como escrevem? Expressam por escrito com facilidade porque se trata de "coisas" pessoais, ou há alguma relação entre o trabalho social, escolar e os textos dessas agendas? Se houver alguma contribuição, principalmente da escola, qual será? Ainda, que gênero é esse, capaz de fazer tantas meninas permanecerem anos seguidos, diariamente, apontando e comentando o seu dia-a-dia?

A fim de buscar este estudo, de questionar as escritas de Taís, iniciei pela leitura de alguns teóricos que estudam o ensino da língua portuguesa atualmente como Britto (1997), Batista (1997), Geraldi (1996), Soares (1995) e outros, que me dirigiram para um questionamento histórico-social do discurso e da linguagem. Por outro lado, busquei leituras sobre escritas de diários e de agendas, entre eles Refúgios do eu, principalmente Viñao, Lacerda e Ramos (2000), que apontaram para uma linguagem contextual de escritas pessoais.

Este trabalho de pesquisa não pretende escrever a vida linear da adolescente, nem questionar a veracidade dos apontamentos. Não tem intenção de mostrar como esta, ou aquela escola errou, ou acertou, neste, ou naquele ponto. Assim, apesar de aparecerem todos os nomes dos envolvidos da vida da menina, os locais, as datas, o que se busca é demonstrar se a narradora rica em espontaneidade, teve objetividade, clareza ao escrever o seu cotidiano. Sobretudo, mostrar como Taís é capaz de relatar os acontecimentos da sua vida, como ela consegue organizar os fatos e guardar suas lembranças, quer sejam alegres, tristes ou, apenas sonhos e fantasias. Ou seja, mostrar as características dessas escritas.

Para esta pesquisa, utilizei as agendas que a adolescente Taís escreveu de 1992 a 1998 – dos 12 aos 18 anos de idade – quando cursava: 6ª, 7ª, 8ª série do Ensino Fundamental; as da 1ª, 2ª e 3ª série do Ensino Médio e a do 1º ano da Universidade, completando sete anos de escritas.

Possibilitando tal análise, este trabalho mostra:

1- Descrição das agendas de Taís, que a princípio, faço uma apresentação com uma leitura de senso comum. Assim, de modo sucinto, mostro o que essas

narrativas de adolescente trazem com suas facilidades nas escritas, quer seja como informação histórico-social, assim como a criatividade de Taís em encontrar os jeitos de guardar as suas lembranças do cotidiano.

2 Apresento uma reflexão sobre a comunicação verbal e investigo marcas das escritas autobiográficas, em particular do diário e das agendas do cotidiano. Faço um parâmetro entre essas escritas de agendas e os célebres diários, em que consigo apontar semelhanças, relações e disparidades entre as duas formas de guardar relatos pessoais. Perscruto nesses objetos de escrever o cotidiano, dentro de um tempo histórico-social, algumas intenções e outros porquês dessas escritas.

3 Através de pesquisa aponto várias características marcantes: de como se organizam as escolas atualmente e o que estas propõem de modo particular no ensino/ aprendizagem de língua portuguesa, assim como mostro o que realmente os professores ensinam, quando dão aulas de língua portuguesa.

4 Traço um perfil histórico, social e cultural de Taís, que tem uma vida muito semelhante às meninas de vários grupos sociais constituídos hoje. Neste trabalho, abordo a formação da menina relacionando família, escola, cursos paralelos, círculo de amigos; aponto algumas das leituras que faz, divertimentos... Possibilita-se ver nessas escritas os interesses de contemporaneidades, os projetos para o futuro da adolescente, seus sonhos e fantasias. Faço um estudo de como se compõem esses textos; mostro os temas abordados e a progressão desses na produção de escrita; visualiza-se a presença das características pessoais e marcas específicas da adolescência. É possível ler o desenvolvimento de Taís como escritora: o gosto por esta prática, a espontaneidade e a criatividade, a linguagem e o estilo adotados, assim como a relação entre as escritas dessas agendas e o ensino-aprendizagem escolar recebido.

Conclusão: Resumo as características marcantes dos textos de Taís. Pontuo esses elementos de escritas, como se constituem e progridem no processo de vida da adolescente. Destaco: É impossível não ver nas escritas da narradora a repercussão do seu comportamento sócio/histórico/cultural, o gosto de menina leitora de vários textos, assim como dos meios que os vinculam. Especialmente, Taís produtora de uma escrita da vida, foi alicerçada por um forte trabalho escolar e de orientação artístico-literário. Portanto, respondo às minhas inquietações de professora pesquisadora, propostas no início desta pesquisa.

1 COM A SIMPLICIDADE DE UM OLHAR : AS AGENDAS DE TAÍS É UM LUGAR DEPOSITÁRIO

As Agendas de Taís são registros diários em que das mais diversas formas a menina foi deixando as marcas do seu dia-a-dia.

Para marcar esse cotidiano a comunicação escrita é a mais comum em todos os seus apontamentos, com pequenos textos, frases e, às vezes com uma só palavra a menina conseguiu caracterizar um dia. Porém, fez uso de muitíssimos recursos, interagindo e coordenando imagens e escrita, com sensibilidade e destreza.

Essa linguagem audiovisual foi sempre presença concreta na sua forma de anotar, como a música, a poesia, o desenho animado, os seriados, os videoclipes que são instrumentos capazes de transformar o virtual em realidade e, esse real vai se apresentando em ritmo de emoção e alegria. Geralmente, todos esses recursos aparecem conjuntamente; somente em algumas situações preenchem toda a página branca uma poesia, a letra de uma música, uma gravura.

São agendas sempre alegres, pois a forma de escrever é sucinta, leve, solta, descontraída. As cores vivas e, se falta um recurso, a escritora encontra saídas para que a página fique mais sorridente. Quando os fatos, alguns são carregados de melancolia, porém a maneira que Taís escolhe para anotar torna esses acontecimentos mais leves e menos tristes, ainda que esse mesmo poder não esconda a tristeza e a decepção.

Por isso, muitas gravuras e estampas são entrelaçadas aos textos, recortadas de revistas, de jornais, de propagandas; uma gama infinita de papéis multicores, tornam o cenário alegre e divertido. Apresentam-se coladas, grampeadas, com clipe, ou até soltas, como que procurando um lugar para se acomodarem por aí. Nem sempre essas gravuras, aos olhos, têm um significado no contexto; parecem motivos de decoração.

Papéis lembranças? Parecem! Agora os guardanapos, os selos, as entradas de cinema, teatro, os comprovantes de discotecas, dos barzinhos e pizzarias. Muitos guardam ainda o seu odor característico. São também comuns as passagens de ônibus sua ou então de seus colegas e paqueras, as de trem, metrô e avião;

povoam, igualmente os triviais papéis de bala, os de chocolate, chiclete e de muitas outras guloseimas.

Objetos colados aparecem em abundância pelos textos, outros espetados nas gravuras, sozinhos aí perdidos no meio de uma página, porém, na maioria das vezes pareça uma peça significativa no contexto, visualizando o comentário de forma escrita. Com certeza, pequenas marcas de fatos inesquecíveis, como uma bala, um diminuto sabonete, uma agulha, agora com ferrugem, um alfinete, botões, clipes, sobras e migalhas dos mais distintos objetos. De onde vieram, ou por onde caminharam?

Essas agendas trazem realidade, retratos, sombras, problemas, soluções, sonhos. Fatos do cotidiano, escritos na maioria das vezes à noite, geralmente depois de já terem o seu desfecho.

Há sempre um objetivo primeiro nessas anotações: a marca do cotidiano da menina, mas nem tudo, e sim – aquelas atividades e fatos "sociais" de maior importância – geralmente, fora dos compromissos estritamente escolares. Taís, a autora, parece selecionar e escrever sobre os aspectos marcantes de envolvimento com a sua turma ou guarda coisas de quem admira; da escola geralmente "o diferente", não se preocupa em registrar o decorrer do ensino-aprendizagem. Nas agendas estão os momentos que mais curtiu com a sua família: todos os passeios, as compras, as viagens e novos projetos familiares. Geralmente, marcas de alegria e prazer ou aqueles instantes que chamaram sua atenção.

É importante destacar a freqüente mistura de anotações: compromissos escolares ou de formação vinculados aos "meramente sociais", se assim podemos chamar. Aparenta que, para Taís, a vida foi pautada sempre pela escola, a causa primeira, como se tudo respirasse estudo, leitura, pesquisa. Fissura primordial e paixão, dela nasceram suas preocupações, assim como foi dos estudos a maioria das escolhas de leituras. Ainda, da escola muitos de seus problemas, como o foram seus paqueras; de algum modo ou de outro, até os compromissos sociais tiveram sempre alguma ligação escolar.

Há também interesse de Taís pelo cultural. Ainda que não exista uma amiga ou um grupo que a arraste para essa preocupação, é forte seu interesse pelos eventos e acontecimentos.

Quanto às anotações sobre a escola, aparece com maior freqüência àqueles que causaram sentimentos fortes, como o resultado de uma prova, a insegurança frente uma nota baixa, uma paquera escolar, as semanas de provas, os simulados. Igualmente as exposições de trabalhos em grupo, feiras escolares, pesquisas na biblioteca, os jogos e campeonatos, as viagens de estudo, as tarefas de equipe sempre estão anotadas.

Também referente à escola são comuns anotações sobre a leitura de livros, como pequenos comentários, ainda que algumas dessas informações sejam apenas telegráficas; encontramos expressões como "fiquei lendo o livro" ou, ainda, "li à noite o meu livro".

Essas agendas não parecem ter finalidade específica para apontamentos escolares, trazem mais anotações do cotidiano da menina, pois não se encontra nelas as típicas tarefas escolares. Porém, nas duas primeiras agendas: fica claro que Taís utilizou em alguns momentos a mesma agenda tanto para a escola, como para relatar o que aconteceu com ela no dia-a-dia.

Enquanto escreveu a primeira agenda a autora ensaiou em um caderninho à parte um diário; ocupou-se pouco dessa tarefa e desistiu; logo depois tentou mais uma vez, escreveu apenas algumas linhas e deixou novamente, voltando ao exercício de escrever apenas agendas. Nota-se ainda que nessas duas primeiras agendas Taís teve maior preocupação com os apontamentos escolares, talvez pela vivência "social" com grupo de amigos ser menor, devido a pouca idade.

Transparece, portanto, nessas duas, em muitos momentos – um livrinho comum para anotações – seja por conversão da agenda escolar em agenda do cotidiano ou vice-versa. Misturam-se tarefas escolares de rotina, como o típico "para casa" e conjuntamente aparecem relatos dos passeios com a família, fatos ocorridos com a turma e outros acontecimentos na vida da menina.

Ainda, na primeira agenda já possível perceber algumas marcas de independência familiar em Taís. Com ênfase a menina relata que foi a lugares, sem a companhia da família, porém nas demais agendas esse enfoque de liberdade foi muito maior.

É a partir da agenda da 7ª série, quando muda de escola e cidade, com 12 anos, que Taís assumiu mais compromissos "sociais". Nota-se em seus escritos uma

mudança no enfoque, pois no novo ambiente foi mais fácil a locomoção, sem a necessária companhia dos pais; conquistou novos amigos. Tudo era novo e parecia não ter espaço dentro dela para tantas novidades. Mudou de professor de piano, foi ao inglês e à catequese sozinha; freqüentou clubes e, quase em todos os lugares, durante o dia, não precisava de companhia familiar. Antes, em Tietê, a qualquer lugar que fosse, necessitava dos pais; sua casa ficava distante do centro da cidade.

As orientações escolares, também foram outras, com a mudança de cidade. Em um novo espaço – Tatuí – a menina foi matriculada em uma escola com uma proposta pedagógica de orientação para o trabalho. Uma escola vinculada ao comércio e à indústria; muitos dos alunos são filhos de industriários, comerciantes, profissionais liberais e empregados na cidade de Tatuí. Ao observar suas anotações sobre escola, encontro a preocupação em dominar matérias específicas, tão estranhas para ela.

Nas escritas das agendas de Taís, da 7ª série em diante, vão se acentuando cada vez mais as anotações sobre o envolvimento dela com os amigos, as constantes paqueras, os novos passeios, na maioria das vezes sem os seus pais. A partir desta, as anotações típicas escolares, principalmente as listas de deveres diminuem muito; de fato, com certeza, Taís passou a dispor de outra agenda para anotações escolares.

É destacado em suas agendas aspecto marcante do cotidiano familiar, quer seja dos seus pais, como da irmã. Em nenhum momento, parece estar só com os amigos e a escola. Todos os passeios com a família são descritos e detalhados desde a saída até a volta, mostrando sua alegria e entusiasmo. São comuns expressões como "compramos isso, procuramos aquilo, fomos comer em tal lugar".

Portanto, as agendas da Taís são um lugar depositário dos seus sentimentos, dos seus protestos, das suas críticas; lá estão os seus gostos, as lutas, os trabalhos e brincadeiras, os muitíssimos sonhos, as intermináveis ilusões e decepções. Parecem retalhos do cotidiano de uma menina, desde quando entra até quando sai da adolescência.

Nesse lugar depositário Taís encontrou o espaço ideal para esbanjar franqueza e ousadia. Com sutileza, registrou o que pensava sobre o cotidiano; foi mais que um poeta fingidor!

Às vezes, o registro dos fatos procedeu-se de forma bem marcante, dá para vê-los pintados na frente dos olhos, porém, em outras páginas, um arrebol diluído com um desfecho esperado.

Quando esses fatos tomam maior importância para a vida da menina, esses registros aparecem não somente no dia do ocorrido. É possível acompanhá-los com suas marcas indeléveis por várias páginas durante dias, semanas, meses e até anos.

Foi, também, muitíssimas vezes, o registro de um protesto: A palavra correta para aquela determinada ocasião ficou agora anotada. Um protesto contra o mundo adulto não cadenciado ao seu, protesto contra a injustiça, à corrupção, protesto ao pré-estabelecido. Esse: não concordo, não aceito, não quero é forte nos seus apontamentos.

Taís é a narradora cronista de si, é uma equilibrista do cotidiano. Em suas agendas, tudo se torna possível: uma explosão de raiva, a expressão do não, da crítica, reviver os acontecimentos, modificá-los, recriá-los e transformá-los. Coreógrafa entre o real e o imaginário, seu texto parece um balé de sonho e fantasia, expresso com os mais variados recursos lingüísticos: alegorias, repetições, diminutivos, aumentativos, suspense. Tantos recursos, uns aprendidos, outros inventados, roubados de escritores e poetas; recursos reais ou sonhados para registrar outros sonhos, os seus sonhos.

Assim, ela, escritora do seu cotidiano, paradoxalmente dona e prisioneira dos fatos, registra hoje, argumenta no dia seguinte. Como a agulha do conto "Um apólogo", de Machado de Assis, sente-se muitas vezes "a serviço de linha ordinária". Então, Taís discorda de si mesma, refaz sua opinião. É crítica de suas próprias atitudes, de seus próprios registros.

Enfim, esse lugar depositário não é um lugar quieto. Há réplicas, existe o outro que emenda seus enunciados, que os contradiz, em outras ocasiões os aplaude e festeja. Esse outro que opina é real, vivo, não é fantasia.

Esses sujeitos, em certas circunstâncias, roubam um espaço no lugar depositário e marcam-no com uma frase, uma lembrança, bem freqüente no dia que aniversariam ou, se mais íntimos, ao visitarem a casa da adolescente. Mas o mais comum é deixar um papel escrito, que é anexado ao redigido pelo agente narrador.

Esses sujeitos falantes vão e vêm pela agenda; fazendo coreografias do cotidiano da adolescente.

Porém, é sempre ela, o sujeito agente, capaz de agir, e modificar; em cada página retoma o "plic plac" da agulha, bordando um texto, uma marca, uma pergunta ou resposta, ou até um espaço em branco.

Também é fácil perceber em suas agendas os textos saqueados de músicos, escritores, poetas e artistas do belo. Fica impossível folheá-las sem cantarolar. Ao virar cada página, uma letra musical, um lindo poema, aquela frase marcante – muitas vezes – até perdidas, fora do contexto. Parece que estava ouvindo a música, por isso, deixou aí marcada ou então, sem porquê mesmo.

É Vinicius, Djavan, Guilherme Arantes, Gilberto Gil, Caetano. Um espaço ideal para homenagear ao som do piano, do violão, da guitarra, do saxofone, da flauta, seus instrumentos preferidos, seus ídolos e a si mesma; no espaço sem censura de sua agenda. O amor à música clássica fica vinculado ao seu cotidiano, na paixão pela 40ª Sinfonia de Mozzart e na 9ª Sinfonia de Beethoven ou Concerto N°1 para Piano de Tchaikovsky, perdidas entre anotações sem compromissos, algumas tarefas escolares ou banalidades do dia-a-dia.

Nesse espaço de intimidade "perdem-se" gravuras de significação própria da menina, como fotos e paisagens. Uma imensidão de modelos de carros e máquinas do futuro passeia por toda a agenda; caminham entre flores, pássaros e casas. Acomoda-se nesses textos, várias gravuras, símbolos e signos de uma viagem a um porto muito seguro: seu eu, seu mundo.

Um grande desafio: Que olhar fará a leitura adequada dessas agendas, a fim de perscrutar a significação de tantas simbologias e interpretar essa riqueza de linguagem?

2 CARACTERÍSTICAS DE GÊNERO DO TEXTO

2.1 O interesse atual pela escrita do cotidiano

As agendas de Taís são escritas do cotidiano. A adolescente anota aspectos que julga importantes do seu dia-a-dia. Registra os fatos corriqueiros acontecidos na escola, na família, com os amigos e reserva grande espaço para expressar seus sentimentos em relação aos demais, à sociedade, ao mundo.

Muitas pessoas atualmente têm mostrado interesse pela escrita do cotidiano. É comum encontrarmos publicadas várias biografias, uma grande quantidade dessas são escritas de mulheres. Indivíduos considerados como importantes para a comunidade ou não, escrevem sobre si mesmos. Alguns deles exercem certa influência social, como políticos, artistas, líderes sindicais; há também biografias que são simplesmente de pessoas do povo.

Hoje, escrever agendas é moda entre meninas adolescentes. Esse costume permanece, apesar da facilidade do registro on line e, funciona como status entre elas; essa escrita "manifesta-se em um peculiar espaço textual e é o mesmo que motiva as garotas a consumir jeans, camisetas, topes, tênis e mochilas". (RAMOS, 2000, p.193).

A prática de escrever sobre si mesmo não é costume atual. Já, nos séculos passados, pessoas anotavam em cadernos ou folhas o que acontecia consigo mesmas. No livro Diário de Anne Frank (1974), uma adolescente judia relata com detalhes o tempo em que ela, sua família e a de Van Daan passam no Anexo Secreto, esconderijo em que permaneceram refugiados algum tempo durante a segunda guerra mundial. Através desse diário, é possível saber com detalhes o dia-a-dia do grupo, especialmente dos sentimentos desta menina naquele apertado porão, com medo dos nazistas.

A prática de escrever diários tornou-se igualmente comum nos conventos e seminários, sobretudo durante a idade média. Por isso, temos vários desses diários espirituais publicados, como o tão conhecido Diário de Santo Inácio de Loyola, e também o de Santo Atanásio. Esses enclausurados viam na escrita dos diários,

segundo Michel Foucault, momentos de meditação, um método de aliviar a alma das tentações ou como instrumento para confessar os pecados a um confessor. (FOUCAULT, 2000, p. 129-132).

Em várias obras literárias, os autores criam personagens que escrevem sobre elas, com essa capacidade, encontram formas até de guardar lembranças de si próprios. O escritor Machado de Assis (1881), em Memórias Póstumas de Brás Cubas, narra como defunto autor detalhes de toda uma vida. No papel do personagem Brás Cubas, por ser um defunto, com certeza sem implicações sociais, Machado critica os que vivem ao seu redor, satiriza costumes e faz protestos a respeito das estruturas da sociedade. Tudo isso de um modo cômico e repleto de ceticismo. Assim, ficamos presos na leitura de um livro de memórias, do qual podemos identificar peculiaridades da personalidade do autor e até nos possibilita colocarmos nesse papel.

Do mesmo modo que várias pessoas se interessam em escrever sobre si mesmas, e mostrar o gosto em guardar as lembranças do seu dia-a-dia, tem surgido estudiosos em pesquisar o porquê dessa prática, querendo investigar o conteúdo dessas escritas, o tipo de texto que as pessoas usam e qual a linguagem utilizada para esse costume.

Esse interesse fez um grupo de pesquisadores, a maioria mulheres, se unirem para investigar escritas de outras mulheres. Deste trabalho, resultou a publicação Refúgios do eu (referência). Nesse livro, Viñao faz um prólogo mostrando que o interesse em investigar a escrita pessoal está ligado principalmente à educação. Mas, de outras áreas e de diversos campos tem surgido pesquisas, sobretudo das ciências sociais, destacando biografias de pessoas do povo e interessando-se por dados das camadas menos favorecidas. Esses estudos investigam a escrita do cotidiano, do pessoal, do familiar, do privado e do íntimo. "A cultura escrita aumentou seu interesse pelos mais variados mundos das escrituras marginais, efêmeras, ordinárias e pessoais, assim como pelos processos de recepção e apropriação desses". (VINÃO, 2000, p.10).

Para Mignot, Bastos e Cunha (2000, p.17-25), a escrita autobiográfica não é só preocupação acadêmica, mas tem fascinado outros meios. Lembram o prêmio dado em 1998, na Espanha, pela revista Marie-Clarie e pela Calvin Klein Cosméticos, por ocasião do lançamento de um perfume. Concorreram 2.363

mulheres, com depoimentos que expressavam suas inquietações na virada do milênio. As autoras fazem um paralelo entre os textos das mulheres espanholas e os estudados pela pesquisadora Michelle Perrot (Apud MIGNOT; BASTOS; CUNHA, 2000), de mulheres que tinham medo de revelar-se em sua intimidade. Nessa pesquisa, as espanholas expressam seus sentimentos quanto ao corpo, à sexualidade, trabalhos domésticos e outros pontos.

As pesquisadoras refletem que os narradores autobiográficos, ao escreverem sobre si mesmos como em diário, carta, agenda, escrita on line, guardam não só os fatos acontecidos, mas colecionam todo um contexto de lugar, de tempo e de pessoas que conviveram na mesma época. Esses narradores produzem textos que são específicos dessa escrita e ao mesmo tempo exercem mais que um papel; colecionam retalhos, pedaços de outras histórias.

Segundo as autoras, a escrita de si mesmo tem chamado atenção, sobretudo de professores, esse tal interesse é expresso em grupos de estudo:

> [...] não é original no campo da história da educação, ainda é suficientemente novo, justificando a reunião, exibição e discussão de alguns trabalhos: o GEDOMGE (Grupo de Estudos Docência, Memória e Gênero), sob a coordenação de professores da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, reúne professores da rede pública e alunos da FEUSP. Esse grupo, em atividade desde o início da década de 90, vem trazendo contribuição para as pesquisas na área de história da educação, principalmente quanto à formação de professores. (MIGNOT; BASTOS E CUNHA, 2000, p. 24).

Para Viñao (2000), as pesquisas sobre escritas de si mesmo despertam interesse para três aspectos inter-relacionados: a. Os conteúdos que são trabalhados nos textos sobre escritas pessoais; b. O gênero das escritas de si mesmo; e c. A autoria que se apresenta de modo peculiar nas escritas de si.

a. **Os conteúdos**: Os conteúdos das escritas autobiográficas despertam interesse porque a narração torna-se objeto de referência além do eu que escreve. É importante analisar de que contextos provêem os temas, perscrutar o porquê das preferências do narrador pela temática escolhida, perceber a correlação dos escritos entre si.

Também, a escrita pessoal pode ser vista como fonte histórica, já que é impossível alguém escrever sobre si e permanecer alienado da interação social, política, econômica, histórica, cultural. Cada narrador de memórias arquiva enredos e enredos, histórias e histórias, relatos seus e de outrem.

Escreve Cunha, a respeito da utilização dos diários como fonte de pesquisa:

> Descobertos e utilizados como importantes fontes de pesquisa, os diários podem oferecer aos pesquisadores outras e novas versões/representações das práticas individuais, políticas e sociais de uma época, além de revelar interessantes histórias pessoais cheias de detalhes... Se o diário é ancorado na memória individual, esta é dada a ver pela linguagem, e cabe ao historiador enraizá-la no rol das múltiplas experiências sociais, para que cada memória pessoal possa ser vista e estudada como uma perspectiva da memória coletiva. (CUNHA, 2000, p.162).

Os conteúdos nos textos pessoais retêm representações que as pessoas fazem de si e de outrem, aprisionam acontecimentos do contexto real ou imaginário, que vivem.

b. **O gênero**: O gênero textual que guarda as lembranças de si mesmo é um gênero com características próprias. Viñao diz a respeito da escrita de textos pessoais:

> É um gênero textual com suas características próprias que é preciso estabelecer e delimitar. Em quanto tal possui umas formas (léxico, estilo, formas, etc) específicas que distinguem de outros. Por outra parte, possui uma materialidade. Isso obriga a esclarecer qual era sua bibliografia material, seus suportes e formas em que se materializa Tudo isso com o fim de mostrar as relações existentes entre as ditas formas e suportes, o tipo de documento, seu conteúdo e sua configuração textual. (VIÑAO, 2000, p.12).

A escrita de si mesmo tem chamado atenção, não só pelo tipo de texto, mas pelo lugar que as guardam. Estes objetos, capazes de preservar essas memórias também são lembranças, também são textos, porque nesses objetos é possível ler muita coisa. Essas escritas e estes instrumentos são textos com formas específicas, que as distinguem dos demais textos, pois se constituem de maneiras peculiares. Tanto os conteúdos, como a linguagem, assim como o objeto utilizado como suporte, são constituidores de significação.

Por isso, a escrita de textos pessoais suscita várias questões. Quanto ao suporte: apresentam-se desde em folhas soltas, em cadernos, como os diários ou as modernas agendas, e em escritas on line. Quanto às posturas dos narradores, geralmente femininos: o porquê dessa prática, o tempo histórico e social.

No dizer de Ramos:

> Entende-se: textos são sempre produto, diário é uma prática. Digo mais: numa perspectiva de compreensão das textualidades contemporâneas, ler as escritas de si, memórias, biografias, autobiografias, diários, é poder ir além do produto, é buscar o processo de significação, o próprio discurso numa prática significante. (RAMOS, 2000, p.191).

Assim, as escritas dos relatos, a linguagem com suas especificidades, a escolha do suporte ou o objeto do texto, tudo isso se apresenta inter-relacionado. Esses elementos fazem parte do dia-a-dia do narrador, refletem uma prática social, o costume e a forma de escrever de um determinado grupo social. O narrador, sujeito construtor de significados, possibilita sentidos a várias simbologias e representações sociais e pessoais.

Se, segundo Lacerda (Lacerda 2000, p. 84), a primeira característica da autobiografia é a postura da narradora no modo de testemunhar os relatos como depoimento "verdadeiro" e "fiel", com certeza a construção do texto é uma escolha de quem escreve. Portanto, só pode ser da narradora a escolha do lugar para ver e escrever o texto, dela a linguagem, o tempo, os adereços deste texto e, responsabilidade, sobretudo de quem escreve a escolha do objeto, que poderá ser um simples caderno, como uma moderna agenda de grife.

É o escritor que escolhe o instrumento ou suporte mais ou menos adequado, mais ou menos moderno. Por isso, o produto dessas escritas, traz características, que vão além dos conteúdos; são escritas com formatos das gavetas que as contém: sejam da folha solta, do caderno ou da agenda rosada da menina adolescente.

As escritas de memórias utilizam diferentes instrumentos para guardá-las. Disso se lêem significados distintos, que não só falam por si, mas marcam especificidades e contrastes próprios. No diário, a escrita segue as linhas e as páginas, não há separação de dia, mês, ano, determinando o espaço, interrompendo o assunto. Já nas agendas, de acordo com o espaço, os relatos precisam ser concisos, tem que haver uma economia métrica diária, pouco importando a existência de uma escala de valores nos acontecimentos.

As agendas de adolescentes com textos parecendo incompletos e com fragmentação guardam características do gênero, que é todo significado. Seja pelo produto escrito, pela linguagem que envolve e constituem as narrativas, como também pelo instrumento sustentando o texto. Ou seja, a agenda em si mesma, o próprio objeto é significação.

Nessa escrita das agendas de Taís, parecendo incompleta e um tanto fragmentada, consigo perceber que se manifestam várias vozes da adolescente:

- **a voz insegura da adolescente**: não é criança, não é adulta;
- **a voz um tanto truncada, da menina quase mulher**: tentando se colocar num mundo ainda governado pelo homem;
- **a voz crítica da estudante**: que sonha com uma profissão social reconhecida;
- **a voz pessoal da narradora, com personalidade**: dizendo o que deseja.

Nas agendas de Taís, posso ler a (meia) palavra, fruto de um dizer que, como outros, espreme-se entre ser a expressão de uma pessoa que não é criança nem adulto. É um cotidiano repleto do mundo pessoal e privado da menina: alegrias, choros e lamentos pelas conquistas, decepções e frustrações com os relacionamentos sociais/amorosos.

Em sua pesquisa sobre agendas de adolescentes, Ramos afirma:

> Constato inicialmente que dez entre dez meninas atrevidas podem ser ouvidas através de uma fala fragmentada que sai desse lugar tenso da contemporaneidade: uma nova versão dos diários ou cadernos, que em tempos passados abrigavam a intimidade inenarrável de jovens a ponto de descobrir o mistério do amor ou a angústia da solidão. Nas agendas modernas estão as excentricidades nem sempre reproduzíveis nas (im)possíveis memórias registradas nos diários, gênero freqüente na tradição histórico-literária. O desejo que antecede esse outro exercício de escrita, de certa forma narcísico e metalingüístico, manifesta-se em um peculiar espaço textual.Essa escrita é, na maioria das vezes, cifrada, e os significados nem sempre são explícitos. Até que a escrita feminina se apresente livre de subterfúgios criados no sentido de dificultar sua expressão, inúmeros mecanismos de poder serão acionados a fim de manter a mulher no domínio do privado. (RAMOS, 2000, p. 192-193).

O costume de algumas meninas de hoje fazerem agendas – uma prática de escrita própria de um gênero, com a propriedade de guardar o cotidiano, pode-se identificar várias características.

Nos relatos de Taís, e arrisco-me a dizer, de outras meninas adolescentes, cabem:

- **os enredos**, com seus episódios situados num tempo e espaço específicos de sociedade, escola, família, formação;
- **os temas e a visão de mundo** de um grupo de meninas de uma determinada época, com seus pensamentos, idéias e observações, opiniões e protestos, lembranças de um tempo histórico-social-político-cultural;

- **as estruturas livres do relato pessoal** sejam escritas cheias de sentimentos e de segredos, sejam brincadeiras de adolescente ou coisas de cotidiano;
- **a linguagem sempre informal** seja verbal, oral, escrita ou apenas simbólica, extraídas das propagandas, das músicas, do rádio, da TV, da Internet, sempre livres de regras e sem esquemas específicos;
- **as conversas de interlocutores do cotidiano**, especialmente de outros adolescentes: falas das rodinhas dos amigos, de outras meninas - que atualmente indicam para a comicidade – carregadas de malícia, sarro, risos e piadinhas;
- **as lembrancinhas** da escola, das festas, dos amigos, dos "ficantes" e namoradinhos: não só as falas, os costumes, mas objetos como o guardanapo aromatizado, o palito de sorvete, papéis de doces, flores e muito mais;
- **a reprodução de vivências adolescentes, reais ou fictícias** – um misto de verdade e de fantasias, daquilo que professam, sonham, planejam;
- **as marcas do pessoal** que, como narradora protagonista, deixa impresso nas escritas - um pedaço da menina adolescente, uma parte de sua personalidade;
- **a interação do eu do narrador e do outro**, geralmente o grupo do qual a menina participa: características nas marcas de um eu que fala no singular e no plural, porque a protagonista ora escreve por si, ora representa um grupo;
- **escritas, nada íntimas**: fatos do cotidiano, com data, nomes, endereços, já publicados;

c. **A autoria**. Na autoria das escritas de memórias o narrador é o protagonista, que se move entre o pessoal e o público. Vinão (2000, p. 13), esclarece:

> Atrás da escrita auto-referencial há alguém que escreve, um autor - si é possível utilizar aqui este termo – que se movimenta e em duplo plano, do pessoal/privado e do exterior/público desde o momento em que se decide a escrever e aceita, com todas as limitações que se queiram, que aquele que escreve pede ser lido por alguém.

Seja nos diários, nas agendas ou na Internet, o sujeito escritor sempre produz uma escrita nem tanto pessoal. Há indícios de exterioridade, de publicidade em

qualquer uma dessas escritas, já que os instrumentos que as guardam: pouco mais ou pouco menos íntimo, são passíveis de publicação.

Nos textos do cotidiano, o narrador relata o correr dos dias no singular; como personagem central; narra sempre de um lugar fixo, mergulhando nas suas percepções e sentimentos. Como escritor, nessa peculiaridade, estabelece relações com outros sujeitos, com outros textos; mas pode atuar tanto no singular, como no plural e vice-versa. Porque esse escritor esconde-se atrás de outros sujeitos, rouba vozes, representa, simula; produz relatos seu e não tão pessoais, num misto de verdade e de fantasia. Como protagonista, rico de expressividade, utiliza linguagem espontânea, informal, carregada de emoção e, se não tão suas, quase nada íntimas.

2.2 As memórias constroem a escrita autobiográfica

As pessoas que se dedicam às escritas do cotidiano sempre usam a memória para lembrar de tudo que aconteceu consigo mesmas. Às vezes, esse esforço é pequeno, pois os acontecimentos estão próximos. Outras vezes, para trazer de volta os fatos, o esforço é bem maior, porque as lembranças parecem perdidas num passado longínquo.

Os textos autobiográficos, também chamados de "memorialísticos" fazem uso constante da memória. Por isso, os narradores de tais escritas costumam ter bastante disciplina para esses registros, observando que é comum manter um horário diário para esta tarefa.

Esse processo de lembrar e de esquecer interfere na elaboração do texto, não apenas como algo que ficou faltando, mas como parte integrante do mesmo. Para Lacerda (2000), a escrita de memórias tem pacto com o presente, não importando o que faltou ou se não há exata expressão da verdade. Mesmo que exista compromisso com a verdade, essas escritas têm um aspecto de algo literário, porque, por assim dizer, encena; é um exercício de metamemória.

Na escrita on line, em meio eletrônico, a distância entre o acontecimento e o momento da escrita praticamente inexiste, tudo é simultâneo. É possível gotejar lágrimas do outro lado, assim como ouvir risos, soluços ou gemidos de prazer. Nas anotações em diários e agendas, os acontecimentos não são simultâneos nem

automáticos, mas não é tão passado, porque o esforço para recordar é pequeno. Mesmo assim, há neste caso muita interferência da criação do narrador.

O esquecimento maior ou menor, dependendo do tempo que se distancia do momento da escrita ajuda na elaboração do texto, porque [...] "assim os supostos lapsos de memória podem ser considerados não apenas como falhas ou rupturas do que se tenta apreender do passado, mas como partes do próprio texto". (LACERDA, 2000, p. 88).

Podemos considerar que certos detalhes das escritas sobre si mesmo são fruto da criatividade de seus autores. São aspectos fantasiados, mesmo que não inventados, para dar mais verossimilhança ao que se narra. Daí por que, Lacerda (2000, p. 83), considera que "o resultado dessa abordagem é um exercício de metamemória. O narrador, nesse caso, toma para si outros textos e outras memórias, assim recria uma nova verdade".

Segundo Lacerda (2000), os textos memorísticos trazem como características:

- **a construção de um discurso como depoimento "verdadeiro" e "fiel"**, o que faz com que as lembranças apareçam como produtos de testemunho ocular, apesar desse "discurso verdade" receber muitas interferências;
- **a dificuldade de quem escreve, de lembrar, no momento da redação**, certos detalhes do fato narrado e a condição de ser ao mesmo tempo personagem e narrador do texto imprimem a estas escritas marcas pessoais;
- **a memória individual do narrador** preocupa-se em trazer para seu texto lembranças históricas, sociais e culturais, manifestadas nas lembranças de outras memórias como documentos, fotos, matérias de jornal, outros textos;
- **a citação como elo de ligação entre o presente e o passado** (a citação traz aos textos a posição dos escritores frente a essas lembranças);
- **os motivos que levam os escritores de autobiografias lembrarem** e guardarem os acontecimentos narrados, deixam nos textos características específicas (nostalgia, melancolia, frenesi).
- **na reconstrução das lembranças**, as histórias são recontadas, pautadas, sobretudo em momentos de festas (eventos populares, rituais escolares, celebração religiosos e familiares).

Nas agendas de Taís o tempo entre a anotação e o ocorrido é curto. As modificações nos fatos geralmente não ocorrem por falta de memória, são seleções ou criações feitas pela narradora.

2.3 As marcas do feminino nas escritas do cotidiano

O texto biográfico pode ser escrito por narradores de ambos os sexos, mas são as mulheres que mais freqüentemente se dedicam a essa escrita, devido às especificidades de produção e das formas de reprodução da cultura na sociedade contemporânea.

Escrever sobre si mesmo é um modo de rememorar, recontar, organizar tarefas de modo geral relacionadas ao sexo feminino. Culturalmente atribui-se à mulher os atributos de amiga, companheira, sendo assim mais compreensiva, principalmente quanto a repartir sentimentos. Dela, a sociedade espera, direta ou indiretamente o silêncio, a submissão.

O ato de escrever sobre o dia-a-dia, exige persistência, organização, repetência de atos. Estas virtudes estariam muito mais ligadas ao feminino, porque continuamente há uma repetição nas tarefas do lar, ordenando e arrumando sempre do mesmo modo – tarefas atribuídas à mulher. Se essas tarefas são consagradas culturalmente como "coisas de mulher", igualmente a capacidade para organizar repetidamente um mesmo tema, escritas de um mesmo modo, repetidamente.

Várias mulheres recorrem à escrita como sua confidente, atribuindo-lhe o papel de escutá-la, compreendê-la e, calada, amenizar suas dores, acalmar suas ansiedades, compartilhar dos seus sonhos. Às vezes, o diário recebe até um nome, como ocorre com o diário de Anne Frank, que atendia por "Kit".

O instrumento de escrita pode assumir o papel concreto de um amigo confidente. Quando o narrador se obriga a escrever, proporciona-lhe sentimento de realidade, pois a escrita de si, nesses casos [...] "atenua os perigos da solidão; dá o que se viu ou pensou um olhar possível". A tarefa de escrever sobre si mesma funcionaria, desta forma, como um remédio interior, como [...] "uma arma do combate espiritual, que cura os males da alma e conforta o espírito". (FOUCAULT, 2000, p.130).

A escrita autobiográfica pode trazer à tona as realizações pessoais, fazendo a pessoa que escreve acreditar que realmente é capaz de vencer, de transformar; tamanha a identidade que encontra com o ouvinte. Por isso, o ato de registrar o dia-a-dia pode se tornar uma tarefa prazerosa e contínua; estimulando a repetição.

Ainda, segundo Lacerda (2000), a meditação que uma pessoa faz sobre si mesma é outra conduta atribuída à mulher, porque esta estaria mais ligada à subjetividade e a remoer em seus pensamentos o que acontece sobre o cotidiano. O instrumento de escrita, como ouvinte concreto, de imagem real, proporcionaria, nesse contexto, a possibilidade de compartilhar (com o outro – eventual leitor imaginário) diversos temas, sem bloquear nada, especialmente sobre sexo, já que à mulher cabe ser velada, comedida a esse respeito.

Nesse espaço de escrita, a mulher que conta de si mesma pode colocar o real e o imaginário, construindo um subjetivo com feição de verdade. "A sexualidade feminina revela como um dos temas mais dissimulados, ora através do silêncio ou do silenciamento imposto culturalmente". (LACERDA, 2000, p.88). É bom lembrar que, se para o masculino dizer tudo o que pensa sobre sexo é ato heróico, para a mulher, muitas vezes, a escrita pessoal assume o instrumento de compartilhar de suas emoções e, por que não, de algumas alucinações.

Nas agendas de Taís é possível observar uma luta para quebrar esse paradigma.

2.4 As estruturas das narrativas do cotidiano

As escritas do cotidiano (também nas agendas) são uma espécie de narrativa. Uma crônica, um relato em que o escritor apresenta seu dia-a-dia com uma visão mais subjetiva do que realmente concreta. Obedecem, em linhas gerais, o esquema do conto e ou da crônica:

a. **Narrador**: O narrador é sempre de primeira pessoa, com capacidade de só não dar vida à própria vida, mas de criar características insondáveis para a personagem principal, protagonista de sua própria história. "O modo de narrar em primeira pessoa cria um efeito de subjetividade maior que o modo em terceira

pessoa. (...) O narrador está envolvido com os acontecimentos" (Platão e Fiorim 1998, p.139).

Nesse contexto é possível depreender que o narrador, escritor de si mesmo, tem a capacidade de manipular os acontecimentos, pois há um regulador emocional seu, que determina para onde se dirigem os pontos de maior ou menor complicação da trama e pode dar assim o fecho que melhor lhe convier.

b. **Tempo:** O tempo nas escritas do cotidiano geralmente é o agora, pois a preocupação está em contar como foi esse pequeno espaço de tempo ou relatar sobre um passado próximo. Porém, ao narrador de primeira pessoa, sobretudo aqui, na escrita autobiográfica, sem perder seu objetivo, que é o presente, num piscar de olhos, vai para o passado e para o futuro, retornando sempre ao hoje.

c. **Enredo**: Nessas narrativas, os conteúdos são os fatos ou acontecimentos mais marcantes do dia-a-dia do escritor, o cotidiano familiar, o convívio com os amigos. Também faz parte do enredo tudo que está ligado com a emoção, como os sonhos, as impressões, os sentimentos. Portanto, um misto de concreto e de subjetivo.

d. **Personagens**: No centro da trama está a pessoa que se conta, como personagem principal de si mesma. Depois, vêem as pessoas próximas, os familiares, os amigos. O escritor pode criar personagens fictícios, ora extraídos do cotidiano, hoje também da mídia, dando a todos real matiz de identidade.

e. **Cenário**: Os espaços privilegiados são os do próprio cotidiano: a casa, os lugares que freqüenta; também cenários de ficção, roubados de outrem, até de novelas, filmes ou resultantes de pura imaginação.

Nessa dimensão, conclui-se que pensar sobre o cotidiano, escrever sobre o que acontece no dia-a-dia faz parte da visão de mundo do escritor. Essa preocupação pode ser observada em muitos temas trabalhados pela música, na pintura, na dança e na arte. As pessoas estão centradas no momento presente, pouco se planeja para um futuro distante. Os meios de comunicação trabalham as temáticas com esse enfoque e também reforçam para o meio, da qual as pessoas assumem com força em suas vidas: o valor do presente.

Os temas que fazem parte do cotidiano, os conteúdos das conversas, que saem das próprias pessoas ou do seu meio, vão para a tela da TV e retornam à

população, circulam num vai e vem, construindo várias representações. Alterna-se ficção e realidade continuamente.

Essa possibilidade dá à Taís, narradora de agendas, pincelar suas escritas com um quê de literário e verídico ao mesmo tempo. Alterna ficção e realidade continuamente. Nessas narrativas do cotidiano, portanto, conta e reconta cada dia sobre o personagem principal: a vida da própria narradora. Progressivamente, como um pano novo, a escritora começa uma nova costura, marca ponto a ponto, ainda que aplique remendos de outros dias. Um texto diferente, mas fácil de emendar com retalhos de ontem ou com o presente, seja igualmente do rádio, TV ou Internet. Uma escrita simples de modular, de acrescentar, como também de desmanchar ou substituir, uma história pronta para ser outra narrativa, outra crônica.

2.5 A escrita autobiográfica: uma comunicação verbal

Segundo Bakhtin (1992), a pessoa escolhe do seu meio as palavras e as expressões mais adequadas para criar o seu texto. A palavra é um produto de troca na interação social e, nessa riqueza de linguagem. O falante faz a opção não somente pela palavra, mas pelo gênero do discurso, o de melhor significação a cada momento do cotidiano.

Para cada contexto, o indivíduo cria condições para ser ouvido e entendido, esse querer-dizer consegue ser significativo sempre, porque essa forma de se colocar não é aprendida, mas internalizada no próprio grupo.

Se dispusermos dos gêneros criativos para a comunicação, aprendidos entre as pessoas que convivemos, sempre encontramos a melhor forma para nos comunicar, a fim de sermos escutados e compreendidos. "Esses gêneros do discurso nos são dados quase como nos é dada a língua materna". (BAKHTIN, 1992, p. 301).

Em cada circunstância, procuramos novas maneiras para expressar as idéias, sentimentos, a fim de substituir expressões padronizadas, desgastadas ou que já caíram de moda. Por isso, a comunicação é dinâmica, substituindo ou emprestando termos, quando isso é necessário, a fim de as palavras signifiquem os pensamentos

do falante ou escritor. O indivíduo faz um trabalho contínuo no meio que vive para constituir a linguagem.

> [Esse] trabalho não é nem um eterno recomeçar nem um eterno repetir. Por ele a linguagem se constitui marcada pela história deste fazer contínuo que a está sempre constituindo. O lugar privilegiado deste trabalho é a interação verbal, que não se dá fora das relações sociais, de que é apenas um tipo, essencial é bem verdade. (GERALDI, 1996, p. 18).

Segundo Geraldi (1996, p.19), tanto a língua como o sujeito, são constituídos nos discursos que se estabelecem na interação social. Nesse trabalho com a língua, a pessoa aprende a cada dia, assim como essa mesma língua adapta-se ao sujeito. [...] "esse não é o trabalho de um artesão, mas um trabalho social e histórico seu e dos outros e para os outros e com os outros que ela se constitui".

A intertextualidade cria novas formas para dizer o novo, confirmar o dito, assim como para "querer-dizer". Por isso, o texto traz informações que estão bem explícitas e outras nem tanto. É preciso descobri-las nas entrelinhas, subentendidas ou deduzir pelo que veio expresso anteriormente.

Bakhtin, (apud BRANDÃO, 2000), insiste no fato de que o texto é um "produto de interação social":

> Cada palavra é definida como produto de trocas sociais, o enunciado está ligado a uma situação material concreta assim como ao contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma comunidade lingüística dada. Insiste sobre a diversidade dos atos sociais emitidos pelos diversos grupos e conseqüentemente sobre a diversidade das produções de linguagem: língua de trabalho, língua das anedotas, gírias, provérbios, narrações literárias, jurídicas etc. constituem sistemas diferentes e atestam um polilingüismo fundamental. (BRANDÃO, 2000, p. 37).

Essa riqueza social proporciona um produto, um texto com capacidade para efetivar a comunicação em qualquer circunstância, ainda que o indivíduo não domine a estrutura gramatical ou não saiba como se constitui a estrutura do discurso. Assim:

> A riqueza e a diversidade da obra neste universo "poli lingüístico" são infinitas, mas organizadas. Cada esfera de utilização da língua elabora, segundo Bahktin, tipos relativamente estáveis, isto é, gêneros do discurso que se caracterizam pelos seus conteúdos e pelos meios lingüísticos que eles utilizam. No quadro da atividade de linguagem, a adoção de um gênero de discurso é uma escolha que se determina em função da especificidade de uma esfera dada da troca verbal [...]" . (Apaud BRANDÃO, 2000, p.37).

Dessa afirmação, conclui-se que, no dia-a-dia, o indivíduo procura encontrar meios que seja o melhor para se comunicar em um determinado assunto e, nas novas situações copia o modo como as pessoas já fazem. Por exemplo, quando alguém vai ao velório, as palavras e comportamentos são bem diferentes dos

cumprimentos em um aniversário, mesmo que este nunca tenha estado em um velório antes.

Também Bahktin (1992) nos diz que o "querer-dizer" de um indivíduo "se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso", porque: depende sempre da "especificidade" da fala ou da escrita, assim como, das "necessidades" de "querer-dizer" algo. Ou, ainda, dos "parceiros" que estiverem presentes, assim como, a quem se dirija o assunto. Na vida cotidiana encontram-se formas para [...] "esse querer-dizer do locutor acima de tudo na escolha de um gênero do discurso. Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos parceiros, etc." (BAKHTIN, 1992, p. 300-301).

Portanto, o uso dos gêneros do discurso, tanto oral como escrito, sempre encontramos subsídios no meio que vivemos, quer seja imitando outras pessoas, copiando dessas, utilizando-se de seus discursos ou parodiando-os. Essa prática é feita de "forma padrão", mas não "cristalizada". O indivíduo amolda sua linguagem para cada circunstância. (BAKHTIN, 1992, p. 302).

As pessoas, ao procurarem organizar seus discursos, fazem-no de acordo com a realidade em que vivem, dependendo de sua visão de mundo. Por isso, observamos maneiras próprias de se comunicar em cada época, estilos individuais, específicos, mas que aos poucos percebemos que não eram tão específicos nem poderão continuar tão específicos, porque são produtos sociais.

No cotidiano, essa linguagem caminha da comunidade para os meios de comunicação e vice-versa. Se os discursos são organizados a partir de como as pessoas vivem a realidade, falar ou escrever sobre o dia-a-dia também faz parte do hoje. Por isso, nas agendas de Taís esse processo está estampado em cada página escrita.

2.6 O "eu" com outros "eus": construção da linguagem

A construção de sentido dos textos escritos, quando se consideram valores ou visões de mundo, não se dá apenas com a posição do narrador, ainda que sejam

relatos íntimos ou apenas coisas pessoais. Os escritores fazem parte de um contexto social, que de diversas formas interferem, ajudam, ampliam ou modificam os seus posicionamentos.

Os textos, neste aspecto, se constituem com a participação dos sujeitos que fazem parte da vida do narrador, direta ou indiretamente, pois, outras vozes sociais opinam na concepção de mundo de quem escreve, construindo sentido e valores. Os conceitos de bom, de ruim, do que é válido ou não, estabelecem-se no contexto histórico-social dos indivíduos.

No dizer de Bakhtin, a palavra vai adquirindo seu significado, seu valor, a sua expressividade, dependendo do contexto histórico que ela esteja inserida. Portanto,

> [...] a época, o meio social, o micromundo – o da família, dos amigos e conhecidos, dos colegas – que vê o homem crescer e viver, sempre possui seus enunciados que servem de norma, dão o tom". (BAKHTIN, 1992, p. 313).

As interferências dos indivíduos, os discursos prontos, as concepções de mundo nas mais diversas instâncias, principalmente as presentes nas divisões de classe sempre participam da construção de um texto. Porém, as interferências da educação familiar, assim como seus costumes agem de modo peculiar nas escritas pessoais. Apesar dos escritores gozarem de maior privacidade, as posições sociais, principalmente de família aparecem fortemente nas escritas de si mesmos. Muitas representações sociais são estampadas nessas produções, ainda que estes textos sejam de decisão individual, nunca são totalmente imparciais.

Porém, com certeza, na produção mais íntima dos discursos – como nas escritas pessoais – por haver mais individualidade, o narrador cria e inventa mais. Portanto, é um discurso à moda do literário, um tanto representado, simulado ou ainda, um tanto mais fingido.

Taís, escritora de agendas, guardou nas suas agendas não somente o seu eu, mas outros tantos eus, que contribuem, interferem e caracterizam essas escritas.

2.7 Registro do cotidiano: diário e agenda

Geralmente os escritores de si mesmos separam um caderno específico para a tarefa de escrita; escolhem os instrumentos como caneta ou lápis, cores e outros

recursos. Nestes textos guardam os fatos do cotidiano, sejam grandes acontecimentos ou as mais triviais lembranças. Buscam no contexto social os elementos capazes de cumprirem essa função. Seja um simples caderno ou uma linda agenda emborrachada, pois já é comprovado que as folhas soltas são menos adequadas, há uma preocupação em que não se perca o que se escreve.

Chartier (1999, p. 99), ao escrever sobre as inquietações com a cultura escrita, chama a atenção para o fato de que a primeira desta inquietações [...] "é o temor da perda; [...] contra os desaparecimentos sempre possíveis, trata-se de recolher, fixar e preservar".

O caderno assegura a ordem das escritas. As folhas não sairão do lugar, como também se constituirão na garantia de continuidade ao texto. No caso do diário, o caderno possui uma ordem numérica na paginação. Na agenda, há o espaço delimitado com calendário, ajudando a assegurar o sentido e evitar a dispersão.

Se, para o querer-dizer no papel é importante a escolha das palavras e do gênero, também os suportes da escrita são fundamentais. Dependendo desses suportes, adequamos a linguagem; mais sóbria, formal, ou um tanto des(formada), solta e lúdica, pois assim como o "caderno" e a "caneta", a linguagem é recolhida do cotidiano da pessoa.

Há, nesse contexto, uma relação entre caderno / caneta / linguagem e uma certa correlação entre diário e agenda e, ao mesmo tempo dicotomias. Se Viñao, (2000, p.12 -13), constata que os interesses relativos às escritas pessoas se dirigem aos três aspectos inter-relacionados: conteúdos, gênero textual e autoria, penso que, ao buscar correlacionar diário e agenda, devo igualmente considerar identidades, analogias e antagonismos.

a. **Conteúdos dos diários e agendas**: tanto o diário como a agenda traz anotações de escritas pessoais, com características à primeira vista comuns. Os dois suportes guardam lembranças de acontecimentos diários, relatadas com as marcas de quem escreve; reconhece-se época histórico-social, culturas, costumes e modismos.

b. **Costume de época**: com as especificidades das escritas femininas pode-se observar que tanto os diários, como as agendas fazem parte de um costume, de

uma moda de uma determinada época, porque [...] "textos são sempre produto, diário é uma prática". (RAMOS, 2000, p.191).

c. **O objeto da escrita**: em folhas soltas, cadernos, cadernetas ou em sofisticadas agendas, o conteúdo é, por assim dizer, o mesmo, mas a emoção é outra, porque é bem diferente o objeto que a recebe e segura.

Para a pessoa que escreve em cadernos com folhas brancas costuradas, com capas de cartolinas, ainda que estas sejam coloridas ou desenhadas há a sensação de espaço, conforto, beleza e liberdade. Não há amarras quanto à distribuição, escreve-se quanto se quer; a progressão do texto desliza sem freios, a continuidade de linhas pede uma escrita contínua; a linguagem torna-se mais formal; dispensa-se o enfeitar ou resumir. Para essa escrita, serve uma caneta azul ou preta, no máximo, talvez mais uma cor para marcar o início de um novo dia. O caderno ou diário é um instrumento para depois de escrever, guardar; não se costuma passear com o diário, é uma peça íntima.

Diferente é a sensação de uma escrita em agenda, que vem com data marcada para cada dia, espaço definido. É preciso condensar, resumir, escolher. Há limites para as expressões da narradora. Folhas com cores, desenhos, perfumes, pedem uma linguagem mais lúdica, mais alegre, mais enfeites. Escrever na agenda é convidativo. Além da caneta azul ou preta, outros recursos, como as hidrocores, os lápis coloridos, desenhos, figuras e objetos. Capa dura em couro, emborrachada, plastificada, muitas vezes com estojo ou bochete para guardá-la. É uma peça da moda e, por isso, é bom passear com ela na mão, mostrar que se tem, comentar sua marca e, nas festinhas de final de ano, pedir uma de presente; não é assim um objeto tão íntimo.

d. **Linguagem do cotidiano**: tanto no diário como na agenda os modos de expressar é do contexto, do cotidiano, do lugar que vive a pessoa. A linguagem figurada é um costume muito antigo na linguagem do cotidiano, como nos mostram as escritas milenares das sagradas escrituras, com sua riqueza de comparações e parábolas. Esse artifício para enriquecer a comunicação é usado tanto no diário, como na agenda, já por ser uma linguagem do cotidiano.

O que mais chama a atenção nas escritas de agenda são as marcas simbólicas da linguagem: é uma escrita repleta de um misto de escrever, pintar e brincar. Para esse querer-dizer há muito mais jogo com o lúdico nas agendas que

nos diários. Por outro lado, não se pode esquecer que essa escrita brincalhona na agenda é favorecida pelo suporte e pela moda; sobressai uma mescla de escrita formal, expressões da oralidade e costumes adotados e estereotipados pelos meios de comunicação, como também recursos utilizados pela arte, de modo geral.

Nesse contexto, consigo estabelecer um certo paralelismo entre as escritas no diário e na agenda:

• **Os diários vêem de há mais tempo** se colocando na comunidade de escritores e leitores; pode-se pensá-los como pertencentes a um gênero mais nobre; as agendas têm menos que um século de existência. Há poucas pesquisas a seu respeito; de certo modo, pertencem ainda a um gênero menor.

• **São um tanto polivalente os diários**, pois guardam vidas de nobres, de santos, de velhos, de novos, de políticos e até de pessoas do povo, indistintamente de homens e de mulheres; nas agendas, crê-se que se guardam bagatelas e futilidades do dia-a-dia, "sonhos e fantasias" de meninas mulheres adolescentes, sobretudo.

• **Nos diários o espaço não é demarcado** (escreve-se quanto quer e quando for interessante), nas agendas, com o espaço demarcado, há uma rigidez tanto quanto ao espaço, como quanto a uma certa obrigatoriedade de todo dia dizer-se algo ou escolher qualquer coisa, a fim de preencher o espaço vazio.

Posso igualmente alinhavar, de acordo com a competência desse gênero de textos, características bem específicas das agendas. Vejo esses objetos como sendo uma prática livre de escrita, que qualquer um pode fazer:

• **liberdade para o conteúdo**: pode-se escrever sobre qualquer tema, variar, repetir, copiar;

• **esquemas livres**, que lembram cartas, bilhetes, recados (geralmente para si mesmo), depoimentos e relatos;

- **espaço determinado para pequenos textos**: escreve-se de modo resumido, objetivo, curto, sem regras gramaticais e sem esquemas determinados; pode-se mudar sempre;

- **aceitação de outros discursos**: pode-se construir com letras de músicas, de jornais, de revistas, poesias, horóscopos, receitas de beleza, simpatias, gravuras, e-mail, cartões, fotos, selos, qualquer correspondência;

- **escrita pessoal, ainda que não tão íntima, a ponto de poder ser mostrada a alguém**: é um espaço para relembrar, criticar, reivindicar, sonhar, criar e mentir;

- **interface para outros produtos**: tanto os textos a enviar, como os que se recebe podem ser colados, impressos, escaneados, fotografados, xerocopiados;

- **aparência personalizada**: há vários estilos, cores tamanhos variados, diversos modelos, de acordo com o gosto do dono do objeto;

- **formato adequado para um tanto de escrita**: diferente e parecido com caderno: espaços demarcados com calendário de dia, mês, ano, endereços; há para comprar de acordo com idade, personalidade ou gosto;

- **papel adequado**: aceita lápis, caneta, qualquer tipo de tinta e de cola, conforme gosto ou necessidade;

- **aprendizagem instantânea**: dispensa regras, professor, provas, avaliações e nota; aprende-se fazendo;

- **capacidade de proporcionar bem-estar; esta tarefa produz**: prazer, emoção, diversão, brincadeira, relaxamento;

- **economia de tempo; é uma atividade que se produz no paralelo**: quer seja um trabalho ou uma brincadeira, pode-se ao mesmo tempo ouvir rádio ou TV, brincar, conversar ou cantar;

- **objeto versátil de escrita**: pode-se fazer no quarto, copa, jardim, na escola, na casa de outrem, em viagens, em mesas, bancos, no chão;

- **características de privacidade**: dá para ser escondido, fechado, guardado;

- **aparência de acessório**: um objeto que entra bem na escola, na roda das amigas, nas viagens;
- **possibilidade de modificar o escrito**: pode-se rasurar, apagar, corrigir, passar branquinho, colar em cima, pular ou arrancar folhas; assim como acrescentar palavras, expressões e até páginas inteiras, quando se acrescenta outras folhas;

Concluindo. Pode-se dizer que as escritas na agenda são práticas do cotidiano, que se aproximam do processo da fala; saem naturalmente, como brincar de casinha de bonecas; é um jogo sério de brincar. Vai-se inventando e, nesse criar, Taís encontra formas de dizer sobre si e sobre as outras pessoas. É um modo de interpretar os fatos e o mundo; sobretudo, um colocar-se passo a passo numa construção contínua de significação, que são suas opiniões, seus sentimentos. É um exercício diário para dar sentido ao mundo e não ser peça deste, fazer-se pessoa capaz de modificá-lo, torná-lo mais expressivo e colorido.

Esse querer-dizer de menina-adolescente, intertextualizando com outras opiniões, com outros textos, acaba no resultado das suas escritas, que não são só suas, mas de outros também. Entretanto, como protagonista da narrativa, ela assume o texto todo, arrastando outras opiniões, outros sentir, outras escritas, e fecha-as nas suas agendas. E, é por isso, que nessas escritas de Taís existe um trabalho brincalhão com o cotidiano, sem economia do simbólico e das opções todas para se construir textos. Com uma linguagem muito poderosa ela consegue interagir e construir sentidos. É o poder de dizer de si.

3 A AVENTURA DE ENSINAR LÍNGUA PORTUGUESA – DAS AMARRAS À LIBERTINAGEM X UMA PROPOSTA (SÓCIO) REFLEXIVA

Perguntava-me ao folhear as agendas de Taís, se a formação escolar da estudante, com suas metodologias, materiais pedagógicos, professores, projetos e, sobretudo o conhecimento e o ensino de língua portuguesa, tiveram interferência significativa nessas escritas. E, em caso afirmativo, quais seriam essas marcas, assim como sua intensidade.

Observo, que, de modo geral, as instituições escolares guardam um fazer tradicional, tanto quanto a organizar os currículos, como no modo de trabalhar com os conhecimentos e ações do seu cotidiano, apesar de algumas inovações.

3.1 A escola nas amarras da tradição

A escola contemporânea, apesar dos avanços conseqüentes das propostas metodológicas desenvolvidas nos últimos 30 anos, porta-se como reprodutora de estruturas sociais. Não causa estranheza que o chavão "escola é sempre escola" continue em moda, pois esta pouco se diferenciou ao longo dos tempos.

As mudanças ficam mais na roupagem: como local, móveis, conteúdos e acomodação de metodologias. A maior diferença transparece por conta do discurso, mostrando-a nova, atual, mais ou menos participativa, vestindo máscaras de menos autoritária. Permanecem, contudo, os modelos de ensino, o modo de organizar as grades, o trato com as disciplinas.

Segundo Lúcia Bruno (1996, p.13), dos anos 90 para cá, o que se discute é que a escola precisa educar para a competitividade. Com a integração econômica mundial, o trabalhador passa a ser explorado, não mais na sua força manual, mas no componente intelectual e a escola se disponibiliza para essa tarefa.

Muitos, em busca da competência escolar, ou seja, ascensão social – examinam só a aparência física, organizacional e tecnológica, rotulando de fachada de qualidade. E, esse olhar, quase sempre é o resultado do montante de conteúdos;

distribuídos em modernos apostilados, com CD, livros literários, cadernos extras e outros manuais.

Oliveira (1996, p. 60 - 70), chama a atenção para o fato de que [...] "certas inovações nos processos produtivos tornam-se norma geral e a luta pela produtividade tem levado o Estado Amplo a exigir Condições Gerais de Produção capazes de dar propulsão à concorrência intercapitalista em novos padrões" (p. 69 e 70). Tanto o Estado, como qualquer empresa recorre a todos os meios a fim de sobreviver nessa disputa de poder, e é por isso que:

> [...] temos assistido a apelos dos empresários e seus gestores com relação a uma preocupação de cunho social que até então não interessava aos mesmos. Tais preocupações, que convergem em torno de um direito social (muito pouco levado a sério até agora) que é a de educação básica para todos os "cidadãos" brasileiros, a nosso ver não significam que essas classes dirigentes ensandeceram, e da noite para o dia passaram a lutar pelo direito de as "camadas populares" usufruírem de certos acessos. Não foram as classes capitalistas (os empresários e seus gestores) que passaram a preocupar-se com os direitos sociais das camadas populares, conforme muitos discursos propalam, mas a necessidade de tornar consensual uma condição sine qua non à realização da produção capitalista. (OLIVEIRA, 1996, p. 70).

Há várias causas para que a organização escolar continue nas amarras da gestão tradicional. Destaco algumas que merecem maior reflexão:

a. **Formação tecnicista da sociedade** – Há um discurso idealista que mostra que a escola é capaz de oferecer às crianças, adolescentes e jovens um bom emprego, um lugar social de qualidade e, com isso, situação financeira segura. Em nome desse discurso, pais reivindicam para seus filhos a aprendizagem desse ou daquele conteúdo, de modo concreto, simples, de preferência no menor tempo possível.

b. **A mídia, como ponte de ligação** – Entre o sistema social vigente e a escola existe uma ligação, que fica a cargo da mídia, cabendo-lhe a função, de junto à população, conseguir aprovação ou desaprovação. Com o discurso, os meios de comunicação requisitam uma escola que esteja sempre em consonância com o social, o político e o econômico.

c. **Políticas governamentais de aparências** – Por sua vez, o discurso oficial promete mudanças, ainda que muitas vezes sejam propostas excludentes, com fachadas de solução. Publicam-se porcentagens de mais "alfabetizados", escalas de doação de pratos de sopa, e copos de leite, assim como propagandas de atendimento a projetos sociais. E, com esta escola de tradição há um jogo contínuo,

que acaba sempre trazendo melhores postos de trabalho aos da elite e, por sua vez, ao pobre, a esperança de que sobre, talvez, um encaixe qualquer no sistema estabelecido.

d. **Uma sociedade que compactua** – Nesse jogo, a sociedade acaba compactuando, por interesse ou incapacidade de reverter a situação. Alimentadas por uma cultura tecnicista e catequizada por um discurso de promessas governamentais, as pessoas aceitam e colaboram, quase indistintamente, para que a escola permaneça nos moldes da organização de divisão de classes.

e. **Formação acadêmica** – Vem colaborando com essa tradição escolar a formação dos profissionais da educação. Igualmente, como no mesmo esquema de divisão de classes, os professores se encaixam nas escolas mais ou menos de acordo com as instituições que se formaram. Aos melhores preparados, escolas mais elitisadas, com melhores salários e aos profissionais com piores qualificações, sobram-lhes educar camadas menos favorecidas.

A gestão escolar de caráter tradicional assume, conforme as necessidades capitalistas feições modernas. Exemplo comum é a Qualidade Total, aplicada às empresas e também às instituições de ensino, ainda que por vezes recebam nomes que pareçam remeter somente ao campo administrativo educacional.

Na avaliação das escolas, de nível universitário ou não, a instituição que consiga maior investimento de capital terá melhor conceito (e aqui valem não só os bens materiais, mas a formação que tiveram seus alunos no decorrer de suas vidas).

As escolas, a exemplo das organizações do capital, promovem com os alunos avaliações, viagens de estudo, olimpíadas de matemática ou física, testes vocacionais, gincanas e jogos em que o poder aquisitivo determina o resultado da competição. Pode-se tomar como exemplo as olimpíadas desse ou daquele conteúdo, promovidas pelas empresas de apostilados, de algum modo apadrinhadas ou submetidas, muitas vezes, às instituições universitárias estaduais. São distribuídos, nessas ocasiões, medalhas de bronze, prata e ouro aos competidores.

Mede-se avaliação, com estas atitudes, por conceito tradicional:

> O que é esse padrão previamente estabelecido? Sabemos que a avaliação formal em nossas instituições de ensino implica o privilégio de determinados conteúdos, excluindo outras práticas culturais, outras realidades de vida. Dentro de um sistema de ensino

> unificado, centralizado, como é o caso brasileiro, essa valorização de certos conteúdos generaliza na diversidade uma realidade particular, expressando uma relação de poder que se justifica através de uma "roupagem" técnica em que os méritos são distribuídos como neutros e isentos. (OLIVEIRA, 1996, p. 83).

Essa escola tradicional adentra o novo século com matizes modernos de gestão empresarial, buscando competitividade, tanto para profissionais, como para alunos. A bandeira do domínio às novas tecnologias, necessárias para o mercado de trabalho, tendem a permanecer. A escola continua a serviço dos produtores de bens, das empresas, para poder moldar alunos para a "mais valia", agora já não para a especulação da força física, mas a competência intelectual.

3.2 Discurso de construção x práxis

O discurso escolar propõe ao aluno: construção da cidadania, educação crítica, uma formação de indivíduos como sujeitos de suas vidas e da sociedade. E, com propostas pedagógicas de construção do conhecimento, tende-se sempre a mostrar uma escola transformadora. É o discurso escolar.

> Aceitar que existe uma cultura escolar significa trabalhar com o suposto de que os diversos indivíduos que nela entram e trabalham adaptam seus valores aos valores, crenças, expectativas e comportamentos da instituição. Adaptam-se à sua cultura materializada no conjunto de práticas, processos, lógicas, rituais constitutivos da instituição (ARROYO 1992, p. 48).

Nesse contexto de discurso, os profissionais da educação, parecem, no cotidiano escolar, promoverem o bem-estar do ser humano, pois buscam refletir tais propostas. Porém, há uma dicotomia entre a teoria e a prática. Por isso, vejo pertinente fazer um transporte de uma citação referida à sociedade, mas que se encaixa à realidade específica escolar:

> Esses discursos de máscara são emitidos um sem-número de vezes, reiteram-se, tornam-se estabelecidos. A linguagem então assume o papel de mercadoria. Ela vale tanto mais quanto esteja de acordo com o estabelecido, com o conveniente, com a manutenção do status quo. É a sociedade das aparências. (BACCEGA, 1995, p. 41).

Na prática, apesar desse discurso, há dificuldades para a construção do conhecimento, porque o ensino é passado de cima para baixo, como verdades pré-estabelecidas. Os alunos das camadas menos privilegiadas quase sempre demonstram maior déficit na aprendizagem, principalmente em relacionar conteúdo com conhecimento, pois têm menos leitura ou menos acesso a informações.

A escola, em todo seu contexto de estruturação, age como dona da verdade. É ela que ensina, aconselha e orienta. O professor continua a ter o papel de quem tem o conhecimento. A representação por que o professor tem conhecimento, a verdade está com ele é comum entre os muros escolares. Na sala de aula, o aluno geralmente é ouvinte; expressa concordância com o professor; pode interpelar com uma pergunta, que na maioria das vezes resulta em uma repetição da explicação; ou diz a mesma coisa, com palavras diferentes.

Nesse contexto, é como se o professor não entendesse, ou como se não ouvisse o que o aluno quer saber. A sala de aula torna-se lugar para conversa de surdos. Diz Vygotsky que esse problema cria confusões engraçadas, resultantes dos desentendimentos entre falantes quando os pensamentos das pessoas seguem direções opostas. O pensador nos coloca um exemplo:

> Dois homens apresentam-se a um juiz, sendo surdos os três.
> "Este aí roubou-me a vaca", diz um deles, e o segundo responde:
> "É mentira, senhor juiz: esta terra em questão sempre pertenceu ao meu pai".
> E o juiz então decide:
> "Não briguem, são ambos inocentes, a culpada sem dúvida é a mulher". (VYGOTSKY, 1996, p.121).

Na fala de muitos educadores é descabido fugir à metodologia tradicional. Demonstram insegurança construir com o aluno. Julgam não terem oportunidade de demonstrarem conhecimento da matéria. Muitas vezes o próprio aluno sugere que este tenha tais atitudes, preferem o professor autoritário e "conhecedor" de conteúdo, conservando seu lugar cativo, acomodado.

A cultura escolar atinge todo o conjunto humano que estuda ou trabalha na escola [...] "também a pedagogia, a didática e as ciências auxiliares legitimam suas concepções elitistas, seletivas e excludentes nessa pesada cultura". (ARROYO, 1992, p. 48).

O conhecimento, assim representado, acaba confundido com o conteúdo. Não compreendido ou mal interpretado, os alunos esquecem rapidamente. Não participando da construção, o estudo não passará de uma reprodução.

Quando o professor não consegue perceber que o aluno pode construir com o grupo, acentuam-se suas dificuldades, porque "esses preconceitos e estigmas terminam sendo interiorizados pelos alunos e passam a ser componentes de sua

auto-imagem e de suas posturas frente ao próprio rendimento". (ARROYO, 1992, p. 49).

Essa verdade que a escola geralmente "passa", desvinculada da vida do aluno, sem construção participativa, acaba não servindo para resolver as tarefas mais simples do cotidiano e, por isso é como se ele não tivesse aprendido. Volta-se, neste caso, a ter um "conhecimento"apenas de observação, apesar de vários anos de escola.

O aluno continua não entendendo por que neva ou porque seus pais, a cada ano, estão mais longe do centro da cidade, ou simplesmente, porque nasce o sol todas as manhãs. A culpa desse fracasso recai sempre no aluno. "Justifica-se a reprovação e a repetência ou retenção-negação do direito ao saber e à cultura em nome da concepção disciplinar e seriada da vulgarização-facilitação pedagógica do direito ao saber total". (ARROYO, 1992, p.49 - 50).

Há mais de um século os profissionais da educação estão sendo alertados por diferentes meios sobre essa dicotomia entre o discurso escolar e a realidade na maneira de ensinar. Apesar disso, o que se modifica (ou melhor, se moderniza), ainda hoje quase sempre só o modo de dizer.

Com aparatos modernos de comunicação os professores são orientados e "reciclados", mas o discurso escolar vai alimentando o tradicionalismo na maneira de ensinar, apesar de muitos educadores aderirem a várias práticas de facilitação na aprendizagem.

No Brasil, há um agravante para a continuação do discurso escolar vigente: a carência na formação dos professores, na graduação, como na formação continuada dos que estão em exercício. As vagas nas universidades de qualidade para cursos de licenciatura são insuficientes e o vestibular encarrega-se de selecionar, classificar e elitisar.

A carência nos cursos de licenciatura advém de:

- **Muitos são noturnos com alunos trabalhadores** – esses alunos não podem apresentar o mesmo rendimento daqueles que freqüentam os diurnos. Quando esses professores terminam a graduação precisam de muito estudo e complementação a fim de repor a deficiência.

- **Falta de profissionais especializados e materiais pedagógicos** – na história da educação brasileira muitos dos cursos para a formação de professores tem sido de maneira tecnicista e, portanto com as características tradicionalistas. Nesses últimos anos recebeu influência de novas pesquisas, tanto do exterior, como do Brasil, porém nem todos os cursos apresentam todas as qualidades necessárias, principalmente as instituições voltadas à clientela trabalhadora, com pouco poder aquisitivo.

- **Fase de transição** – as instituições estão nesses últimos oito anos buscando "adequar-se" à lei 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), assim como aos Parâmetros Curriculares Nacionais, mas ainda se está longe de haver um consenso sobre sua interpretação.

- **Discurso cultural** - alunos com formação melhor ao terminarem o ensino médio, dificilmente buscam a licenciatura, pois já há um consenso de que professor ganha mal e por isso não conseguirão ascendência social.

Quando esses profissionais chegam à sala de aula têm dificuldades para trabalhar com a clientela. Colocam sempre a "culpa" do fracasso no aluno, como se exercer a profissão de professor fosse de um simples técnico. O professor inicia sua carreira já com "visões simplistas" sobre o ensino, inconsciente de que o "saber" e o "saber-fazer" implica em uma formação de pesquisador. (PÉREZ e CARVALHO, 1995, p.14-19).

Por outro lado, a dicotomia ensino-prática contida no discurso escolar é realimentada no cotidiano de ensino com as "virtudes" do fazer tradicional. Preocupa-se com que tudo esteja sempre do mesmo jeito, na mesma ordem: lugar de professor, lugar de aluno (muitas vezes marcado pela escola), carteiras enfileiradas, uniforme e carteirinha (fiscalização no portão). O professor vem para ensinar, aluno para aprender. Ao professor: passar todos conteúdos, terminar a tempo, elaborar provas, recuperação, entregar notas.

Quanto à formação continuada de professores, apesar de ser um direito, muitas escolas, nem programam; trata-se de um fazer de conta.

Esporadicamente, quando os professores são convocados para um trabalho em grupo é para o diretor passar comunicados, geralmente quanto à ordem escolar ou para que se organize esse "fazer".

É bom lembrar sempre do momento histórico em que surgem os PCNs:

> Os PCN surgem numa conjuntura internacional caracterizada pelo fortalecimento do neoliberalismo, o qual – como modelo econômico baseado no livre mercado e na competitividade – tem, progressivamente, agudizado as diferenças sociais. O mundo "globalizado", na verdade é um mundo dividido em grandes blocos econômicos, e o sucesso do capitalismo depende da padronização dos costumes e mecanismos de consumo. (MARINHO, 1998, p.176).

No ferver das discussões para a aprovação dos PCNs:

> O planeta globalizado não tem tempo a perder com a negociação e a lenta construção de consensos. Parte-se do princípio de que todos já sabem o que é consensual, e, assim, não é mais necessário explicitar o que é uma escola de qualidade ou o que é currículo; não é mais necessário perguntar por que e como alguns conteúdos curriculares foram consagrados e tornados naturais, em detrimento de outros, etc (...) Se fôssemos lembrar as condições históricas em que se faz uma escola, o debate sobre os PCN iria sofrer 'desvios de rota". (MARINHO, 1998, p.178).

Segundo Geraldi (1996), a visão simplista de conceber o ensino em transferência de informação converte o professor em "capataz" na sala de aula, pois, todo o conteúdo já está pronto, assim como as respostas e os passos que devem dar. Nesse contexto, (BRITTO, 1991, p.18), a "transmissão" dos conteúdos, o senso crítico para ler as propostas pedagógicas "cai no vazio", porque, "como aumentar a capacidade argumentativa do aluno, se o próprio professor deixa de ser crítico"?

No dizer de Freire (1981, p. 23 –24,25), essa pedagogia acrítica trata o homem como uma "lata" vazia, que se vai enchendo com "depósitos" técnicos. Essa pedagogia não tem "compromisso" com o homem que educa e, por isso, o formalismo persiste.

A dicotomia entre teoria e prática provoca uma situação complicada: antes, quando se perguntava para o aluno por que estudava, ele respondia não saber, achava estudo não servia para nada (compreendia que aquele conhecimento estava desvinculado da realidade). Hoje não é muito diferente: geralmente responde que precisa da escola para ter um bom emprego no futuro, mas desconhece como isto vai ajudá-lo. Repete a própria ideologia contida no discurso escolar.

Esse discurso escolar cria muitos entraves à educação, a começar pelo próprio lugar-escola. Pode-se citar alguns bem visíveis: alunos que não gostam da escola; desinteresse em ouvir o professor; conversas e algazarras na sala de aula;

depredação do patrimônio; muitos alunos querendo substituir a aprendizagem por algo mais interessante.

O discurso dicotômico cria representações de professor autoritário, mostrando que só ele tem razão e, quando "não pode" com a classe, sai e vai chamar o coordenador, porque seus sermões e lições de moral não resolvem. Exige suspensão da direção e cria polêmicas, sem perceber que a falha está na sua prática.

O professor "liberal" também é promovido às custas de representações. O discurso escolar colabora para que seja "bonzinho", deixa o aluno fazer o que quer na sala, para não parecer mal. Não chama atenção, não corrige erros ou respostas superficiais e incompletas. Na maioria das vezes, favorece com notas; é sempre condescendente. Com isso, mostra um resultado não verdadeiro na aprendizagem dos alunos.

Com o próprio discurso escolar, tais professores transferem sua missão de educadores a qualquer outra instância escolar, continuam se alienando do compromisso educacional, apesar de repetirem de cor as propostas transformadoras. Tanto o professor autoritário, como o liberal, nesse contexto, deixam claro que são os donos da verdade, por isso não constroem o conhecimento com o aluno.

3.3 Por que a preocupação em ensinar a língua formal?

Os professores, ainda hoje, por diversas razões, continuam a priorizar em sala de aula o ensino da gramática. As regras, siglas, definições são enfatizadas em qualquer circunstância, muitas vezes até de modo inconsciente.

Parece difícil, ao profissional de língua, aceitar que seja possível que o indivíduo tenha internalizada a gramática. Por isso, acredita na importância de reforçar nas aulas esse aspecto. Até mesmo professores que tiveram muitas oportunidades de estudo e reflexão são flagrados nessa retórica, como um reflexo da aprendizagem que receberam.

Britto, no entanto, adverte que:

> [...] o ensino da língua não tem por que ser um desfiar de regras de ortografia ou de bem falar, nem a desautorização do saber lingüístico do aluno. Nosso objetivo tem que ser a criação de situações propícias para que os alunos possam, a partir do que já sabem e de seus vínculos sociais, desenvolver suas habilidades lingüísticas, principalmente aquelas ligadas às práticas de leitura e de escrita e às situações de uso de fala pública e de fala orientada pela escrita. (BRITTO, 2000, p.2).

Não há como insistir em uma correção estrita entre uso eficiente da linguagem e estudo da gramática. É comum indivíduos sem conhecimento formal de gramática terem capacidade de se expressar bem. Isso é possível notar quando as pessoas reivindicam ou argumentam com as demais, assim como quando são capazes de sugerirem novas formas de fazer algo, contribuindo para a transformação do meio em que vivem.

O processo inverso também é verdadeiro. Pessoas que tiveram muitas aulas de gramática e jamais conseguirem se expressar em público, assim como apresentarem bloqueios quanto a se comunicarem por escrito.

Mesmo quando consciente do poder da linguagem, muitos professores parecem amarrados ao tradicionalismo e querem impor regras gramaticais; usando como desculpa os vestibulares, os concursos, os pais. Se para o aluno compreender a própria língua é um mistério, para muitos achar caminhos para ensiná-la, parece ser outro mistério.

Britto (1997, p.183 - 185) apresenta um elenco de uma série de razões, porque o professor de língua portuguesa, procede sempre como aquele que precisa ensinar gramática: formação tradicional e acrítica; porque não há interação entre os ciclos fundamental, médio e a universidade; as políticas educacionais, no Brasil, são incoerentes, assim como há uma atuação fraca da Universidade na interação e transformação social. Coloca também o modo preconceituoso com que toda a sociedade vê a variedade padrão da língua e como se produz essas representações ideológicas.

Soares chama igualmente a atenção da conduta assumida pela escola:

> A escola, como instituição a serviço da sociedade capitalista, assume e valoriza a cultura das classes dominantes, assim, o aluno proveniente das classes dominadas nela encontra padrões culturais que não são os seus e que são apresentados como "certos", enquanto, enquanto os seus próprios padrões são ou ignorados como inexistente, ou desprezados como "errados". Seu comportamento é avaliado em relação a um "modelo", que é o comportamento das classes dominantes; os testes e provas a que é submetido são culturalmente preconceituosos, construídos a partir de

> pressupostos etnocêntricos, que supõem familiaridade com conceitos e informações próprios do universo cultural das classes dominantes. (SOARES, 1995, p.15).

Costuma-se, nesse contexto, atribuir o "fracasso" da escola atual às camadas populares, "aos pobres", em especial pelo seu modo diferente de falar/escrever ou expressar o seu mundo.

Mais uma vez, é tranqüilo concluir que saber português, nessa percepção, é importante pela crença na ascensão social, e esse reforço é dado no próprio cotidiano escolar, não só no decorrer das aulas, quando o professor direciona para essa conclusão, assim como nos vestibulares, nos concursos e na sociedade, como um todo.

A escola recebe reforço da sociedade:

> Este modo de ver a língua, em primeira estância próprio da escola, é sustentado e reproduzido por um conjunto de formadores de opinião, também perpassados pelos valores político-ideológicos, que atuam no sentido de reforçar os valores de senso comum, estabelecendo uma exigência circular: a escola ensina assim porque a sociedade exige – e a sociedade exige porque a escola ensina assim. (BRITTO, 1997, p.185).

No discurso escolar, há sempre um pretexto para que o aluno aprenda o formal. É esquecido o empenho necessário para realmente tornar o aluno senhor do seu texto, orientando-o para ser capaz, seja o protagonista no processo de construção da linguagem. Só como senhor de seu texto o indivíduo poderá construir e reconstruir seu espaço e, nesse contexto é sempre atual o que expressa Paulo Freire, (FREIRE, 1981, p.30): "Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias".

3.4 O ensino de língua portuguesa na perspectiva interacionista

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, tanto do Ensino Fundamental, como do Ensino Médio, há diretrizes claras quanto à concepção de língua. Essas diretrizes apontam para um ensino sócio interacionista, a fim de que o ser humano capacite-se cada vez mais como construtor e transformador da sociedade e não como a serviço da sua manutenção acrítica.

> Produto e produção cultural, nascida por força das práticas sociais, a linguagem é humana e, tal como o homem, destaca-se pelo seu caráter criativo, contraditório, pluridimensional, múltiplo e singular, a um só tempo. (BRASIL, 1999, p.125).

Os PCN focalizam e reforçam esse poder da língua, como meio de comunicação entre os indivíduos, e lembram que não deve ser vista fora da vida do aluno, à parte do texto dele. "O estudo da linguagem verbal deve estar, portanto, alicerçado no texto, compreendido como a fala e o discurso que se produz". Ainda, [...] "o aluno deve ser considerado o produtor de textos, aquele que pode ser entendido pelos textos que produz e que o constituem como ser humano". (BRASIL, 1999, p.139).

Alguns pontos são focalizados, explicitados e repetidos veementemente:

- **A língua materna é sempre viva e significativa**; é o resultado da interação social; o aluno deve ser visto e conhecido pela utilização e criação da mesma.
- **Um texto se constrói como um produto histórico social e cultural** de uma realidade única, sendo a marca de cada ser humano.
- **Língua e linguagem precisam fazem parte do mesmo processo**, não se apresentando desvinculadas. A gramática, por sua vez, deve ser estudada dentro do texto, assim como os conceitos literários.
- **O uso social da língua deve ter seu primeiro lugar na escola**, pois ela é o espaço que deve favorecer ao aluno poder dizer/escrever, de ser alguém que merece ser ouvido/lido.

Marcuschi sintetiza:

> A língua é fundamentalmente um fenômeno sócio cultural que se determina na relação interativa e contribui de maneira decisiva para a criação de novos mundos e para nos tornar definitivamente humanos. (MARCUSCHI, 2001, p.125).

Um trabalho proposto nesta visão valoriza a cultura do aluno e pressupõe que a escola respeite a participação de todo o grupo nesse processo, buscando criar condições para a autonomia do ser humano. Esta atitude pretende oportunizar ao indivíduo não só modificação de sua história de vida, mas, sobretudo a compreensão e possibilidade de se compreender, no contexto histórico, para a reescrita de outros textos.

Segundo Geraldi (1996):

> (Apud BAKHTIN, 1997:113) No quadro de uma concepção sócio interacionista da linguagem, o fenômeno social da interação verbal é o espaço próprio da realidade da língua, pois é nele que se dão as enunciações enquanto trabalho dos sujeitos envolvidos nos processos de comunicação. Cada palavra emitida "é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém". Neste sentido, a língua nunca pode ser estudada ou ensinada como um produto acabado, pronto, fechado em si mesmo, de um lado porque sua 'apreensão' demanda apreender no seu interior as marcas de sua exterioridade constitutiva (e por isso o externo se internaliza), por outro lado porque o produto histórico - resultante do trabalho discursivo do passado - é hoje condição de produção do presente que, também se fazendo história, participa da construção deste mesmo produto, sempre inacabado, sempre em construção. (GERALDI, 1996, p. 27-28).

O trabalho de sala de aula parte mais para um "caráter sócio interacionista da linguagem" verbal. O professor trabalhará mais com textos e, juntos alunos e professores analisam essas "estâncias" de produção, com seus objetivos, suas histórias de vidas, características e valores culturais e de tempo. O aluno é aquele que interfere e participa da produção e construção de textos; ele é "visto como um texto que constrói textos". (BRASIL, 1999, p. 139).

À medida que a escola ensina a criança a ler, escrever, interpretar, ela amplia os horizontes da criança, pois se torna quase impossível sobrevivência em uma sociedade letrada, alienada do processo histórico. Nesse contexto de ensino, com as possibilidades de interlocução com as pessoas, "seremos capazes de compreender, criticar e avaliar seus modos de compreender o mundo, as coisas, as gentes e suas relações". (GERALDI, 1996, p.70- 71).

Lembra o autor, que ninguém precisa ser "especialista" em gramática, para usar "os recursos expressivos" da língua e tecer suas interlocuções, ou compreender, ou criticar.

> Desde que se queira efetivamente ampliar o número de pessoas que lêem e escrevem em nossa sociedade. E ampliar este número é ampliar o exercício de cidadania, com o mais adequado preparo para o trabalho: aquele em que cada um aprende a aprender. Porque ninguém lê pelo leitor, ninguém escreve pelo autor. E para o aluno tornar-se leitor e autor de seus textos não há regra única, porque depende das relações de interlocução que se estabelecem nas diferentes leituras e nos diferentes momentos de produção de textos que, enquanto tais, respondem a objetivos e buscam seus leitores. (GERALDI, 1996, p.72).

Habilitar o ser humano ao exercício de cidadania é oferecer-lhe não somente o instrumento, mas, sobretudo torná-lo parte do processo. E, ainda, o espaço ideal para este trabalho é a sala de aula.

Essa linha de ensino preocupa-se com que o indivíduo consiga um lugar "decente" no contexto histórico e não apenas um encaixe qualquer, quando não apenas a marginalização social. Por isso é preciso que a pessoa consiga ler nos acontecimentos, nas entrelinhas e no simbólico.

3.5 Problemas "modernos" de ensino-aprendizagem: um salto que vai da tradição à libertinagem

Várias escolas, preocupadas com que os alunos aprendam e sintam prazer na aprendizagem, saltam do tradicionalismo a um outro extremo. Um salto que vai da tradição à libertinagem, no modo de construir o conhecimento.

Sintetizo em quatro esses problemas, que posso até caricaturar:

- **Frentismo** – a crença na capacidade do "professor especialista": dá conta dos conteúdos propostos pela escola.
- **Fetichismo** – o culto "exagerado" aos modismos e ao "prazer" de ensinar.
- **Desgramatiquismo** – a inflexibilidade à concepção da gramática.
- **Interpretacionismo** – qualquer opinião sobre um texto é uma interpretação adequada.

- **Frentismo:**

É um modo de conceber o ensino, muito comum para trabalhar grandes volumes de conteúdos, a fim de vencê-los e, ao mesmo tempo, de facilitar sua "ingestão". Várias escolas acreditam que só "professores especialistas" dão conta dessa tarefa. Um trabalho desvinculado entre as partes e, fora do texto.

Ainda hoje, principalmente nas escolas particulares, até para oferecer um currículo mais rico, é comum dividir os conteúdos não só em matérias, como geografia, português, matemática, mas fazer divisões ainda menores, dentro da própria disciplina. Há escolas que chamam essa divisão de "frentes", às vezes subdividindo-as em "frentinhas".

Esses conteúdos divididos são atribuídos a diferentes profissionais – "os professores especialistas": a "dona" de gramática, a "dona" de literatura, a "dona" de

redação; quando não se tem as frentinhas: a "dona" de literatura portuguesa, a "dona" de literatura brasileira, a "dona" da leitura de livro, a "dona" da correção das redações, a "dona" do reforço e mais "donas". Esses professores são carinhosamente (ou pejorativamente?) conhecidos porque cada um cuida de sua parte e o coordenador zela para que isso nunca traga problemas; se um professor entrar na frente do outro, pode ser taxado de incompetente.

Há preocupação excessiva, nesse contexto, com a assimilação dos conteúdos e a divisão deles pretende que "especialistas" consigam "vencer e passar" todo o volume proposto. Os professores têm a habilidade de explicar minuciosamente todos os itens com muita rapidez e criatividade, mesmo que não sejam tão significativos. Quando não conseguem justificativa para ensinar conteúdos teóricos, criam músicas para os alunos guardarem fórmulas e regras. Justificam que alguns conteúdos são estudados porque servem como "ginastiquinha para o cérebro".

Com a publicação dos PCNs, as várias editoras modificam os apostilados de conteúdos e os "professores especialistas" ou da "frente", acostumados a trabalhar dessa forma, sentem dificuldades em desmontar a nova proposta. Assim, verdadeiras lutas estão sendo travadas, pois a gramática vinculada à literatura, à linguagem, com tantos textos, tem assustado muitos profissionais: Como dividir em "frentes", perguntam? Essa prática tem acontecido tanto no ensino médio, como no fundamental. E, apesar da renovação curriculares, muitas escolas continuam adeptas, pois há um olhar de "qualidade" para tal partilha de conteúdos. Justificam-se com a alegação de que vários vestibulares pouco renovaram e apontam para essa divisão. Não é difícil encontrar gráficos de porcentagem mostrando importância de conteúdos, para Redação, Literatura e Gramática. Um pensar ensino de língua totalmente desvinculado.

• **Fetichismo** – uma tentativa de saltar do tradicionalismo às práticas mais sociais e aos modismos de época. Um culto exagerado ao "prazer" de ensinar.

Professores adeptos de "fórmulas mágicas" e "receitas de prazer" são inspirados pelos "espíritos" do modernismo, saem do tradicionalismo, mas caminham para outro extremo: o "fetichismo". Ao buscarem agradar alunos e pais, fazendo de suas aulas um espaço ideal para a interlocução, esquecem de objetivar suas ações. Tais professores organizam viagens, vão à sala de vídeo, cantam e batem palmas, saem muito de suas salas, modificam as aulas o tempo todo, porém sem

planejamento, sem critério, sem objetivos. Não existe um porquê para essas ações. O que chama a atenção é o culto dado à prática em si mesma e não à aprendizagem.

Os professores "fetichistas" fazem questão de serem eleitos como os melhores professores, e por isso exageram: abraçam, beijam alunos forçosamente, pagam doces, vão às casas deles, recebem mães em casa, organizam as festas de aniversário ou fazem programas nas férias para mostrar desempenho. Tratam os alunos por benzinho, amorzinho e, no intervalo partilham das conversas, contam piadas e trocam lanches com eles. Nas avaliações são muito bonzinhos (facilitam nas questões e na correção), chegam a ficar contra a escola quando seus alunos são corrigidos.

Tais professores, levados por "espíritos modernistas" não gostam de impor limites na sala de aula e, dentro do possível, justificam as dificuldades de aprendizagem dos alunos, assim como os seus problemas de ensino com uma desculpa: cansaço, fome, calor, falta de tempo, tristeza, doença, etc.

No ensino de língua, os professores "fetichistas" buscam florear muito, principalmente no trabalho com os textos: elogiam as participações, ainda que sejam quase sempre dos mesmos alunos. Apesar de "modernos" nas ações, como valorizam a forma, acabam impondo suas idéias, direcionando aos modelos de frases e de texto, cortando a reflexão e a criatividade dos alunos. A correção é tradicional, ainda que não pareça; é prática, por exemplo, na correção de texto do aluno substituir palavras ou expressões e, depois pedir que o aluno passe a limpo, jogando o texto original.

• **Desgramatiquismo** – há uma rigidez na interpretação de como se deve ensinar gramática.

No ensino tradicional, a gramática é vista como enfoque mais importante a ser dado no ensino de língua. Também é pratica, nessa visão, trabalhar gramática descontextualizada, fora dos textos, através de frases modelos.

Esse enfoque tradicional dado à gramática vem sendo condenado, já há vários anos, por estudiosos pesquisadores, que propõem um ensino mais baseado no contexto dos textos, na interlocução. Com o objetivo de que crianças e adolescentes compreendam melhor a escolha de termos para um texto; por exemplo,

a palavra "mas" tem significados diferentes, dependendo do local que ocupe em uma frase.

A orientação para ensinar língua baseada no discurso não dispensa o trabalho com a gramática, apenas dirige e altera as prioridades. A interpretação de que não é para ensinar gramática é um erro que tem trazido e trará conseqüências negativas aos resultados de leitura, interpretação e, sobretudo à escrita.

Possenti insisti:

> Falar contra "gramatiquice" não significa propor que a escola só seja "prática", não reflita sobre questões de língua. Seria contraditório propor esta atitude, principalmente porque se sabe que refletir sobre a língua é uma das atividades usuais dos falantes e não há razão para reprimi-la na escola. Trata-se apenas de reorganizar a discussão, de alterar prioridades. (POSSENTI, 1996, p. 56).

É preciso estar claro ao professor que o enfoque dado ao ensino de gramática não é abolir esse trabalho, mas dirigir, porque "o conhecimento lingüístico em uma sociedade letrada, não se restringe ao uso prático da língua". Em uma sociedade globalizada o indivíduo precisa ser leitor crítico do sistema e igualmente escritor, por isso ela "exige um sujeito que, além de usar a língua, saiba como estes processos ocorrem". (BRITTO 1997, p. 177).

- **Interpretacionismo** – qualquer opinião sobre um texto é uma "interpretação" adequada.

Atualmente, chega-se ao extremo de supor que qualquer interpretação do texto é válida, o importante é dar a palavra ao aluno. Com essa prática, muitos professores perdem-se nas discussões de sala de aula, fazendo do ensino "bate-papos", sem chegar a nenhum porto de ancoragem. É um modo simplista de conceber ensino de texto, e, por isso, essa metodologia pode incorrer em várias falhas. Entre elas, consigo apontar:

- **Quanto ao tema** – pode-se reduzir, ampliar ou trocar a leitura temática, ao aceitar "qualquer" opinião;

- **Referente ao tipo de texto** – é possível criar problemas à compreensão da estrutura do texto, parcial ou total. Sem critérios à participação do aluno, direciona-se a estilo, criatividade, beleza do texto; situa-se mais nas bordas do texto;

- **Quanto à linguagem** – exposição à ocorrência de falhas de entendimento dos porquês dessa ou daquela expressão. Pode-se estereotipar, excluir; valorizar, provocando até o não entendimento do texto;

- **Referente à coesão** – qualquer opinião de colocação de termos não é analisada como pertinente para o entendimento. Por exemplo, progressão ou encadeamento das idéias no texto;

- **Coerência textual** – qualquer opinião de interpretação compromete, porque a não compreensão na seleção de argumentos colocados pelo escritor; a análise incorreta ou incompleta de como se processam as falas de personagens nas narrativas; a não assimilação das posturas do eu lírico nos textos poéticos;

- **Conhecimento lingüístico**: ao abolir ou desprezar o estudo da gramática, ocorrem comprometimentos na interpretação, porque não há compreensão de como se processam a estruturação da língua, principalmente em textos mais elaborados, literários ou técnicos.

Portanto, a escola, quer nas amarras da tradição, quer padecendo dos problemas "modernos", perdura em um mesmo modelo "social e cultural" tão específico, resguardando esse dado de "organizada, burocratizada, segmentada, gradeada" (ARROYO, 1992, p.47).

3.6 Com perplexidade: o que se ensina, "na aula de português"?

Perplexos, ainda hoje, depois de tantos alertas, perguntamos: o que professores de língua ensinam aos alunos?

Se o professor tem como objetivo "dar aula de português" e não o ensino de língua, com certeza a prioridade vai ser, direta ou indiretamente, ensinar gramática. E não fica difícil concluir que essa é a prática mais freqüente. Até quando o professor tem como objetivo trabalhar leitura e linguagem, nesta visão o que se destaca são regras ou conteúdos ligados a normas gramaticais. Isso se evidencia na atitude de frisar com ênfase a pronúncia de uma palavra, soletrar um termo ou lembrar uma regra de concordância ou acentuação, durante uma leitura de texto.

Batista (1997), explicita que, quando o discurso do professor busca:

> [...] "um saber escolar, um saber passível de ser transmitido, cujo fim é definido pela acumulação de um volume de conhecimentos", a aula de português é tomada com a finalidade de: [...] "dar uma porção de conteúdos; unificar os saberes dos alunos; priorizar o saber escolar sobre outros saberes; corrigir e avaliar os seus saberes; mostrar através da figura do professor qual o saber priorizado e com isso proporciona várias estratégias da aula para comparar, corrigir, apontar e controlar o discurso dos alunos". (BATISTA, 1997, p. 101-118).

Portanto, quando o professor se propõe a "dar aula de português", mesmo que lide com linguagem, leitura ou texto, a prioridade é o ensino gramatical. O discurso não esconde as preocupações com as regras, pronúncia de palavras, concordância, ou qualquer outra correção da língua.

> Embora a interlocução em sala de aula se desenvolva em torno de uma coleção heterogênea de saberes (no caso estudado, conteúdos gramaticais, elementos de teoria de comunicação, leitura, escrita, vocabulário, linguagem oral, valores morais e ideológicos), ela tende a se organizar em duas correntes de discurso distintas: aquela que se desenvolve em torno dos saberes relacionados à disciplina gramatical e aquela que se desenvolve em torno de usos da língua. (BATISTA, 1997, p.101).

Esse discurso de sala de aula, independente do que se trabalhe, destaca-se num "resíduo" de saberes sempre ligados à tradição gramatical, conclui Batista, em seu estudo de caso. E, esclarece que essa organização discursiva, ainda comprova saberes em torno da gramática normativa. Através da análise, da síntese, da correção e reforço, o professor vai fixando e destacando para o aluno, em sentido sempre de progressão.

Batista (1997), explica que é o próprio contexto escolar que cria essas condições. Todo o histórico de distribuição de tempo, espaço, conteúdo, aula, intervalo, entrada e saída de professor constituem elementos para que se processem essa aprendizagem. Sobretudo, cabe ao professor, representante maior desse saber, que é encarregado de criar "toda artificialidade" da construção de uma aula de português. Favorece especialmente toda ordem disciplinar, que cria não só as condições para tal, mas vigia e policia para que esses saberes perdurem.

Diz Britto:

> Assim, refletindo duplamente a face do sistema (porque serve a seus interesses), a escola impõe a todos os seus sujeitos uma visão idealizada de língua (que, repito é mais que a norma culta, é a sua imagem como padrão único de linguagem). Mais do que isto, reforça, com sua marca institucional (e ideológica), o domínio da variante identificada à norma culta, transformando-a em 'disciplina escolar'. (BRITTO, 1991, p.36).

3.7 Alguns desafios à escola, para fugir: das amarras da tradição e dos problemas "modernos"

Mesmo com a proclamação dos PCNs, vistos como um salto qualitativo, fica difícil acreditar que a educação brasileira caminhe livre das amarras da tradição, assim como dos problemas "modernos" de ensino-aprendizagem. Mesmo com orientações nas ações, ideologicamente a escola continua nas amarras das idéias, dos conceitos, do cultural, do filosófico, dos costumes. A escola permanece na mesmice. Posso apontar:

- **Tradição no modo de educar:** baseada na estrutura das classes dominantes; como resultado: melhores resultados com os alunos mais favorecidos; preconceito e exclusão com as classes populares;
- **Discurso escolar**: marcas autoritárias nos discursos; concepção de ensino com visão simplista e o conceito de língua como instrumento;
- **Formação insuficiente da maioria dos professores**: desprestígio da classe docente e seus baixos salários, ensino acrítico com marcas dicotômicas entre teoria e prática;
- **Custo alto dos cursos de aperfeiçoamento**: Dificuldades dos professores em serviço alcançarem a formação adequada para responderem às necessidades de mercado hoje;

Ao discutir formação continuada de professores na escola, Candau lembra:

> Num momento político-social e educacional como o que enfrentamos no Brasil hoje, de clara hegemonia do projeto neoliberal, estas questões não podem deixar de estar presentes na agenda da formação continuada de professores. Questões de fundo como: [...] "que tipo de educação queremos promover?"; [...] "para que tipo de sociedade?"; não podem estar ausentes do debate cotidiano dos professores, junto com a análise crítica das reformas educativas que vêm sendo propostas". (CANDAU, 1997, p.67).

É por isso que, apesar dos PCNs proporem projetos para o Ensino Fundamental e Médio, oferecendo alternativas para dar uma outra versão à escola, essas discussões são preocupações de uns poucos educadores. Para a maioria, o conceito tradicional permanece, assim como suas estruturas com as marcas de seriação e de exclusão.

Quanto à renovação do currículo, que seria para caracterizar a feição da escola, parece sintetizar-se a conteúdo, que por enquanto é apenas um passaporte para algumas escolas particulares angariarem mais "qualidade" e "valor" para seus próprios interesses. Tanto os livros didáticos, como os apostilados, fazem parte hoje de "uma guerra de competências", com as cores dos parâmetros e as estrelas de maior venda comercial.

Ao se discutir pedagogia e novas formas de construção de conhecimento ainda parece bem mais distante para os educadores hoje, porque à maioria essa é uma forma desgastada de "várias modas" que eles não compreenderam, se desentenderam, ou se decepcionaram na década de 80 e 90. Com o empobrecimento da população e deles mesmos, somando aos desgastes políticos e sociais de uma economia servil, resulta uma conta difícil de se ver outro resultado, a não ser a desilusão da maioria dos professores. Uns, pedem socorro. Poucos tentam estudar, recuperar o tempo.

Por outro lado, há um conjunto bastante representativo de professores que, com uma leitura "fraca" dessas propostas, interpretam mais "modismos" e caem no outro extremo do tradicionalismo: os problemas "modernos" de ensino-aprendizagem. Também, a bandeira levantada para a formação da cidadania nas décadas passadas, às vezes parece não mais tremular, dando lugar à violência, às drogas, à falta de vontade de mudar dos professores e de muitos na sociedade. Hoje, mais que antes, devido à grande crise financeira, muitos educadores estão mais preocupados em assegurar trabalho, que realmente lutar por mudanças.

As reformas deveriam iniciar pela diminuição da exclusão social, sobretudo no trabalho aprimorado com textos: ler, interpretar, escrever, relacionar os mais diversos discursos - subsídios necessários – à construção de leitores e, sobretudo fundamentos para a verdadeira cidadania.

4
Um *presente* de linguagem e ensino nas análises das agendas de Taís

Quem é Taís? Que são suas agendas?

Façamos uma leitura, além de um simples olhar, desta menina e de suas escritas.

Taís nasceu em Tietê aos vinte de novembro de 1980 e é a minha filha primogênita. Eu, professora de língua portuguesa, o pai funcionário aposentado da CESP (Companhia Energética de São Paulo), hoje vinculado a uma empresa em Tietê. Completa nossa família a filha caçula, que para Taís, sempre será a irmãzinha.

Nossa prioridade familiar é os encontros, as conversas. Tudo que se relaciona com um de nós é importante, das coisas corriqueiras aos problemas maiores. Por isso, mesmo quando crianças, as meninas buscavam espaço em casa para falarem e darem suas opiniões.

Nas agendas de Taís é evidente esse envolvimento familiar. As alegrias ou preocupações de qualquer um de nós estão sempre presentes nas suas escritas, porque ela vive intensamente esse convívio.

Formamos uma família bastante simples, mas alegre e participativa. Os pais de Taís um casal de profissionais, que procuramos sobreviver do trabalho e da realização deste.

Nessas escritas, também é possível perceber o comprometimento da adolescente, quer seja com o trabalho do pai, ou com o da mãe. Favorece essa vivência familiar de Taís a presença da mãe, pois até completar o ensino fundamental, trabalhava apenas meio período fora, sempre em horário inverso às aulas dela; ainda que trouxesse tarefas para casa: preparação de aulas, provas, quer prestando serviço como corretora de textos, estava perto.

Esse estar junto aparece muito nas narrativas das escritas de menina:

Taís foi criada entre papéis. Enquanto a mãe preparava as aulas, lendo, estudando e escrevendo, ela brincava com seus cadernos ou folhas avulsas, sempre por perto. Por isso, desde os três anos, quando de manhã o carteiro chamava na

porta, ela corria pegar as correspondências e gritava: é da CESP, é da CAIXA, da TELESP, chegou a conta de água... Gravava os símbolos, as cores das empresas e já lia. Também, nessa idade, já conhecia as horas, os nomes dos remédios tomados pela família; cobrava a pontualidade dos compromissos.

Ela participava das tarefas da casa, apesar de ter uma empregada, mas a prioridade eram os estudos. Imitando aos pais, escreve e lê bastante, favorecem o acesso às várias revistas e jornais, o manusear do micro-computador, o rádio e a TV. Taís esteve sempre exposta a diversos textos, pois os pais fomentavam entre as filhas o hábito de leitura das mais diversas formas: visita as exposições, feiras e, juntos montaram a pequena biblioteca da família.

Aparece no decorrer das agendas de Taís marcas de pequena leitora, quer diretamente quando registra o nome do livro que está lendo, por recomendação escolar ou pessoal. Porém, indiretamente, a adolescente faz freqüentes leituras, porque elegia os jornais e as revistas como seus brinquedos prediletos, num eterno recortar e colar, de escritas e mais escritas, que passeiam pelas agendas.

Regularmente, à tardinha, toda a família se reunia em casa. Era um tempo curto, mas precioso, para as muitas trocas de informações e carinho. Nos finais de semana, aconteciam os pequenos passeios: cinema, teatro, restaurantes, shopping, visita aos avós; também, muito do gosto do pai, algumas saídas sem destino, andando de carro, com som ligado e dando muitas risadas. Esses encontros eram muito barulhentos, um eterno repartir de notícias. Tudo se contava, com muitos detalhes: quer fosse saboreando os momentos presentes, quer recordando-os (as agendas de Taís estão recheadas dessas passagens.) O tempo era sempre pouco para ouvir as tantas histórias que as meninas tinham para contar. Taís falava muito e cantava; fossem as canções escolares, as tocadas nas rádios, assim como as que estudava com o professor de piano. Se o tempo era escasso, julho era sempre sagrado, para os passeios às colônias de férias da CESP; a permanência geralmente era de uma semana e, às vezes, mesmo em época de aulas, aos sábados e domingos a família ia a Jurumirim, que é a colônia mais próxima da casa.

Com um olhar comovente, ela relata em suas escritas os detalhes de cada um desses passeios, deixando marcas fortes de todas essas emoções. São

depoimentos exagerados de alegria. Lembranças da vida familiar e da conquista de novos amigos.

A família recorria a vários artifícios para envolver a irrequieta Taís. Miudinha e delicada, mexia em tudo: desmontava brinquedos e aparelhos, buscando o seu funcionamento. Para suavizar o cotidiano da espoleta, a menina fazia atividades paralelas à escola: as aulas de piano, balé, inglês, leitura de livrinhos com pequenas histórias, diversão com brinquedos eletrônicos e passeios com os amigos.

No início de novembro de 1987, com seis anos, Taís foi matriculada no pré-primário. Esperava com ansiedade o início das aulas para aprender a ler. Mas a escola, nesta fase, é só decepção, porque os exercícios eram repetitivos e nos modelos formais. Taís, quase alfabetizada, ficava cansada e irritada; o ambiente escolar tornava-se insuportável. A diretora, que a compreendia muito bem, sugeriu e orientou para um processo de aceleração, nada comum na época.

Foi a uma escola estadual, a mais próxima da casa, que a família apresentou trabalhos feitos por Taís. Aplicaram-se alguns testes e entrevistas e, em maio, ela inicia a primeira série do ensino fundamental. Rapidamente, sentiu-se feliz e entrosada; decifrando os códigos da língua, lia e escrevia qualquer texto do cotidiano. Nesta escola, fez as quatro primeiras séries, três delas com um mesmo professor alfabetizador, professor Toninho, do qual tornou-se amiga: um para o outro, era só admiração. Quanto ao jeito inquieto e falador da menina, o professor nunca ficou apertado, encaminhava-a à biblioteca, contribuindo para reforçar o gosto esmerado pela leitura. Outras vezes, Taís secretariava o professor na sala de aula, ajudando alunos com dificuldades. Assim, esteve sempre muito entrosada. A escola era o seu espaço preferido, pois visitava diariamente da cozinha a laboratórios, e, apesar de muito ampla, era pequena para tamanha inquietude da criança.

Em 1991 iniciou a 5ª série, agora em outra escola estadual. O ritmo de aulas mudou muito e Taís teve de se adaptar àquele novo espaço. Mas as facilidades em ler e a curiosidade, levaram com muito entusiasmo, a menina às pesquisas, tanto à biblioteca, como aos laboratórios. Encantava-se pelas aulas de história e de ciências, em que os professores permitiam a sua maior participação: queria discutir qualquer assunto e fazer todas as experiências.

Foi no fim do ano de 1991, que influenciada pela leitura que fazia do diário de Anne Frank (1974), cujo livro havia achado na casa da avó e, sobretudo querendo copiar moda de outras meninas, principiou a fazer agendas. Taís mostrou interesse pela escrita pessoal. Favoreceu este movimento um pequeno diário, que ganhou da tia. Ali rabiscou, mas acabou não o adotando para as suas escritas pessoais. Tentou três vezes escrever nesses moldes, conforme os livrinhos guardados, rascunhava o início dos textos e abandonava.

No próximo ano, na 6ª série, em 1992, optou pelo exercício rotineiro de escritas nas agendas. E, a partir daí prosseguiu sempre escrevendo.

Nas agendas de Taís é fácil perceber a vida cotidiana de estudante. Participação em todos os eventos, com um papel para qualquer atividade, graças a sua criatividade e comportamento festivo: cantava, dançava, lia em público. Estava em contínua participação. Também, é possível visualizar o seu bom aproveitamento, percebendo-a entre os primeiros da turma, ainda que, às vezes, pareça interessar-se mais em brincar, ler, escrever sobre outros assuntos, não fosse àquele da sala.

Continuou sempre muito extrovertida, porém, gradativamente, mais disciplinada. Paralelamente à escola fazia várias atividades complementares, as quais colaboravam para enfocar a criatividade e gastar suas energias.

No ano de 1993 a família, por causa do trabalho do pai, transferiu-se para Tatuí, uma cidade da região. Taís inicia ali a 7ª série, em uma escola industrial, com algumas disciplinas voltadas aos trabalhos das empresas. A mudança de cidade foi motivo de alegria e festa para a quase adolescente. Ganhou muitos amigos e, como os pais conservaram também a casa em Tietê, era freqüente o ir e voltar, mantendo amigos nas duas cidades. Porém, aos poucos se centralizou na nova moradia, Tatuí. A cidade era um pouco maior, mas como o apartamento em que a família morava estava muito bem situado, ela podia ir sozinha a muitos lugares: escola, visita aos amigos e freqüência às típicas festinhas.

Iniciou em Tatuí, 1995, o ensino médio, em uma boa escola particular da cidade, a menina estava com 14 anos. Aí permaneceu até concluir a 3ª série. Foram três anos de muita produção escrita. Escreveu, nesses anos, todos os dias. Retratou em suas agendas o auge de sua adolescência. Nelas é possível ler os seus estudos,

os compromissos sociais (que eram muitos), o retrato a seu espelho, de tantos acontecimentos emocionais.

Ao terminar, em 1997, o ensino médio, despediu-se dos amigos e familiares e foi à universidade. Acabara de fazer 17 anos e, ainda adolescente, continuava escrevendo em agendas, só que há 580 km de casa. Taís quer ser engenheira eletricista, firme no propósito de trabalhar com as grandes máquinas, em uma usina hidrelétrica. Seus relatos demonstram isso. Escolheu UNESP - Ilha Solteira. Relatou o seu cotidiano até o final de 1998, quando cursava o primeiro ano da universidade, encerrando ali, talvez temporariamente, a sua tarefa de escritora de agendas.

As agendas de Taís trazem retratados os acontecimentos, mas à cor de seu olhar, por isso matizados pela emoção. Esses matizes refletem o retrato da personalidade de Taís: A vivacidade e a inquietação alicerçam o jeito alegre, barrulhento e divertido da menina clarinha de olhos amendoados e negros (conforme fotos nas agendas). Festeira e comunicativa tomava conta de todos os ambientes, sem ter nunca vergonha de dizer o que pensava e sentia. Sonhadora e desafiante queria ir até as últimas conseqüências sempre, daí a sua teimosia, o orgulho e o querer ser muito dona de si. Medos, muito poucos, porque os enfrentava. Mostra isso a escolha por filmes de terror, pois esses não gosta de perder nunca. Enfrentava e experimentava o desconhecido, fazendo marcas muito suas, apesar das típicas derrotas.

Nas escritas pessoais a adolescente exagera, quer relatando conquistas, como lamentando pelos insucessos do cotidiano.

Porém, debaixo desse modo atrevido de ser de Taís, escondia uma mulher doce e dengosa, que sabia ouvir e compreender o outro. Sabia respeitar e, afeita ao diálogo, por isso costumava sair-se bem nos trabalhos em equipe e era querida por todos. Se não compreendida, podia vestir pele de lobo, revidar e partir para a guerra, sem contar nunca com a possibilidade de perder. Mas, o peculiar de Taís durante as discussões eram as piadinhas e gozações, adotadas como norma de vida; sempre tinha uma brincadeira nova, para quando ficasse em qualquer impasse, saindo-se de fininho, das mais duras enrascadas.

Ao leitor das suas agendas, a possibilidade de ler nessas memórias traços de sua personalidade, um jeito especial de construir o cotidiano.

O jeito de ser de Taís faz dela uma adolescente batalhadora, sempre persistente, de bom humor e de bem com a vida. Contribuiu com sua alegria o gosto pelas artes, como a música, a literatura, o teatro, a dança e o cinema, que a menina articula leitura e estudo. Dá para compreender então, em Taís, a fascinação pelo rock barulhento e ao mesmo tempo o estar quieta ouvindo música clássica ou ainda sozinha, durante horas, curtindo um concerto de piano. É um duplo amor: do suave ao barulhento.

Taís também era capaz de lutar sem medo pelo que queria, não se importando muito com o que os outros pensavam. Muito cedo já escolheu a futura profissão, engenharia elétrica. O fascínio pelas máquinas, carros, aviões e pelos robôs estão presentes na vida da adolescente. Apesar de ser uma profissão mais masculina, ela enfrentava os preconceitos dos amigos.

É evidente a paixão de Taís pelas novas tecnologias, de carros a uma grande variedade de máquinas. Nas agendas, a admiração pela eletricidade e mecânica aparecem em forma de recortes, gravuras coladas ou soltas, enfeitando páginas de fundo branco. São textos que expressam amor e grandiosidade; falam do prazer da menina pelos desafios, pela pesquisa e descoberta do homem.

A sedução pela leitura e o amor pelos estudos fazia Taís interessar-se também por muitos temas; isso é possível perscrutar nos vários recortes que cola nas agendas, tamanha a quantidade de assuntos e estilos que aparecem. Dá para imaginar o montante de livros, revistas, jornais que leu, assim como a variedade de filmes que assistiu. É uma menina leitora do seu cotidiano.

Mas, Taís achava tempo para tudo, porque cantava, dançava, ia à piscina, às festas, curtia vários estilos de música e a companhia dos amigos; sempre sem hora para começar e sem prazo para terminar.

As memórias escritas de Taís guardam nas páginas, ainda intactas, as letras das músicas, poesias, frases, nome de bandas e seus cantores. Todas as lembranças fazem-se presentes, principalmente as festas com amigos. Ainda estão presas nas agendas, entre muitas folhas, as músicas e o barulho, confundindo-se com o espírito irrequieto da espoleta adolescente.

Suas preferências alimentares eram as comidas leves, mas não fazia cerimônia, experimentava dos sabores mais amargos ao extremo doce, sem horário

e sem cerimônia. Comia pouco, mas tudo era motivo para uma "boquinha". É impossível contar os tantos papéis de balas e bombons, mas estes delatam seus gostos preferidos.

Quanto às roupas, geralmente o short e a simplicidade dos jeans ou da malha. Para as festas gostava do social ou das roupas da modinha, acompanhando a maquiagem, os detalhes nos adereços, os saltos altos e finos, sempre combinando com o perfume, é lógico. Essas preocupações com a moda no vestir e calçar, assim como com o perfume, sobretudo com os enfeites que uma adolescente atualmente busca, aparecem no jeito vaidoso de Taís. Relatos e recortes guardam marcas de sua vaidade e preferências.

Taís, afeita aos extremos: do silêncio ao ruído, do amargo ao doce, da filosofia às ciências exatas, do lazer ao trabalho, da família à distante universidade.

Por isso, quando se lê as agendas de Taís, encontra-se não apenas registros estáticos do cotidiano, nem fatos isolados da sua vida, mas características marcantes tanto dela, como de tudo que a envolve: família, escola e principalmente do círculo de amigos.

Lá, no lugar depositário, onde tudo dela se guarda, estão os acontecimentos com características específicas, as datas e até as fotos. Guarda-se, ali, o retrato da adolescência de Taís. Uma imensidão de recortes de revistas, de documentos, de jornais mostram além de meras ilustrações, pois a seu modo, ela os coloca como suas testemunhas, pois elege e se deixa nomear como escritora do cotidiano.

Em especial as agendas de Tais revelam o retrato de suas emoções, com seu jeito alegre, faceiro, como também frágil. A menina forte, doce e meiga é também chorona; sabe fazer pirraças e representar. Esse seu lado teimoso faz da miúda Taís uma formiguinha, que sabe picar duro a quem lhe queira tirar algo. Mesmo com todas as evidências, se achar que está correta, enfrenta; ainda que depois precise chorar o irremediável. Repletas passagens das escritas de Taís destacam esse jeito teimoso de resolver pequenos entraves do cotidiano. Depois, reconhece, faz-se redimida e sofre. Remói e remexe nas histórias, inventa desculpas e procura saídas. Porém, o sofrimento não dura muito tempo, porque seu lado extrovertido vai construindo novos caminhos.

Essas marcas de comportamento não só constituem a personalidade da menina, como colaboram com as arrojadas emoções da adolescência, alargando possibilidades mais concretas para os acontecimentos do cotidiano.

As escritas de Taís são específicas de um tempo e de um espaço construído - não só por ela – mas, pelo social e cultural, que a rodeia; sobretudo, lê-se ali as emoções diárias, impulsos, querendo sempre mais de cada dia.

Nesses textos das agendas ela registrava fatos do seu cotidiano, que revelam especificidades das conversas diárias. São assuntos construídos com os sujeitos que a rodeavam e, muito a cor da realidade captada pela leitura de mundo do eu da narradora adolescente.

Nas agendas, os assuntos são registrados como na fala, de maneira espontânea; escolhidos de acordo com o momento que escreve. A significação é dada pela própria menina que narra; protagonista escritora em primeira pessoa, sempre. Não existe regra estabelecida para a construção das idéias, nem seguem uma mesma estrutura ou tipo de texto, geralmente são narrativas, depoimentos ou simples recados a si mesma.

A linguagem das escritas de Taís é bastante influenciada pelas formas da oralidade, até porque brotam do cotidiano da escritora, como também estão carregadas de muita emoção do momento da escrita. A subjetividade é marca nos textos escritos de Taís, pois nos fatos anotados - como concretos e verídicos - com um olhar, que vai além, há possibilidade de se fazer várias leituras.

Povoam os textos da adolescente: o relacionamento com os amigos, as paqueras, a família, a escola. Ao leitor, um passeio constante entre a realidade e a ficção.

Não dá para afirmar que as anotações das agendas de Taís sejam uma seqüência linear de crescimento textual, paralelo ao desenvolvimento físico e emocional da menina. Porém, não é possível negar essa forte progressão, tanto quando se relaciona as escritas entre si, como ao buscar compreensão da constituição dessas. Percebe-se, gradativamente, o amadurecimento na discussão dos temas, como mudança de interesses, evolução da linguagem, ampliação de vocabulário, melhor domínio de escrita. Isso porque, leio os textos da narradora como um sujeito social e histórico, de menina adolescente, com características

específicas de personalidade, inserida num contexto de formação progressiva. É possível sentir e acompanhar esse cotidiano nas próprias agendas de Taís.

Através da análise de linguagem, que me permite ler a relação que se estabelece entre um dia e outro dela, viabiliza-se o registro de uma história - não linear, mas processual - de Taís, a menina escritora de agendas.

Fazer agendas para a adolescente é uma brincadeira séria e desafiante. Ela, espontaneamente, assume essa tarefa como um compromisso diário. Não é um trabalho difícil, pesado. Com certeza, sentia prazer em estar lendo jornais, revistas, ouvindo rádio, recortando, colando e escrevendo; é a construção do seu dia, é um jeito de encontrar significação para tantos acontecimentos... Ela, com papéis de doces e restos de festas, símbolos de encontros, não guarda só as lembranças, mas presença, porque na verdade não é passado, mas vivo presente.

E, frente à tamanha riqueza de escrita, posso ler - não com um simples olhar, mas com um olhar que vai muito além: o significado das escritas do cotidiano; o querer dizer de uma escrita feminina; agendas, um gênero de escrita do cotidiano e também no pano de fundo: retrato de um trabalho social, familiar e escolar na vida dessa adolescente.

4.1 Agendas de Taís: Uma adolescente – escritora e leitora do cotidiano

Taís escreveu suas agendas por um período longo e consecutivo - sete anos de produção - iniciou em 1992, com 11 anos, na 6ª série e prolongou até 1999, com 18 anos; parou, após o primeiro ano da universidade. É impressionante como a menina seguiu à risca essa meticulosa tarefa diária, que se propôs, de "fazer" agendas: relatando, de modo resumido, cada dia vivido por ela, os momentos marcantes e ações banais do dia-a-dia.

Com as escritas das agendas de Taís é possível ler o cotidiano da pré-adolescente/adolescente e acompanhar o seu crescimento. As agendas mostram a leitura de mundo da menina - relatos dos acontecimentos, com os dias alegres e tristes, suas obrigações, as constatações e opinião sobre as coisas, as dificuldades,

os sonhos e as fantasias... Uma tarefa diária posta a ela mesma, anotar todo dia o que acontecia, conforme o seu olhar. Portanto, escritas do cotidiano de Taís.

Com o intuito de mostrar o que a menina fazia em sua vida – baseando-me na escrita das agendas - seleciono algumas anotações. Não tenho pretensão, agora, de escrever a história de Taís de modo linear, nem estou em busca da verdade dos fatos, menos ainda, não quero dar ênfase a esse ou àquele relato. São textos tomados de maneira espontânea.

Para facilitar a leitura das anotações nas agendas:

• **Organização em blocos**: compromissos sociais, familiares e estudo. Mas, nem sempre isso é possível, porque há uma mistura nas anotações dos temas.

• **As datas não são seqüenciais**: pois há tentativa em agrupar os temas.

• **Manutenção de todas as características da escrita**: os textos estão conforme se apresentam nas agendas.

• **Todas as frases foram mantidas no mesmo parágrafo**: para não ocupar muito espaço. É possível visualizar a distribuição original da escritora nos textos escaneados, mais adiante.

OS SETE ANOS DE ESCRITA - Lendo os textos das agendas:

1992: Taís tinha 11 anos e estava na 6ª série. Morava em Tietê, na casa de madeira, recém-construída, planejada pela família. A pré-adolescente estudava na Escola Estadual Plínio Rodrigues de Morais, assim como sua irmã, que cursava a 3ª série do fundamental. Os pais trabalhavam na própria cidade de Tietê.

Mostrando a conquista de novas amizades:

"Sábado 22 de fevereiro de 1992: Eu tenho duas amigas da escola que são Aline e Andressa, mas a amiga minha de sempre é a minha mãe".

Registrando suas queixas:

"Sexta-feira 03 de abril de 1992: Estou chateada com Priscila minha amiga de viagem ela não me escreveu mais desde o ano passado"

Na escola:

"Terça-feira 11 de Fevereiro de 1992: Adorei hoje o segundo dia de aula. Já estava emjoada de ficar em casa".

Misturando relatos e compromissos:

"Quarta-feira 20 se Fevereiro de 1992: O homem precisa ter responsabilidade. Hoje tenho lição de Matemática e Português. Não esquecer da lição de História para amanhã".

Um lugar possível para registrar as sensações de alívio:

"Sexta-feira 20 de março de 1992: Hoje eu tinha prova de Português mais ainda bem foi para 2 de abril. A prova será do livro Aventuras de Xisto".

Um incidente na escola, que merece todo o espaço da agenda:

"Sexta-feira 10 de abril de1992: Hoje estava sem água na escola por que teve uma imvasão de baratas na escola, no bebedo, no banheiro etc Ai Credo û".

Um dia diferente na escola:

"Quinta-feira 30 de abril de 1992: Aniversário da Escola Plínio. Hoje teve jogos na escola".

Seus gostos, sentimentos, preocupações e medos de menina ingênua são relatados de modo muito simples. A sua agenda, um lugar possível para deixar suas opiniões:

"Domingo 01 de Março de 1992: É véspera de Carnaval mas eu não gosto muito de musica de Carnaval, eu prefiro Gun's n Roses Rock".

Um lugar para se justificar de não ter cumprido algo:

"Quarta-feira 04 de Março de 1992: Hoje é Quarta-feira de Cinsas eu não estou boa por isso é que eu não fui na missa".

Na sua agenda é possível mostrar os medos, sem receio de ser ridicularizada:

"Sexta-feira 13 de março de 1992: Hoje é sexta-feira treze (13) eu morro de medo mas eu não sou muito superticiosa, só algumas coisas assim como porta de armario aberto sapato virado etc".

Um gosto registrado, não se importando com que os outros pensem:

"Sexta-feira 27 de março e 1992: Eu estou adorando as músicas de rock que toca na 97,1 mg. fm So musica agitada e lenta".

Um espaço para justificar suas atitudes:

"Domingo 29 de março de 1992: Hoje vence meu isame do clube só que eu não vou fazer mais poque já foi o verão".

Permitindo-se fora de um esquema de rigidez social:

"Quarta-feira 01 de abril de 1992: Hoje é o dia da mentira eu falei bastante mentirinha só por que é o dia da mentira".

A menina que se insere no social e vai descobrindo modos de fazer parte das estruturas:

"Quinta-feira 02 de abril de 1992: Hoje eu inventei uma assinatura legal só que eu não sei qual eu vou usar".

Registrando uma data comemorativa:

"Quarta-feira 13 de maio de 1992:" Hoje é dia de nossa senhora de Fátima e A abolição dos escravos".

Uma grande preocupação da menina, que se prolonga por vários dias:

"Domingo 16 de agosto de 1992: Está havendo uma epedimia de meningite na cidade Segunda-feira 17 de agosto de 1992: idem EP; Terça-feira 18 de agosto de 1992; idem EP; Quarta-feira 19 de agosto de 1992: idem EP; Quinta-feira 20 de agosto de 1992: idem EP; Sexta-feira 21 de agosto de 1992: Idem EP; Domingo 23 de agosto de 1992: Deus nos acuda".

Taís relata seus passeios, a maioria deles com os pais. Os compromissos, ainda bastante infantis. A agenda é um lugar para marcar com detalhes:

"Sábado, 28 de março de 1992: Eu vou ao sitio hoje brimcar tomar sol e ficar bronzeada bastante ja que meu isame de clube vence amanhã".

O espaço é pequeno para dizer o muito que pretende fazer:

"Quinta-feira 09 de abril de 1992: Hoje tenho Ed. Fisica e vou na casa da minha vó para ir ao sítio pegar mixirica, maracuja, peixe, abacate, mamão, couve, lima, fididinha, amora, cerimguela etc e vou na igreja na confissão".

A agenda aqui é tratada como uma confidente:

"Sábado 11 de Abril de 1992: Agenda, terá um feriado prolongado e eu acho que eu vou viajar não fale nada em porque nao ta nada certo".

Uma demonstração de afeto:

"Domingo 12 de abril de 1992: Hoje é o aniversário do meu vô e eu vou ao sítio brincar e nadar com meuus primos. Eu adoro meu vovô. Feliz aniversário vovô".

Taís não esquece os aniversários, principalmente quando há uma festinha:

"Domingo 30 de maio de 1992: Aniversário da mamãe". **Uma data importante:** ***"Domingo 9 de agosto de 1992: Dia dos pais. Feliz dia dos pais"; "Quinta-feira 3 de dezembro de 1992: Niver de papai".***

1993: Taís tinha 12 anos e estava na 7ª série. A família mudou para a cidade de Tatuí, a 35km de Tietê. O pai recebeu uma proposta de trabalho da CESP e aceitou. Moravam em um apartamento alugado, no centro da cidade; a casa de Tietê virou um lugar de passeio, já que permaneceu mobiliada. Os pais trabalhavam na nova cidade, desde janeiro deste ano. Taís estudava na Escola do Sesi - uma escola industrial e sua irmã cursava a 4ª série, em uma escola estadual. Tudo chamava a atenção de Taís, na nova vida. Era preciso fazer amizades e conquistar o espaço escolar. Na agenda da pré-adolescente as escritas revelam as ansiedades que tomaram conta dela. Nesta agenda, deixa algumas páginas em branco. É o novo interferindo nas atuações da menina, tanto na vida familiar, como nos estudos; e, principalmente, começa a relatar os interesses pelos meninos. Sua agenda mostra o querer fazer de tudo como estudar, passear, tocar piano, freqüentar aulas de canto, praticar esporte, fazer inglês, sair com os amigos, mas gosta da participação com a família.

Taís conquistava os colegas da escola e fazia muitas amizades. A menina sentia a ampliação de sua vida social:

"09 de Junho de 1993: Hoje fui à escola e ao Yázigi Hoje fui convidada para ir para São Paulo em uma apresentação do Cat. Da minha classe vai eu, a Angélica, o Adriano e o Wlademir. Hoje eu também falei com ele e só bobagem de escola e outras porcarias".

Da escola pode-se ler vários aspectos. A agenda neste dia serviu também para apontar tarefas:

"02 de Fevereiro de 1993. 2o dia de aula. Lição de Matemática equações e inequações. Lição de Educação artis. Desenho. Trazer amanhã para Área econômica 1 folha de sulfite ou caderno velho, régua, lápis, borracha.

Taís anotava seus sentimentos, datas importantes, compromissos fora da escola e, sobretudo suas emoções. Uma data marcante:

"12 de Junho de 1993: Sábado Dia dos Namorados. Hoje vou para Tietê e fui para Sorocaba no Esplanada Shopping. Fui ao Mc Donald's e fui a Pakalolo e comprei uma tiara de lá. Fomos à casa do Pão de Queijo e fomos ao Carrefour".

Um dia diferente:

"30 de Junho de 1993: Não tem Aula hoje. Hoje não teve aula mas à tarde eu ui no Yazigi e a noite eu fui buscar a Telma no catecismo e mamãe foi fazer compra no supermerca".

Desabafa-se na agenda: está doente:

"13 de Julho de 1993: Não estou boa - Estou dormindo em Tietê".

Dando sua opinião:

"14 de Julho de 1993: Assisti o filme - Jurassic Park (Parque dos dinossauros) no shopping de Piracicaba.- O filme é o máximo".

Expressando seus sentimentos:

"Segunda-feira 26 de julho de 1993: Já tenho certeza do recado que veio no jornal de Tietê. É do Dudu. Mas ele pode encher o jornal de recado porque eu não quero nada com ele".

Apenas pequenos lembretes:

"24/09/93 Niver Aline-Taquarituba; 29/09/93 Niver Ana Paula and Michele; 20/11/93 – Sábado My niver; 23/11/93 Niver Telma; 29/11/93 Niver Flávi".

1994: Taís tinha 13 anos. Estava na 8ª série, freqüentava a escola Sesi em Tatuí. Pelas suas anotações percebe-se que a adolescente aumentara o círculo de amigos e freqüentava várias atividades sociais e culturais fora da escola. A agenda, neste ano, torna-se um lugar para pontuar esses compromissos e, sobretudo, expressar os sentimentos. Lêem-se as tumultuadas paixões de uma adolescente.Taís revela suas angústias, seus medos e os sonhos; escreve muito sobre seus sentimentos.

Taís saboreia os compromissos que marcam uma nova fase da sua vida; a adolescente vive intensamente o envolvimento com os amigos:

"Quarta-feira 5 de Janeiro de 1994: Hoje fui à aula de piano às 15:00 hrs. Amanhã vou entrar na aula para aprender a costurar. Comprei o Zingara no Boticáio.Tem aula de ginástica amanhã".

A menina anotava as atividades do cotidiano que lhe são mais prazerosas:

"Sexta-feira 14 de janeiro de 1994: Fui para Tietê, hoje à noite. Saí e fui andar de bicicleta no jardim, à noite".

Ela fazia coisas que chamam a sua atenção:

"Terça-feira 18 de janeiro de 1994: Hoje eu caí da cama, levantei super cedo e fui ao clube. À tarde terminei meu vestido e ficou lindo".

Novos amigos e notícias para o coração, trazida pela amiga:

"Sexta-feira 18 de fevereiro de 1994. Hoje fui à escola e estava super legal. Foi pouca gente então nos divertimos muito. Liguei para a Michele e depois ela veio em casa trazer massas. A noite ela me ligou e disse que vio o Loiro (ele é lindo)!!! Largou da namorada".

Muitas atividades e bem diferentes do metódico dia-a-dia:

"Terça-feira 22 de Março de 1994: Aniversário do Antônino. Fiz prova de Inglês e eu acho que vou tirar uma nota boa. Liguei para o Antônino, faltam 3 dias para eu ir a colônia de Férias. Fui à aula de costura e estou quase acabando a saia do meu conjunto.(Talvez vamos ao CAT com o 2° colegial do Objetivo, quinta feira)".

Atividades extra-escolares e bem ao gosto da menina adolescente:

"Quarta 06 de Abril de 1994: Antes de tudo, é mentira que vai haver outra pousada, ainda bem, graças à Deus por que eu não iria mesmo. Assisti ao filme Romeu e Julieta, da obra de William Skaspeare, é muito legal. Fui à aula de teclado e estou aprendendo Flash Dance, não é o máximo!!! Fui à aula de Yázigi também".

O coração de Taís estava com saudades:

"Domingo 10 de junho de 1994. Meu gato... estou com saudades".

Coisas normais do cotidiano de uma adolescente:

"Segunda-feira, 8 de agosto de 1994: Hoje, segunda feira fui à escola, depois quando cheguei em casa almocei. Recebi um telefonema anonimo e depois recebi outro. Fui ao Yázigi e quando voltei fui ao grupo de jovens. Desbriguei com a Angélica".

*B*rincando com os dias e as datas:

"Quarta-feira 31 de agosto de 1994: Último dia do Mês de cachorro louco. Você já foi vacinado?"

Compromissos de família que já não envolve a adolescente; prefere a música, os amigos, a paquera:

"Sexta-feira, 30 de setembro de 1994: Casamento de tia Vilma. "Sabe aquele melodrama de ontem? Pois é, é mentira. Minha mãe me disse que é mentira". Hoje eu fui à escola e estava o máximo hoje. A tarde fomos para Tietê e ao chegar lá fui na minha casa e fiquei escutando música. Fui me aprontar para o casamento faltava meia hora. Fomos à Igreja, mamãe e papai foram padrinhos. Não tinha ningém de interessante.

O cotidiano escolar que se mistura com o social: *Domingo, 16 de outubro de1994:*

"Como você é lindo, só que é um pouco convencido.Mesmo assim estou ligadona em você! "Quando te vi meu coração quase morreu de amor, você é lindo".

Preocupações com o estudo e os aniversários com as suas típicas festinhas:

"Sábado 3 de dezembro de 1994: Vestibulinho no Sales." Niver do meu pai".

Com a agenda cheia. Misturam-se compromissos e passeios:

"Segunda-feira, 12 de dezembro de 1994. Estou em Tietê desde ontem. Vim para cá pra ir no dentista. Fui ao dentista e depois eu saí com a tia Cássia. Compramos as coisas para fazer o presépio do sítio. Coloquei a borrachinha do meu aparelho transparente. A tarde voltei para Tatuí, o Antonino está dormindo em casa esta semana. Fui ao Yázigi e a noite eu fui a Loja do Guto para comprar uma camiseta. Comprei uma super legal da Cockpit. Adorei. Obs: Não fui à escola".

Festas esperadas por Taís acontecem, em uma mesma data:

"Sexta – feira, 16 de dezembro de 1994: Festa de Confraternização de Natal – CESP - Ensaio da Formatura às 9:00 hs - Festa do Yázigi. Hoje eu fui à festa de confraternização da CESP. Lá quando eu cheguei, o Gustavo me comprimentou. Depois de um tempo ele veio e sentou na minha mesa com o Shorr e o Willian. Jogamos todos juntos bingo e almoçamos as 5:00 Hrs. Fomos jogar volley e as 7:45 hrs eu fui embora poque eu ia co o Schorr, o Gustavo e a Giu na pizzaria na festa do Yázigi. Quase morro de tanto dar risada...".

Sobre a escola, agora Taís elabora textos mais longos; mistura aqui as aulas com os compromissos sociais:

"Terça-feira 01 de fevereiro de 1994. Volta às aulas. Hoje voltei às aulas. Revi todos os meus amigos. Me puseram na 8a B mas meu lugar é na 8ªA. A Michele veio em casa.Terminei meu conjunto hoje. Ficou lindo!!! ".

Um dia de agenda cheia para a menina:

"Segunda-feira 28 de Fevereiro de 1994: Terá reunião então é para vir na 3a aula. Fui à escola e hoje tenho que fazer o trabalho da U.R.V. (unidade real de valor). Na casa da Angélica fizemos o trabalho escutando música, estava uma bagunça. Às 17:30 fui ao Yazigi , e o Stefam sento do meu lado e eu não aguentava mais ele (Xarope). À noite fui no Grupo de Jovens, estava uma delícia, é muito jóia, a Juliana irmã do C.E. estava lá, o Topete, o Andersom etc."

Coisas de escola que chamam a atenção da menina:

"Sexta-feira 04 de março de 1994: Aula de Ed. Física. Trazer a "Trança" de AE/2ª. A professora de Geografia disse que talvez tenha uma excurssão p/ Vila Velha. Terá reunião então é para vir na 3a aula".

Hoje, na escola, muita rotina; fora dela, várias atividades prazerosas:

"Segunda-feira 07 de Março de 1994: Hoje fui à escola e estava com muitissimo sono!!! À tarde eu fui no Yazigi e depois fui no grupo de jovens. O Topete me apresentou um menino loiro de olhos azul (ou será verde! não sei) que diz estar gostando de mim. Não "tô" nem ai!! Já disse!!! O nome dele é Ivan". Sexta-feira, 28 de outubro de 1994: Prova de Geografia. Fiz prova de Geografia hoje e fui para Tietê. Amanhã tem festa do aniversário de Ana Paula, e eu vou!".

O escolar e o social juntos: é o cotidiano da adolescente:

"Sexta-feira, 4 de novembro de 1994: Pesquisa: Revolução Industrial:- localização – Vocabulário - Nome do Autor , livro, pag. Giovane veio jogar em Tatuí e eu fui assistir o jogo dele lá no XI, o patocínio foi do Banespa e do Rotary Clube. Lá estava super legal, vi meus paqueras lá e estava cheio de gatos lá. O Giovane é mais do que lindo. Adorei".

O corriqueiro cotidiano da adolescente:

"Terça-feira 22 de dezembro: Niver Fernando. Prova do Livro".

1995: Taís tinha 14 anos e cursava a 1ª série do ensino médio no Objetivo, de manhã. À noite, fazia o curso técnico em eletro-técnica, no Sales Gomes, escola vinculada à Paula Sousa. Agora, neste ano, mais preocupada com estudos, mas no auge da adolescência, buscava satisfazer suas emoções; começavam os namorinhos. A adolescente se divide entre as duas escolas e vários compromissos paralelos. As escritas de Taís mostram como tudo que fazia estava interligado. A escola era lugar de encontro; aos passeios, geralmente saía com os amigos das escolas que freqüentava. Também, nos divertimentos os assuntos, muitas vezes, eram escolares. É possível perceber, que neste ano, passava a escrever nas agendas mais no período da tarde, já que antes essa prática geralmente fazia à noite. Entretanto, não raro ela ficava escrevendo de madrugada e depois, dormia à tarde.

Nos relatos sobre os compromissos sociais: um ir e vir constante com o grupo que a cerca. A maior parte de suas escritas dizem de seus sentimentos, revelam suas emoções:

"Quinta-feira 12 de Janeiro de 1995: Hoje levantei as 10:30 e fui buscar as fotos 3x4 e da minha formatura, ficaram super legal. A tarde a Michele me ligou para eu ir à casa dela. Fui pagar o estacionamento para o meu pai, depois fui com a minha mãe até o "Sales Gomes" para fazer a minha matrícula e depois eu fui até a casa da Michele. Encontramos a Carol e ficamos conversando com ela na lanchonete. O Gustavo passou por lá de carro com o pai dele, deu thau e estava com um sorriso lindo no rosto".

Preocupações mais com o coração que com as atividades:

"Segunda-feira 13 de Fevereiro de 1995: Hoje eu quase que cheguei atrasada na escola. Tive uma aula vaga hoje. O fernando estava para encher o saco . Me

asucrinou o dia inteiro. A tarde eu fiu ao Yázigi depois eu saí e fui dar uma volta. O menino não estava lá no Yázigi hoje, só lá na escola. A noite eu escutei bastante música e depois fui dormir".

Um modo específico de menina adolescente se expressar: exagerando nos relacionamentos:

"Terça 14 de Fevereiro de1995: Toda vez que eu penso que tive você pra mim, por mais que tenha sido uma noite só, que já faz tanto tempo, sinto que valeu, valeu pra caramba, penso também que aquele da festa de natal ou da pizzaria você poderia pelo menos ter me dado um beijo, eu sei que você estava a fim, pois é, eu também estava e muito. Eu gosto tanto de você, sei que você não pode nem imaginar como eu te adoro, pra dizer a verdade, você foi o único cara que eu gostei desse jeito".

Um relato que mostra bem os interesses emocionais da menina:

Quinta-feira 23 de março de 1995: "Hoje eu fui ao objetivo, estudei um pouco a tarde e depois fui a aula de Educação Física. Os meninos do 3°.estavam lá na quadra jogando futebol. E nós começamos a observalos e a cantar: "Gostoso como a vida deve ser...". Tinha uns gatos mais lindos do que os outros. Estava muito 10 lá e depois eu estava voltando e encontrei o Jú. Fui a escola à noite".

Relembrando emoções, muito típico do eu-lírico feminino:

"Domingo 09 de abril de 1995: "Passei o dia inteiro pensando em você, se você soubesse como a saudade dói, se você gostasse de mim, talvez você soubesse do que eu estou falando. O que me consola é a lembrança de que tenho de você em minha mente, sei o que agora eu escrevo pode te parecer um monte de bobagens e asneiras, você vai achar que isso é um ato de criança mas não é não é por que eu te adoro. De mais, e as vezes não consigo parar de te esquecer nem por um minuto e hoje foi um dia desses".

De agenda lotada, Taís curte os eventos sociais:

"Sábado, 13 de maio de 1995: Hoje levantei às 11:00 hrs e saí pra comprar uma roupa para ir na disco hoje a noite. Comprei uma calça jeans vermelha de cintura baixa e duas mini blusas. A tarde não fiz nada e a noite fui jantar na pizzaria e depois eu fui lá no XI. Quando cheguei tinha super pouca gente mas depois foi lotando que não tinha jeito nem de respirar. Meus paqueras estavam lá (alguns). Estava muito 10. Foi o maior agito. Só que eu estava muito

empolgada e depois eu fui embora as 2:30 hrs e não conseguia voltar pra casa de dor no pé. Dancei a beca".

Um dia todo cor-de-rosinha para a adolescente:

"Sexta-feira, 09 de junho de 1995: Hoje eu estou escrevendo de cor-de-rosinha porque o dia foi bem cor-de-rosinha. De manhã, fui à escola e estava super legal. Mas a noite foi mais legal. Eu troquei de roupa, não coloquei uniforme e fui toda bonitinha para a escola. Na segunda aula eu fiz prova e saí. Aí eu falei para a Michele passar comigo na frente do quarto ano e ela perguntou quem eu queria ver porque um loirinho ficou me olhando na hora em que eu passei. Como eu não tinha visto, passei e olhei de novo, o Gustavo pegou e deu thauzinho pra mim, fiquei contentinha".

Compromissos do cotidiano e suas opiniões sobre os fatos:

"Quinta-feira, 15 de junho de 1995: "O seu mais leve olhar vai me fazer facilmente desabrochar, apesar de eu ter me fechado como um punho cerrado, você me abre sempre, pétala por pétala como a primavera abre (tocando de leve e misteriosamente) sua primeira rosa!" E. E. Cummings. Fomos para Tietê. A noite eu sai fui numa lanchonete nova que abriu lá. Super 10 pra um lugar que não tem o que fazer.

Um dia agitado; um ir e voltar sempre no final de semana:

"Sábado, 26 de agosto de 1995: Hoje eu acordei super tarde e bem disposta pra caramba. Fui almoçar no Lá em Casa, depois que eu saí, fui dar uma volta com a Telma, depois voltei em casa e fomos pra Tietê era 5:30 hrs. Andei de bike, fui até o Tec depois voltei para casa da vó. Voltamos super tarde e eu estava cansada pra caramba".

Depois de um pesadelo, uma reflexão sobre o valor da vida, da família e dos amigos:

"Domingo 15 de outubro de 1995: Hoje tive uma madrugada que foi, terrivelmente, terrivel, acordei umas três da madrugada, super assustada, comecei a pensar que talvez eu pudesse morrer ali, naquele mesmo instante começou a vir nos meus pensamentos as pessoas que eu mais gostava: meu pai, minha mãe, minha irmã, a Flávia, a Michele, a Angélica, o Cristiano, que eu não vejo desde terça; o Gerson que ainda não falei com ele depois de segunda

e então foi aí que eu percebi que em momento algum eu poderia MORRER minha mãe".

O cotidiano posto na agenda da menina:

"Terça-feira, 17 de outubro de 1995: Hoje eu acordei cedo, fui a escola, estava muito legal hoje, ficamos escrevendo poesias. A tarde, caiu um baita de um chuvão que só vendo. A noite eu fui a escola, falei com o Gersom na entrada e depois recebi um jornalzinho de lá. Tivemos aula de Elétro e eu estava neurótica. Vi o Cris, fui dormir super tarde, porque fiquei escutando música até 1:30 da manhã".

Só copiando versos de Manuel Bandeira:

"Terça-feira, 07 de novembro de 1995:" Andorinha. Andorinha lá fora está dizendo. "- Passei o dia à toa, a toa!" Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste. Passei a vida à toa, a toa. Libertinagem e Estrela da Manhã/ Manuel Bandeira.

Uma canção para expressar o lado triste do carnaval:

"Quinta e sexta-feira, 16 e 17 de novembro de 1995:"Na Boca. Sempre tristíssimas essas cantigas de carnaval! Paixão. Ciúme. Dor daquilo que não pode se dizer. Felismente existe o álcool na vida. E nos três dias de carnaval éter de lança perfume. Quem me dera ser como o rapaz desvairado. O ano passado ele parava diante das mulheres bonitas. E gritava pedindo o esguicho de cloretilho. - Na boca, Na boca. Umas davam- lhe as costas com repugnância. Outras faziam- lhe a vontade.Ainda existem mulheres bastante puras para fazer a vontade dos viciados. Dorinha meu amor... Se ela fosse bastante pura eu iria gritar-lhe como o outro: - Na boca, Na boca".

Chora, porque não foi à nova discoteca:

"Sábado, 25 de novembro de 1995: Hoje eu acordei cedo, a Michele passou em casa nós saimos. Fui à casa dela e almocei lá. Depois subimos lá na casa da Angélica levar um convite da Flamingo (eu não vou). Fomos na casa do Ricardo ver as cachorrinhas dele que nasceu são umas belezinhas. Aí vim embora era umas seis horas. Não saí a noite, fiquei em casa e chorei, chorei, chorei, chorei e chorei, mais ainda".

Aulas, quando são apenas lições de aprendizagem, parece não trazer tanto interesse. A anotação da adolescente é resumida.

"Sexta 05 de Maio de 1995: Não fiz nada de especial. Fui a escola de manhã não sai a tarde e a noite fui para a escola e fiquei morrendo de tédio. Uma chatisse".

Um dia bastante aborrecido para Taís:

"Segunda-feira, 22 de maio de 1995: Kiss me now or forget me forever. Hoje o dia foi pra lá de um saco, eu estava super nervosa e hoje deu de todo mundo encher a minha paciência. Tinha que entregar a redação hoje e eu esqueci de fazer. A tarde eu fui no Yázigi, cheguei um pouco cansada, mas fui na escola mesmo assim. Estava um saco hoje. O Gustavo me comprimentou tão frio hoje. Drogal".

Tentando conciliar as duas escolas; tinha muito que fazer, mas os amigos falavam mais forte, que o compromisso escolar:

"Segunda - feira, 31 de julho de 1995: VOLTA ÀS AULAS "Para desespero de quem vai e alergria de quem fica". Hoje começaram as aulas no Objetivo, eu fui cedinho para a escola, estava super legal lá, encontrei meus amigos novamente e demos muitas risadas na aula de redação. A tarde eu fiquei em casa dormindo. Só saí as 4:00hrs para ir comprar lapiseira que eu estava precisando. A noite eu fui a escola. O Cristiano voltou. Vi o nego só de relance hoje, ele saiu mais cedo".

Muitas informações ao mesmo tempo.

"Terça-feira, 30 de maio de 1999: "O PIOR CEGO É O QUE NÃO QUER VER" O dia hoje foi legal, eu estava numa animação que só vendo. Fui à escola tinha prova de física. A tarde eu fui na educação física, fiz a maior bagunça, só dei risada. A noite fui à escola. Sábado vou no show do Engenheiros".

1996: Taís estava com 15 anos e permanecia em Tatuí. Sua agenda nos revela como, no auge da adolescência, sua agenda mostra a participação nos eventos promovidos na cidade para os jovens. Em especial as discotecas, os shows e a freqüência aos clubes para jogos e natação. Neste ano, marca sua vida um compromisso amoroso, com um garoto da cidade de São Paulo, que conhece em uma excursão; as dificuldades para os encontros, o namoro ao telefone e as cartas são documentados em sua agenda. Neste ano Taís cursou a 2ª série do ensino médio no Objetivo e, à noite, continuava o curso técnico em eletro-técnica; porém, no 2º semestre, a contra gosto, desistiu do curso noturno. A mãe interfere, pois a menina não estava conseguindo estudar; dormia pouco e estava ficando esgotada. É

possível acompanhar nas suas escritas um problema de saúde, este atormentará a adolescente por vários anos, descoberto bem depois – tumor em um ovário.

As marcas sociais neste ano são bastante fortes. Um vai-e-vem constante com os amigos, típico de adolescentes. Sua agenda é um contar e recontar do que faz no cotidiano:

"Quarta-feira, 3 de janeiro de 1996: Ontem, eu não saí de manhã só à tarde eu fui andar de bike por aí. Hoje, mesmo chovendo, eu e a Flávia fomos fazer uma visita para a Angélica. Fomos de a pé pela chuva, lá ficamos conversando, dançando" Mamonas Assassinas "e escutando Skank. Não vi ningém de interessante, nem ontém, nem hoje. Liguei para a Talita, amanhã se não chover, vamos andar de bike".

Problemas com a saúde de Taís, que interferem no seu cotidiano:

"Segunda 29 de janeiro e 1996: Hoje eu acordei cedo, comecei a andar e quase caí. Estava com uma dor nos rins e na bexiga horrível. Parecia que estavam pegando meus dois rins e dando um nó neles. Comecei a chorar de tanta dor. Minha mãe ligou para o médico e ele passou um remédio para mim. Acalmou um pouco, mas estou atordoada e branca que nem uma cera".

Registra a grande catástrofe para os adolescestes: Morrem os Mamonas Assassinas:

"Domingo, 03 de março de1996: Acidente fatal com os mamonas assassinas. Queda do avião na serra da Cantareira (SP) na madrugada de ontem (11:30 hrs). Hoje eu acordei super tarde, não fiz nada, saí e fui andar a pé. A Aline foi embora era umas dez horas. Fui comprar o meu remédio mas não encontrei em farmácia alguma. Fomos almoçar na casa do Dell Bem, fiquei jogando joguinho de computador até as três da tarde. Deu o maior chuvão, e fui para à casa e não saí mais. A noite eu fui a missa e tinha um dos meu paquera la.Voltei para casa e fui comprar o remédio não vi o indivíduo hoje".

Taís vai ao Programa Livre em São Paulo, uma excursão marcante. Lá conhece Carl, um garoto que marca este ano da adolescente:

"Sexta-feira, 22 de março de 1996 - Programa livre: Hoje eu não fui à escola, fiquei dormindo. Ao meio-dia eu fui ao Objetivo porque o ônibus ia sair este horário. Fizemos a maior bagunça no ônibus, sentamos no fundo, ou melhor, quase no fundo. Fomos cantando daqui até São Paulo. Chegamos lá duas e

meia e tivemos que ficar esperando no Sol para entrar. Às 3:30 entramos, gravamos um programa e o outo foi passado ao vivo. Era legal lá, mas muito calor, valeu. Fomos ao Shopping , eu e a Talita nos perdemos e fomos ao MC Donald's onde conheci três caras. O que mais gostei pegou meu endereço tudo, o nome dele é Carl , me identifiquei muito com ele, super legal. Na hora de ir embora quase não encontramos a saída. Chegamos em Tatuí às onze horas".

Um cotidiano normal, mas Carl liga de São Paulo para Taís:

"Segunda-feira, 25 de março de 1996".A gente pode estar feliz consigo mesmo por algum tempo... Mas a longo prazo a alegria deve ser compartilhada por duas pessoas.""". Hoje eu acordei cedo, fui à escola e saí meio dia. Estava em casa quase dormindo quando o Carl me ligou. Fiquei muito contente com isso. A tarde eu fui à aula de Inglês e quarta-feira não haverá aula de Inglês. A noite eu fui à escola. Fiz prova de Matemática. A Flavia foi lá também para ensaiar para a banda. O Cristiano estava lá conversando com uma menina. Sai umas quinhentas vezes da aula. Hoje eu estva super contente, cheia de entusiasmo. Amanhã tem prova de genética".

Carl vem conhecer melhor a menina e apresenta-se à família. O encontro foi no Shopping, em Sorocaba, em companhia dos pais de Taís, conforme gosto do garoto:

"Sábado, 30 de março de 1996: Hoje eu acordei tarde almocei e fui para Sorocaba, passamos na faculdade, pegamos mamãe e fomos ao shopping. Cheguei lá as cinco em ponto, ele não estava lá. O Carl chegou era cinco e trinta e cinco porque veio de ônibus e atrasou. Ficamos conversando o maior tempo, passeamos até que fomos do lado de fora do shopping ver a cidade. Ele pegou na minha mão e ficamos conversando sobre o nosso caso. Ele quer me pedir em namoro para o meu pai. Ficamos conversando o maior tempão, até que depois ele me deu um beijo, eu estava meio reciosa com medo, depois passou. Fomos jantar juntos, de mãos dadas tudo super legal, até que chegou a hora mais chata, a de ir embora. Adorei ele, vai me ligar e falou para eu falar pro meu pai. Despedimo-nos e viemos embora. Cheguei aqui às 11:30 hrs ".

Taís começa a se apaixonar, um sentimento novo para a adolescente:

"Domingo, 31 de março de 1996: Hoje eu acordei cedo, era nove e meia, mal durmi a noite, de tanto pensar en ontem. Almocei no restaurante depois eu fui para casa e durmi a tarde. Fui à casa da Vivi e nós ficamos fofocando. Fui à

missa de ramos e quando eu voltei o Carl me ligou, ainda bem. Ele disse que pensou em mim o dia inteiro. Fiquei contente por ele ter me ligado. Não sei o que está acontecendo, acho que estou sentindo algo por ele.Fui dormir super cedo, no fim não conseguia dormir, estava muito calor ".

Taís quer ir a São Paulo, pretesto para encontrar o namorado; fica triste e brava com a negativa:

"Sábado, 25 de maio de 1996: Hoje eu acordei super tarde. Não fiz nada o dia inteiro, apenas li o livro. A tarde o Carl me ligou e disse que gostaria muito que eu fosse para São paulo pra eu ir com ele à um concerto no Parque Ibirapuera da Nona Sinfonia de Beethoven. Quando foi umas sete horas ele me ligou novamente , chorei para a minha mãe me deixar ir mas o que recebi foi um tremendo não. Fui dormir chateada e brava. "Se algum dia a felicidade de algém estiver em suas mãos, não feche porque pode ser a primeira vez que algém tenta ser feliz".

À espera do namorado:

"Terça-feira, 11 de junho de 1996: Carl: Quando eu disse pela primeira vez que eu amava você, eu não tinha idéia do que estas palavras viriam a significar. Toda a alegria, toda a felicidade que eu senti naquele momento era só o princípio. Mas agora eu sei uma coisa importante sobre o amor... é que o amor tem o poder de mudar, de crescer, e de ser mais... agora quando eu disser que "Eu te amo" eu sei que vou te amar cada vez mais agora e sempre. Hoje eu acordei cedo, fui à escola e a aula de educação física. Esperei até as dez e meia e o Carl não me ligou, não sei o que aconteceu. Fiquei super nervosa. Fui dormir".

As famílias têm que se movimentar para proporcionar o encontro dos dois adolescentes, pois à distância os afligem:

"Sábado, 15 de julho de 1996: Hoje eu acordei com o telefone, era o Carl dizendo que não viria, que estava cansado de viajar e que quando namorava aquela outra menina ele também viajava. Fiquei brava com isso. Ele disse que eu estava chorando. Eu disse que ligava mais tarde. Liguei lá a tarde e nós conversamos um bom tempo. Uns minutos após, a mãe dele ligou me convidou a minha família para ir em sua chácara amanhã em Mairinque. Minha mãe disse que iríamos sim. A noite eu fui à festa da Cesp e a Michele me tratou muito sem

graça O Gustavo não parava de olhar e o Cristiano chegou lá com uma menina.Fui dormir cedo. Amanhã vou viajar".

Taís continua preocupada, apesar de estar com bons médicos:

"Segunda-feira 29 de julho de 1996: Volta às aulas hoje! Fui ao médico. Estou com um cisto no ovário, novamente. O médico disse que não é pra eu me preocupar, mas mesmo assim eu me preocupo muito!

Agora, na agenda a famosa canção, em inglês:

"Sábado, 3 de agosto de 1996: Another Brck in the wall. Pink Floyd. We don't need no education. We don't need no thought control. No dark scasm in the classrooms. Hey, teacher leave them kids alone. All in all it's just another brink in the wall. We don't need no education. We don't need no thought control. No dark scasm in the classrooms. Hey, teacher leave them kids alone. All in all it's just another brink in the wall".

Um selo de compromisso:

"Sexta-feira, 09 de agosto de 1996. Hoje pela manhã fui a escola. A tarde, o Carl veio e foi comigo a aula de piano. A noite nós saímos e fomos tomar lanche no Doca's. Eu fiquei tão emocionada. O Carl me deu uma aliança de compromisso, dentro de um coração: estava a minha e a dele. achei super bonito, romantico e principalmente apaixonado. Depois fomos tomar sorvete, cujo pote era em forma de coração também. Assistimos um pouco de televisão e depois fomos dormir".

Apaixonada:

"Quarta-feira, 21 de agosto de 1996: 3 anos. Não tenha medo nem vergonha de dizer eu te amo !!!"

Morre um grande ídolo de Taís:

Sexta-feira, 11 de outubro de 1996. Morte do Renato Russo do Legião Urbana.Tristeza".

Vão para a agenda as comemorações do dia dos professores, os afazeres, os compromissos, a notícia da aposentadoria do pai, a inquietação: há lugar para tudo.

"Terça-feira, 15 de outubro de 1996: Dia dos Professores. Acordei cedo e fui à casa da Vivi fazer redação. Sai de lá e fui comprar um presente para minha mãe (duas canetas). A tarde não saí, apenas assisti um filme na televisão. A noite fui a Tietê. Pegamos a carta do meu pai. Já saiu a aposentadoria dele. Não falei com o Carl hoje, amanhã a gente conversa"

.No aniversário de Taís, uma marca na agenda:

"Quarta-feira, *20* de novembro de 1996: *Meu niver. Veio todo mundo em casa a noite para comemorar o meu aniversário. Veio a Michele, a Talita, a Flavia, a Marcia e o Adriano. Estava super legal. Ganhei flores da mamãe. Adorei muito".*

Muitas festas e tristes emoções:

"Sábado, 14 de dezembro de 1996. Show dos paralamas do Susseço. Estava super legal. Antes teve festa da CESP na AABB. Conversei com o Gustavo e só não vi o que mais queria que era o Cristiano. Nos paralamas ele também não estava".

Antigo amigo e paquera:

"Sexta-feira, 20 de dezembro de 1996: Liguei para o Gustavo. Festa do Objetivo".

Antigos e fiéis amigos; melhor, paqueras. Taís percebe o fim do relacionamento com Carl:

"Sábado, 21 de dezembro de 1996: Fui no 5 meia7. PS1: O Cris terminou com a namorada. Aleluia. PS2: O Gustavo não me ligou". Termina o namoro com o Carl: *"Quinta-feira, 26 de dezembro de 1996: Liguei para o Carl e a mãe dele disse que ele foi para Mairinque e que ele só volta depois do dia 1º. Hoje ele "assinou" o fim do nosso namoro".*

Uma manifestação especial:

"Sábado, 28 de dezembro de 1996: Fiquei com o Cristiano. Graças a deus! Obrigada, Senhor. Fui a boite hoje a noite e o Cristiano estava lá. Era noite da espuma. Estava super demais.No fim da noite o Cris me agarrou e deu-me uns beijos que melhor impossível. Foi e será a noite mais inesquecível da minha vida. Eu adoro o Cristiano D+". Foi e será a noite mais inesquecível da minha vida. Eu adoro o Cristiano D+".

Os estudos são marcados pelas conversas freqüentes com os amigos.

"Segunda-feira, 05 de fevereiro de 1996: Hoje eu acordei e fui para aula. Era só apresentação hoje, começou as nove horas. Eu estou no segundo B, classe melhorzinha que o outro segundo. A Talita não está na minha classe. Primeiro dia de aula e tudo igual, foi um saco. A tarde eu fui no inglês. A noite eu fui no Sales. Estava meio perdida por lá, colocaram a gente numa sala imunda no porão. Estou na classe do Alessandro novamente. Este ano será bom, está melhorando tudo, nas duas escolas ainda bem". O Alessandro voltou para casa comigo".

Dificuldades em conciliar estudos e programas sociais:

"Terça-feira, 12 de março de 1996: Começou a P.A. Hoje eu acordei cedo, fui a escola e estava na mesma. A tarde, depois do almoço teve a primeira aula da Programação Avançada (P.A.). Aula de matemática, aula de logarítimo (log). Fui com a Talita de bicicleta só que eu fiquei direto para a aula de Educação Física. Fui em casa tomei banho e durmi até seis e meia. Fui para à escola, na hora do intervalo eu estrava com uma fita no cabelo e o Leandro tirou ela de mim, pois no cabelo dele e disse que ia mostrar para o Cristiano. Fiz que nem liguei e continuei na minha. Hoje fiz um desenho de uma planta civil na aula de projetos.

Na sua anotação cabe o recado escolar, o suspense sobre a prova, relatos da educação física, a ligação para o namorado, o desligar do telefone, o sono...

"Terça-feira, 23 de abril de 1996: Ler: "O cidadão de papel" Gilberto Dimenstein Editora Àtica - Para Redação. Hoje eu acordei cedo, fui à escola, era pra ter prova do livro, mas ainda bem não teve. A tarde eu fui à aula de Educação Física e estava super gostoso, joguei basquete na aula. Fiquei lá até mais tarde jogando e fiz prova de corrida. A noite eu liguei para o Carl, ficamos conversando maior tempão. Amanhã ele vai prestar simulado para ver como está. Fui dormir super cedo, estava com muito sono hoje, desliguei o telefone e fui prá cama".

Compromissos e encontros pautam o cotidiano escolar de Taís:

"Quarta-feira, 16 de maio de 1996: Hoje eu acordei super cedo, estava morrendo de sono. Fui à escola e estava tudo numa boa. A tarde fui à escola novamente, fui à aula de história. Saí, vim para casa, tomei banho e fui a aula de inglês. O Cristiano também estava foi e falou para mim que eu preciso voltar a estudar a noite que é uma judiação eu ter largado, que foi algém que me induzui a largar e

de todo o jeito eu tinha que voltar.Depois eu fui andar na Avenida com a Talita. Quando foi nove horas eu liguei para o Carl".

O cotidiano escolar, sempre misturado às atividades sociais. As leituras de livros literários, as peças de teatro... Agora é Machado de Assis:

"Terça - feira, 4 de junho de 1996. Peça: Dom Casmurro. Duração: uma hora. Dia: após a semana de provas, uma terça. Preço do teatro: 12 reais. Preço do ônibus: 12 reais. Preço total: 24 reais. Hoje eu fui para a escola. A tarde eu saí com a Talita e fomos passear na rua. Fomos em um monte de lojas, fomos comprar cartão para o dia dos namorados. Fui também a aula de Educaçao Física. Joguei basquete e estava super legal hoje. A noite o Carl me ligou e disse que não tem nada definido para o feriado. Ele está querendo me ver dois dias e ver o amigo os outros dois. Ele disse que vai dar um jeito".

Verificando a aprendizagem para os vestibulares:

"Sexta-feira, 22 de novembro de 1996: Testão. Fui super bem, tirei 9.3".

1997: Taís retrata nesta agenda, um ano bastante conturbado. Ela tinha 16 anos e cursava a 3ª série do ensino médio. Através de suas escritas é possível acompanhar a família que retorna a Tietê, pois o pai se aposentou; as meninas são transferidas das escolas. Taís está sofrendo bastante: término do namoro, longe dos eternos paqueras, a mudança da escola. Esse tempo em Tietê, apesar de curtir a sua casa, ela sofre. As escritas revelam sua preocupação com os vestibulares, o choro pelos amigos, uma saudade difícil... Todos sofrem na família. Não há saída: retornam a Tatuí, depois de três meses de transtornos, afim de que Telma conclua o ensino fundamental e Taís o ensino médio, na tão querida cidade de Tatuí. A mãe não tinha conseguido transferência e viajava para dar aulas, como também para fazer o mestrado. A família alugou uma casa em Tatuí, pois não conseguiram um apartamento. Taís retrata nas agendas esse ir e vir e a fase difícil que o pai passa, pois sofre com um grande stress.

As escritas de Taís revelam sua colaboração com a família em Tietê, apesar da saudade de Tatuí. Tenta novos amigos, busca entrosar-se com os primos:

"Sexta, 3 de janeiro de 1997: Mudei Hoje. Acordei cedo 6:00 e carregamos a mudança. Desde muito cedo ficamos arrumando as coisas. Tenho um quarto

novo. Com um guarda-roupa super grande, uma cama gigante (de casal), uma estante de livros, uma prateleirinha para eu por as coisas, uma TV, etc. Gostei muito da casa nova. Ficamos arrumando a casa até mais de uma da manhã. Fui dormir super tarde. Ah! Ningém ligou para mim hoje. A felicidade pode ser encontrada. Comece procurando nas pequenas coisas, nos pequenos gestos e atos".

Um acidente com a família. Taís relata o sofrimento:

"Sábado, 4 de janeiro de 1997:" Acidente: Hoje à tarde eu fui cortar meu cabelo. A noite fui para Tatuí com os meus pais de carro. Lá eu vi o Cris. Não dei com a mão porque não sei se ele me viu. Quando estavamos voltando, perto da Pirelle, um cara bateu no carro do meu pai. Entrou com tudo na traseira, era o prefeito de Cerquilho. Batemos todos com a cabeça, meu carro diminuiu uns 10 cm. Saimos do local do acidente 1:30 hrs. Meu pai ficou e voltou as 3:00hrs da delegacia".

Taís tenta, em Tietê, fazer amizades, sair à noite. Mas é muito difícil.

"Sexta-feira,10 de janeiro de 1997:Saí mas não tinha ninguém. Hoje eu acordei tarde e fiquei a tarde inteira no computador. Ana Paula veio dormir aqui hoje. Choveu pra caramba. De tardezinha eu saí de carro com a Ana. A noite nós saimos mas estava uma chatisse, não tinha uma pessoa na rua. Ficamos em frente ao TEC e viemos embora era mais ou menos uma hora".

A família um tanto desorganizada, sofre com a readaptação:

"Segunda-feira, 27 de janeiro de 1997: Minha mãe foi para Tatuí cedo hoje. Ela encontrou o envelope perdido. Fiquei em casa com a Telma e ficamos só no computador. A tarde fomos usar o celular e ele estava com problemas. Eu queria tanto e quero que o Adriano ligue para mim, mas como isso vai acontecer com o telefone problemático. Lighei para a talita do Orelhão mas ela não estava. Este ano, só chove. Não saiu o Sol desde cedo hoje, ontem, anteontem... Fui dormir cedo por motivos de sono".

Taís vai à festa em Tatuí:

"Sexta - feira, 31 de janeiro de 1997: Acordamos tarde e cortamos a capa pra minha fantasia de mulher gato. A tarde fizemos as luvas e tomamos chuva. A noite nos aprontamos e eu tinha que enrrolar muito para a talita não desconfiar. Foi super legal a festa. o Adriano disse que eu não estava nem olhando para

ele. Aí eu fiquei conversando com ele até 2 das manhã. A festa acabou 6 da manhã, adorei".

Festa "à fantasia":

"T*erça-feira, 4 de fevereiro de 1997: Acordei cedo hoje e comecei a costurar a minha fantasia para o carnaval. Bordei em volta da capa inteira. Tem 5 metros em volta. A noite, fiquei ouvindo música. Minha mãe acha que vai fazer uma festa de aponsetadoria para meu pai sábado".*

As dificuldades da adolescente em aceitar sair do meio de seus amigos; o novo ambiente não a satisfaz:

"Quinta-feira, 27 de fevereiro de 1997: Estou agora ouvindo uma música e me sentindo a menor das criaturas. Mudar de cidade é um asaco. Ninguém mais me ligou e nem mais me ligou. Talita, Vivi, Angélica, Adriano, Gustavo e Cristiano. Sinto muita falta de vocês. Me perdoem se alguma vez fui chata com vocês, se fiz alguma coisa que magoei-os principalmente você Cris, eu adoro muito todos vocês. Hoje eu fui à escola es estava legal D+zão. A tarde não saí. Estudei a tarde inteira. Fui dormir tarde".

Apreciação sobre o ambiente:

"Terça, 11 de março de 1997: Eu dou muita risada com a idiotice desse povo daqui. é super legal, eu nunca vi coisa igual: vão à bailes, a discotecas e não dançam. Que burrice. Nunca vi alguém ir em casas noturnas que são para dançar e não dançarem. O divertido aqui é olhar para os outros. Mas só olhar, não sorrir e não conversar. Oh povinho caipira. A moda demora duas estações para chegar aqui. Eu me divirto com essas caipirices e faço tudo para ser normal para a moda e anormal para eles. Conseqüência, ficam me olhando, as meninas fofocando entre si e eu morro de rir. Esta é minha mais nova diversão".

Taís sofrendo:

"Sexta-feira, 14 de março de 1997: Sou eu quem escolho e faço os meus inimigos".

A adolescente só pensa em voltar à Tatuí:

"Quarta-feira, 19 de março de 1997: Quero voltar a ser feliz como eu era antes de vir para cá".

Preocupações com a escolha profissional:

"Quarta, 26 de Março de 1997: Esses dias eu pensei em trocar a Engenharia por Medicina. A diferença é grande, mas eu quero estudar "funcionamento" de gente ou de máquina. A medicina é legal quando pensa na parte humana que a Engenharia não tem. Mas a Medicina não tem a parte exata que a Engenharia tem. Bem, tenho que pensar bem. As duas carreiras são concorridas".

Capital Inicial falando por ela:

"Terça-feira, 8 de abril de 1997: "Meia noite, noite e meia, três, quatro, cinco da manhã... eu vou me embora mas eu sempre volto atrás porque as noites são todas Iguais!". Capital Inicial.

A família pensa em voltar para Tatuí, mesmo com dificuldades:

"Segunda-feira, 14 de abril de 1997: A coisa mais fabulosa está acontecendo: Vamos voltar a morar em Tatuí, isso é o máximo. Garotos: "aí vou eu" Garotas: "se cuidem" Taís parte II. Regresso !!! yes!!! yes!!!"

A alegria de Taís é impossível medir:

"Segunda-feira, 21 de abril de 1997: Yes. Eu não disse que voltava? Pois é, voltei para Tatuí, Graças a Deus. Começamos a mudança era 7:00 hrs da manhã. Foram duas viagens de caminhão. Eu não conhecia a casa lá mas é uma gracinha. A suíte de cima ficou para eu e a Telma. Arrumamos todas as roupas de dentro do guarda roupa (que agora divido com a minha irmã). O som está lá no nosso quarto também. Não saí hoje, apenas ajudei na mudança. Amanhã não vou à escola tem muita coisa pra por em ordem".

Agora é Gregório de Matos que fala por ela:

"Terça-feira, 29 de abril de 1997: O amor é finalmente/ um embaraço de pernas/ uma união de barrigas/ um breve tremor de artérias. Uma confusão de bocas/ uma batalha de veias/ um reboliço de ancas. Quem diz outra coisa, é besta!"."Gregório de Matos (Boca do Inferno) Barroco-BR.".

Taís está de volta com o seu grupo, mas no auge da adolescência, começa a se policiar quanto aos seus sentimentos:

"Quarta - feira, 11 de junho de 1997: O teu amor me cura de uma loucura qualquer" Bem, o Gustavo e o Adriano e outros meninos são curtição de final de semana. Credo, as vezes eu acho que sou um computador. Chega segunda

cedo eu clico numa janelinha chamada diversão, fecho. Clico em outra, chamada estudo abro e só vou fechar, se der, sábado cedo. Desde o ano passado que eu faço isso. Eu quero passar no vestibular!!!"

A notícia da gravidez de sua amiga a choca muito:

"Sexta-feira, 27 de junho de 1997: Quase morri do coração quando soube, com um ar de ironia sem fim da Angélica, que minha super amiga Michele está grávida. Minha amiga de adolescência, minha idade. Eu acho que ela comprou passagem para um tormento. Como podem, juro que eu não entendo. Ela já me parecia que não era feliz, agora... Quando cheguei em casa, eu estava tão nervosa que precisei tomar remédio para me acalmar".

A adolescente estudava bastante para os vestibulares, mas suas emoções falavam forte:

"Terça 15 de Julho de 1997: Acordei com o pé esquerdo. Estava vendo tudo black desde cedinho. Estudei um pouco de História e Física na manhã. Li o "Primo Basílio" e fiquei quieta o período inteiro. *Almocei, fui a escola devolver "Vidas Secas" e saí dar uma volta. Voltei e deitei. Tento esquecer a imagem de sábado. Estou super magoada. Não sei se agi certo, não sei se o perdi, não sei se vou conseguir parar de pensar nele".*

Compromissos do cotidiano de Taís:

"Quinta 17 de Julho de 1997: Cedo, saí, fui até o jornal, e comprei o livro "O Noviço". À tarde, eu saí fui procurar o mouse para o computador. Na volta, passei lá na Rodoviária e fiquei conversando com a Ana Cláudia. Ela é um barato. Quando ela namorava o Gustavo eu não a conhecia e julgava sem saber como ela era por causa dele que agora e desde antes, nunca deu a menor bola para mim. À noitinha eu fui andar na avenida. Não estava legal. Às nove teve Karaoque no 5meia7 e eu fui dar uma volta por lá. Fui dormir super tarde".

Manuel Bandeira, por ela:

"Segunda-feira, 28 de julho de 1997: Não aprofundes o teu tédio. Não te intregues a mágoa vã. O próprio tempo é bom remédio. Bebe a delícia da manhã. Manuel Bandeira". Apenas um lembrete: *"Segunda-feira, 11de agosto de 1997: Aniversário da Cidade!!!"*

Preocupações e cuidados. A gravidez da amiga Michelli; a viagem do pai interferindo no final de semana:

"Sexta 18 de Julho de 1997: Acordei cedo e fiquei ajudando a minha mãe no almoço. À tarde, às três horas eu fui na cas da Michele visita-la. Ficamos conversando, ela falou que está grávida de quatro meses e que nasce no final de novembro. Voltei, passei no supermercado, comprei morangos e fiz uma torta com eles a noite. Amanhã meu pai vai para Aparecida do Norte, não vai ter quem ir me buscar a noite. Assisti "A Firma" e fui dormir 2:30 hrs".

Um garoto que sempre mexe com o seu coração adolescente:

"Domingo 27 de julho de 1997: Hoje foi D+. Fui à pracinha à tarde. À noite fui à missa e no posto. O Gustavo estava lá. Ficou me olhando. Teve alguns caras que me olharam diferente".

A seleção dos amigos, a observação das qualidades e dos defeitos:

"Quarta 06 de Agosto de 1997: Bem, a Marília está cada dia mais minha amiga. Agora, nós combinamos de sair todo final de semana e nossos pais se revesarem na hora de ir buscar. Em compensação, a Márcia parece que está conseguindo distanciar a Talita de mim. Ela faz de tudo para ver se eu perco a calma, a serenidade e vê que não consegue aí ela cutuca mais ainda. Só que como eu vou falar para a Talita? Ela abusa de sua generosidade e a manipula. O melhor é se distanciar. Estou ficando amiga da Liliam também, mas quero distância da Márcia invejosa e não da minha amiga".

Um sábado com vários compromissos: a ligação com a família e a vontade de sempre conhecer gente nova:

"Sábado, 23 de Agosto de 1997: Acordei cedo e fui com o meu pai para Tietê. Voltei na hora do almoço. À noite, fui assistir a minha irmã desfilar no shopping, ela estava super linda. Voltei, troquei de roupa e fui no 5meia7, com a Marília, a Vivi, a Lilian, etc. A Lilian me apresentou o Ricardo de Campinas, adorei ele, super educado, inteligente. Fui embora às 3:15 correndo".

Alguém importante chega de viagem, depois de vários meses fora do Brasil:

"Sexta-feira, 31 de outubro de 1997: estou ansiosa para encontrar, por ver de que jeito o Cris vai voltar do México. Minha mãe acha que pode voltar diferente. Eu já tenho a opinião de que, quando uma pessoa resolve ser de um jeito, ela mesma pode se mudar. O contexto social vai influenciá-lo lá. Mas quando ele voltar para cá? Vamos ver".

Emoções no dia do Halloween:

"Sábado, 01 de novembro de 1997: Hoje tem baile de Haloween no casarão. Não havia mais convite, no fim eu achei. À noite, eu fui me maquiar na casa da Marília. Estava legal na festa, eu fui de vampira. O Cris voltou! Ele estava com o Gustavo e eu fui procurá-los e cumprimentá-los. Conheci uns caras legais. Voltei mais de quatro". A notícia que deixa a adolescente muito preocupada: ***"Domingo, 16 de novembro de 1997: Nasceu o nenem da Michele minha amiga".***

Taís fez 17 anos e está feliz:

"Quinta-feira, 20 de novembro 1997: Meu aniversário. Ganhei um bolo! Fiz o meu pedido, ganhei presente, e várias pessoas me ligaram e me deram parabéns "ao vivo". Adorei".

Taís em São Paulo: preocupações com a segurança, o medo e as dificuldades. Taís viaja para Florianópolis com um colega para prestarem vestibular. Antes, aproveita para passear com Marília, que está passando férias:

"Sexta 12 de Dezembro de 1997: Acordei tarde, e fui com a Marília à dois shoppings. Estava super legal. Às 17:00 hrs eu fui até a Barra Funda, peguei o metrô e fui até a estação do Tietê. Eu estava morrendo de medo de ser assaltada, com tanta violência, eu sozinha e com malas !!! O Tiago chegou lá já era 19:00 hrs. Fomos de ônibus. A primeira parada foi em Registro. Liguei para casa. Até Curitiba , as duas da madrugada, eu não havia dormido nada. Estava com um medão das ultapassagens. Passei frio no ônibus. Cheguei em Florianópolis às 6:00 da manhã".

Tecendo opiniões sobre os acontecimentos:

"Terça-feira, 02 de Dezembro de 1997. O coitado do meu pai está estressado. Minha mãe precisou interná-lo hoje, véspera do seu aniversário, mas ele é tão teimoso que não quer se cuidar. Este tipo de "doença dos tempos modernos" é horrível porque o dia que você não espera, o doente está bem; e na manhã seguinte sente-se mal novamente. Meu pai fala e faz cada coisa sem nexo que só alguém deprimido teria tal atitude".

Taís marca em suas agendas as dificuldades em aceitar as mudanças em Tietê e, depois a alegria em retornar à Tatuí, a escola que lhe ajudou a entrar na tão sonhada faculdade. Em Tietê, Taís se esforçava, estudava, mas além

de sentir a diferença no ensino, estava longe dos amigos, que foram tirados tão de repente:

"*Segunda-feira, 3 de março de 1997: Acordei cedo e fui à escola. Almocei lá no centro e fiquei para a aula de Matemática Geométrica. Voltei para casa e fiquei só estudando. Atualmente não faço mais nada além de estudar e morrer de saudades do pessoal de Tatuí que tanto amo. A noite fiquei no meu quarto ouvindo um pouco de rock n'roll".*

Manuel Bandeira, por ela:

"Segunda-feira, 28 de julho de 1997: Não aprofundes o teu tédio. Não te intrgues a mágoa vã. O próprio tempo é bom remédio. Bebe a delícia da manhã. Manuel Bandeira".

Apenas um lembrete:

"Segunda-feira, 11de agosto de 1997: Aniversário da Cidade!!!"

Preocupações com os estudos e cuidando dos paqueras:

"*Sexta-feira, 29 de agosto de 1997:* Testão. *Liguei para o Ricardo e ele me disse que ligaria na quinta feira para mim amanhã".* Compromissos, estudos e emoções: "Sexta-feira, 29 de agosto de 1997: *Testão. Liguei para o Ricardo e ele me disse que ligaria na quinta feira para mim. Amanhã: Feira das profissões no Objetivo"*

Preocupações com estudos e com o coração:

"*Sábado, 4 de outubro de 1997: Inscrição da Unicamp.Acordei super cedo, peguei o ônibus e fui junto com a Marília, Angélica, Sandra etc p/ Sorocaba fazer a inscição da Unicamp.Fomos ao Shopping depois. Estou chateada porque o Ricardo não me ligou".*

Um dia de agenda lotada. Muitos afazeres e emoções:

"*Sábado, 18 de outubro de 1997. Mostra do Objetivo. Fiquei expondo um trabalho sobre Paradoxos Matemáticos. Gostei mais do que a do ano passado. A Ana veio para cá para sairmos a noite. Cortei meu cabelo curto. Agora, todo final de semana penso que o Ricardo possa vir. Encontrei o Fernando que não descolou os olhos de mim. Estava ótima a noite árabe. Dois meninos de Sorocaba queriam sair comigo. Coitados. Me diverti muito".*

Um clima típico de final de curso em uma escola particular:

"Segunda 24 de Novembro de 1997: Na escola hoje não tinha outro assunto: "Quantos pontos você fez?". Que saco, depois da 3ª aula eu não aguentava mais esta pergunta. O mais legal é o Adriano. Não respondeu de jeito algum quantos pontos fez. Coitado, está nervoso por causa da lista de espera da Unip. Na minha prova de Inglês eu acertei só duas perguntas. Esse negócio de vestibular está tudo errado. Se eu houvesse chutado tudo na mesma letra eu acertaria quatro. Que droga! Quem não sabe Inglês acerta quatro e quem sabe acerta duas. Foi um absurdo de difícil. Tinha um texto de Ruterford, da descoberta da forma do átomo".

Em Santa Catarina, fazendo vestibular na Federal de Florianópolis:

"Domingo, 14 de dezembro de 1997: Hoje mesmo com chuva eu conheci a Joaquina, a Lagoa, fiquei encantadíssima. Fui à praia de manhã e a tarde. Consegui o resumo dos livros de lá. Li de madrugada".

Taís está muito preocupada com os vestibulares:

"Quarta-feira, 17 de dezembro de 1997: Fui na banca de jornal cedo para ver a nota de corte da FUVEST, mas só saiu na Internet Cheguei em cas, na TV estava falando que todas as notas aumentaram. Agora eu não quero saber quanto seria. Não fui para a 2a fase. Não atingi a do ano passado. Pronto, a primeira derrota. Fui fazer prova da UFS. A redação era chatíssima. Caiu uma música (um trecho) do Gabriel - o Pensador: "Manhê, tirei um dez na prova agora quero ver quem me reprova, estudei toda a lição, não aprendi nada de bom mais tirei dez."

Época difícil para a adolescente:

"Domingo, 21 de dezembro de 1997: Acordei cedo, fui fazer vestibular da UNESP, eu a Marília e a Sandra. Tive prova de conhecimentos gerais. Nos perdemos em Sorocaba. Não saí a noite porque fiquei ouvindo música".

Ainda as provas:

"Segunda-feira, 22 de dezembro de 1997: Hoje eu acordei cedo e fui comprar o jornal para ver se eu saí na lista dos aprovados da UNICAMP, mas no jornal, só amanhã. Tive prova da UNESP específica, 10 questões de Matamática, 9 de Física e 6 de Química. Voltei p/ casa e a Marília ligou para a Tânia, pra ela ver na INTERNET a lista da 1a fase. EU PASSEI NA 1a FASE DA UNICAMP. Fiquei

super feliz. Saí com a marília e fos comprar cartão, tomar sorvete. Mal conseguia dormir. Amanhã tem mais vestibular.".

Continuando as provas:

"Terça-feira, 23 de dezembro de 1997: Hoje acordei cedo, mais um dia arrumei meu cabelo e fui fazer UNESP. Teve prova de interpretação de texto e Redação. Era o dia mais gostoso. O tema da redação foi os "Sem terras". Na volta, eu e Marília viemos cantando "Banda Eva" e a Sandra olhando. Eu não sei como ela consegue não se divertir. Sou o seu oposto. amo dar risada, cantar, sair e ela odeia. PS: A mãe da Marília se perdeu de novo. (Grande Novidade !!!)".

1998: Taís, neste ano, mantém quase o mesmo ritmo de anotações, salvo nos últimos meses, em que gradativamente foi abandonando esse exercício de escrita pessoal. Lê-se, nesta agenda, tudo o que ela fazia; seu dia-a-dia centrava-se nos estudos e, como nas demais, a adolescente sempre estava envolta no círculo dos amigos. A menina tinha 17 anos e a partir de março, iniciou o primeiro ano de Engenharia Elétrica, em Ilha Solteira. Também é em março deste ano, que a família retorna a Tietê, agora de maneira mais calma e organizada. O pai começara a trabalhar em uma empresa em Tietê, a mãe escolheu aulas no Estado, bem próximo de Tietê, como também um trabalho em uma escola particular, em Laranjal Paulista. Conforme relatos - a nova moradia de Taís é preparada – de acordo com seu gosto; os pais não contrariaram a idéia de morar sozinha. Alojou-se em uma quitinete no 2° andar do Mini Shopping - Center Norte - de Ilha Solteira. Pode-se ler nos meses de janeiro e fevereiro, ainda em casa, como Taís viveu intensamente a expectativa pela vaga na universidade; dias difíceis, quer prestando outros exames ou no aguardo de resultados. Coisas do cotidiano, mas que nunca giram apenas em torno da faculdade, ainda que seus estudos ditem a convivência do dia-a-dia:

"Quinta-feira, 01 de janeiro de 1998: Este ano pode ser melhor que o anterior, quando construído por mim, com garra, otimismo, força de vontade e coragem para lutar pelo que quero". "Passei o Reveilon em Tietê com a família. Espero que este ano as coisas em casa melhorem e eu seja chamada em uma das universidades que estou fazendo vestibular. Quero também que este ano seja muito especial, que a paz, a felicidade e o amor reine durante todos os dias e que Deus abençoe a vida de todos os que gosto ou não. Também quero um ano

colorido cheio de pessoas, amigos e gatos.Todo novo ano eu fico cheia de espectativas. Um feliz 1998 (da Terra) para todo o sistema solar".

Chegou o dia, rumo Ilha Solteira. Mas não foi desta vez, por isso Taís retorna:

"Quarta-feira, 11 de fevereiro de 1998: Madruguei hoje em Ilha Solteira. Fui até a UNESP, quando assinei a folha de que eu quero a vaga. Engenharia Elétrica tinha 28 vagas para 60 pessoas. Saímos de lá e fomos ver a Usina Hidrelétrica. É muito grande, tem 20 máquinas, a maior qie eu já vi. Almoçamos e conhecemos uns caras super simpáticos de Bauru. Fomos ver um apartamentinho pra eu morar super bonitinho. As duas horas eu voltei na Universidade e foi preenchida as vagas, agora eu fiquei por 8 para as remanecentes. Aí viemos bem até Botucatu, quando meu pai resolveu sem mais nem menos discutir com minha mãe".

A adolescente está arrumando tudo. Vai iniciar uma nova vida.

"Quarta-feira, 4 de março de 1998: Acordei anciosissíma as 6:00 horas da manhã. Fui experimentar a roupa que eu mandei arrumar. Fui até a escola pra contar que eu havia sido chamada. Todo mundo ficou super contente. Eu também. Saí, comprei um relógio para levar, um espelho, mandei arrumar o meu walkman. À tarde, um montão de gente me ligou. A Flavinha me ligou desejando felicidades. A Angélica ligou e ficamos horas . A Ana Cláudia. Não consegui falar com a Talita. Peguei o ônibus às 23:00 hrs para Araçatuba".

Relatando de Ilha Solteira. Os pais vão visitar Taís:

"Segunda-feira, 09 de março de 1998. Acordei super cedo. Tive a minha primeira aula de Desenho Técnico. Coisa fantástica. Fui almoçar no Via-Sul. Almocei com a Flávia e a irmã dela. Saí de lá, tive uma aula de Cálculo Diferencial e Integral I. Uma aula de Físical. Acho super legal o que eu estou estudando. Saí as seis da tarde. Eu e o Raoni fomos na biblioteca estudar geometria analítica. A bibliotéca é de 1º mundo. Nunca vi lugar tão bonito e gostoso de se estudar. Saimos de lá e sentamos no Via Sul. Estava cheio de Bixo lá e foi super legal. Os meninos estvam super engraçados. Arrumei todo o ap. quando cheguei, estudei e durmi".

Os pais na nova moradia de Taís:

"Terça-feira, 17 de março de 1998: Acordei já era umas nove horas. Troquei de roupa, liguei para a minha mãe e está tudo bem ". 1 de maio de 1998:" Papai e

mamãe em casa é muito bom. Arrumamos todo o apartamento. Ficou lindo, lindo. Papi fé uma prateleira para por os livros e materiais da faculdade. Mami fez comida para mim, arrumou a casa e lavou toda a minha roupa. Fomos almoçar no restaurante do porto. Estava uma delícia. Levei meus pais verem o paredão também. A noite a gente foi na Padaria. O Sandro foi conversar com meus pais. O Marcão estava lá, conversou com meus pais também. Conheci o Gargamel, de Brasília. Ele é legal. Conversei também c/ o Macumba e a namorada dele, todos amigos do Marcelo. Voltamos para casa tarde".

A saudade da mãe:

"10 de maio de 1998: Hoje é dia das mães. Pela primeira vez na vida estou longe da minha neste dia. Liguei para ela cedo. O dia inteiro fiquei em casa, aproveitei para colocar as coisas em ordem. Teve jogo do São Paulo. Fui para a missa e encontrei o Marcelo que estava um pouco mais legal. Não consegui assistir o Titanic, tinha encerrado a bilheteria ".

Os problemas de saúde deixam-na muito mal e preocupada:

"Sábado, 16 de maio de 1998: Esse final de semana foi dose. Além de muito frio, estava um saco. Eu estudei para a prova de Química e a noite, troquei de roupa e saí. Não me senti bem com o meu rim. Vi o Marcelo de longe lá na padaria e o cara do 1°ano da Agro que eu e ele nos paqueramos, estava com uma menina. Voltei para a casa muito mal ".

As dificuldades com os cálculos:

"30 de maio de 1998: Niver da mamãe. Acordei cedo, estava chovendo. Fui na Rep. Do Borba pegar o livro de cálculo para estudar. A tarde eu fui na casa da Débora, e ela me ajudou a fazer a lista de cálculo. Saí de lá meio tarde. Voltei em casa, jantei. Quando foi onze horas, eu saí, quando estava quase perto da Via Sul, vio o Marcelo passar de carro. Não tinha ninguém na rua. Voltei para casa chorando e chorei por umas duas horas sem parar, precisei até tomar calmante".

Convivia com os amigos de Tatuí, de longe. Agora, em casa, pode visitá-los:

"Quinta-feira, 11 de junho de 1998: Hoje cedo eu liguei para a Marília. Assustei com o jeito que as coisas andam. A Má estava apaixonada por um professor de Matemática dela. Eles acabaram se beijando. Até aí tudo normal se não fosse o pequeno detalhe do cara (...)".

Revendo os amigos:

Sábado, 17 de outubro de 1998: "Fui assistir a palestra da minha mãe em Laranjal. Foi legal D+. Na hora do almoço eu fui c/ a Mercedes de carro para Tatuí. Parei na Talita. Ficamos andando de carro. Fomos no supermercado novo e compramos Contini. Fomos no Capitão XV. O Cris apareceu por lá. Ele veio conversar comigo, levou um susto por eu estar em Ilha. Amei ir para lá. Fomos durmir".

Misturando estudo e programações sociais; Taís não perde as festas:

"Sábado, 7 de novembro de 1998: Baile do Havaí na Seis. Bem depois de ter estudado física e computação o dia inteiro e quase ser morta pelo Pauta de susto, fui ao baile, fiz uma super produção e cheguei lá estava uma porcaria, porcaria mesmo. Ele não foi, o Gordo estava lá, mas não ficou com a Lú. Bem, o Alex queria que eu conhecesse os pais dele, póde".

O vai-e-vem com os amigos, muito misturado com seus estudos:

"Segunda-feira, 05 de janeiro de 1998: Desde as dez da manhã eu li o Qurup. À tarde a Talita me ligou e combinamos de ir andar na avenida. Minha irmã foi emprestar para mim um livro de resumo que é da Unicamp. Eu só não li dois dos livros da lista. Passei na casa da Marília que estava meio pra baixo porque terminou com o namorado e fomos até a avenida andar com a Talita. Ficamos bolando uma fantasia para o próximo carnaval e relembrando o passado. Na hora de ir embora, passamos na sorveteria e ficamos conversando com o Leandro. Cheguei em casa nove e meia".

Sonhando com bons resultados:

"Domingo, 11 de janeiro de 1998. 2a fase da UNICAMP - Língua portuguesa e Literaturas - Ciências Biológicas. Me parece que a prova de hoje não estava tão complicada. Graças a Deus eu fui bem. Meu maior sonho é me formar na UNICAMP, quero passar lá este ano. Estudei História e durmi tarde".

Sem esperanças:

"Quinta-feira, 15 de janeiro de 1998: Acordei um pouco tarde. Estou mancando porque está doendo muito o meu joelho machucado. Choveu a tarde inteira. A tarde eu fui até o caixa eletrônico mancando. Ganhei um conjunto de calcinha e soutien de bichinho super bonitinho. Estou super nervosa e estressada por causa do vestibular. Eu não quero fazer cursinho., mas acho que não vai dar

para ir direto pra universidade sem cursinho. Chorei muito. Meu sonho era ir direto pra faculdade, só que me parece impossível. Estou pirando devido a isso. Durmi tarde".

Os resultados dos vestibulares vão deixando Taís muito triste:

"Segunda-feira, 19 de janeiro de 1998: Sabe, esta data nem precisava estar aí em cima porque este relato (ou memória, como queira) pertence a sábado. Do mesmo modo que o Fernando reapareceu na minha vida, um grande fantasma chamado reprova de vestibular apareceu. O Tiago, que prestou UFSC comigo, me ligou e pegou minha classificação de lá. Estou em 280 da classificação de Engenharia Elétrica. Bem, não entendo, porque as minhas notas foram altas. Em mecatrônica, o curso mais concorrido, passei em 300. Já tirei da cabeça passar na UNESP ou na UNICAMP. Meu mundo caio **inteiro sobre a minha cabeça. Agora o que resta, é me erguer, engolir o orgulho e continuar".**

Revoltada com o sistema escolar do Brasil:

"Terça-feira, 20 de janeiro de 1998: Sabe, essa droga de sistema, me enche. A escola pública, a partir deste ano, corre boato, de que no colegial haverá uma aula de História por semana. Agora, raciocinando, se eu na escola particular e estudando regularmente, com 6 aulas por semana, no período da manhã, achava que não dava pra ver todo o conteúdo, o que será dos coitados com 1 aula. Tudo isso é pra pobre não entrar na faculdade. Indignação! Enquanto tudo isso corre, eu continuo em casa sem fazer nada, levando a vida..."

Taís festeja com os amigos da sua classe; passaram nos vestibulares:

"Terça-feira, 03 de fevereiro de 1998: Levantei super tarde, fiz almoço porque a minha mãe foi trabalhar. A tarde esperei a minha irmã ir ao clube e fui com um pessoal passar trote nos "bichos". A Sandra passou na USP e disse pra mim que só ela passou na UNICAMP, achei meio sem grça o tom de voz dela. O Victor passou em Odonto na USP, a Talita em Farmácia na PUCCAMP, Vivi, administração em SP e o Adriano Odonto na UNIP. Foi super legal. O pessoal arrecadou dinheiro para irmos no baile sábado. Cheguei em casa soube que não passei na UNICAMP, chorei um pouco, decepção, mas o sentimento não foi igual ao da UFSC, estava parece que meio consciente".

Tentando compreender a vida de professor. À espera da segunda chamada:

"Quinta-feira, 05 de fevereiro de 1998: Acordei super tarde. Fui com a minha mãe na escolha de aula. Aquilo é uma tortura, os professores da escola pública não sabem se vão pegar aula nem qual escola ou cidade. Minha mãe escolheu Cerquilho. Fiquei a tarde inteira olhando para o telefone, esperando que ele tocasse com alguma informação sobre a UNESP. Depois das três, fiquei sabendo que o site da Internet estava congestionado. A Marília me ligou depois das seis e disse que eu estava na 1ª lista de espera. Fiquei hiper - mega -ultra (e sei lá + o quê) feliz. Eu sabia que eu iria conseguir. Estou em 46, estou confiante de que a lista vai rodar até o meu nome. Aí eu falei "viu pai, eu chorava porque eu sabia que eu tenho potencial".

Um cotidiano um pouco amargo, apesar da euforia da adolescente. Os pais chegam para visitá-la:

"30 de abril de 1998: Acordei era umas nove horas. Não tive aula de Química, por isso fiquei fazendo relatório na biblioteca. O Raoni e eu rodamos essa cidade inteira atrás de alguém que nos arrumasse um relatório para copiar. À tarde ficamos lá estudando cálculo, mas na verdade o que mais fizemos foi conversar e rir. Esfriou muito aqui hoje. Choveu pra caramba também. Consegui emprestar um livro de Física I do Sandro Ricardo. Meus pais demoraram um pouco em vir pra cá. Chegaram quase dez horas e trouxeram tudo quanto foi casa para minha casa. Eu estava morrendo de saudades deles. A Telma não veio porque não coube. O carro era a pampa do meu avô".

Tentando conquistar os novos amigos, todos homens, com apelidos bem sugestivos. Na sua sala apenas ela e Camila, de meninas:

"Quarta-feira, 24 de junho de 1998: Yes, passei em Cálculo I. Fui na sala do Rhigueto e ele disse" assim: "Pode ir embora, Taís, você passou, um pé na bunda...". Saí de lá dando pulos. Fui no alojamento comer no RU. Cheguei lá feliz da vida contando para todo mundo. O Gargamel, idiota, me vira e fala que isso não é nada, que ainda faltam 3 cálculos, não sei quantas físicas, fiquei p. da vida com ele. Calei-me durante todo o almoço. A Cris disse para eu nem ligar, mas eu liguei. A noite, eu o Borba e o Rego fomos para o LDC e enquanto os meninos faziam o trabalho eu fiquei copiando a matéria de Química. Fomos para casa estudar Química e os meninos foram embora era quase cinco da manhã".

Um cotidiano que vai se repetindo. Preocupação com relacionamento:

4.1.1 Uma brincadeira séria: construir significados

Percebo na tarefa de fazer agendas, para Taís, uma brincadeira séria. Passa a ser parte da vida regular da menina; uma tarefa de produzir sentido para os acontecimentos do seu dia-a-dia. Esse costume torna-se trabalho: ser escritora e leitora de mundo.

Se, no dizer de Chartier (1999, p.152), o [...] "texto implica significados que cada leitor constrói a partir de seus próprios códigos de leitura, quando ele recebe ou se apropria", Taís executa diariamente múltiplas tarefas, buscando significação: uma quando escreve, e outra, quando lê o mundo e seus próprios escritos.

As agendas de Taís me revelam que essa tarefa traz significação a ela, pois repetiu por anos consecutivos. Por outro lado, o tema abordado é também um modo de fazer significar o que acontece com ela. É a realidade construída de verdades e de ficção, que a adolescente mexe e remexe diariamente: lê, interpreta, recorta, adapta, relaciona, sobrepõe.

Muitas vezes, seus textos trazem admiração e perplexidade diante dos acontecimentos, quando tenta compreender isso ou aquilo. Seja o susto na anotação da gravidez inesperada de sua amiga ou a incompreensão das atitudes do pai, quando está com stress, ou a atuação machista de seus colegas de turma, em várias ocasiões, na faculdade.

Taís trabalha com o real e com os sonhos, elege seus heróis e adota os estereótipos, num contínuo vai-e-vem, fazendo coreografias de significados. Os modelos são extraídos do meio social: TV, rádio, Internet, jornal, revistas, bandas, das pessoas que a rodeiam. Mostram isso, não só as escritas, mas os recortes de artistas, roupas da moda, gravuras de carros, poesias e flores. Signos que falam nos seus textos.

Nesse contexto, como sujeito do seu discurso, Taís interage com outros falantes, rouba deles suas expressões e idéias. No dizer de Geraldi, é nessa interação social, em que são "constituídos" tanto a língua, como os sujeitos.

> [...] a linguagem se constitui marcada pela história deste fazer contínuo que a está sempre constituindo. O lugar privilegiado deste trabalho é a interação

> verbal, que não se dá fora das relações sociais, de que é apenas um tipo, essencial, é bem verdade". (GERALDI,1996, p.18).

O querer-dizer das escritas de Taís traz marcas dos amigos, sobretudo do grupo que a rodeia. Seja a interferência nas opiniões, moda da roupa, jeito de falar, costume de cantar esta ou aquela canção. O modo como os que estão ao seu lado vêem e analisam os acontecimentos, contribui para sua visão de mundo. Lá estão Flávia, Michelli, Talita, Adriano, depois os da faculdade. Os amigos, que durante anos, acompanham-na dando parecer, contrariando ou apoiando.

No trabalho de escrita, Taís naturalmente chama para a sua produção características semelhantes às leituras que faz. "Em contrapartida, porém, o escritor constitui a sua própria identidade mediante essa recoleção das coisas ditas" (FOUCAULT, 2000, p.143 e144).

Nesse contexto, os textos de Taís, em busca de novas significações, caminharam diariamente junto com a escritora. Sejam esses movimentos causados pela escolha de novas palavras, sejam pelos novos temas ou enfoques. Ou, ainda, pelas mudanças de opinião. As mudanças nos seus textos ficaram mais por conta do amadurecimento, pela idade, transferência de escola ou novas preocupações do dia-a-dia, que advinham dessa mesma realidade do cotidiano.

Com pequenas mudanças, as agendas de Taís trazem sempre a preocupação em repetir o ocorrido durante o seu dia. Não há projetos para longas distâncias. Um trabalho de escritora, dizendo a si mesma da importância de tudo que aconteceu durante o dia. Real ou imaginário, foi preciso sossegar o seu coração.

E, se no dizer de Foucault, escrever "sobre si atenua os perigos da solidão", faz pouco serem escritas verdadeiras ou simples invenção, o importante é abrandar o coração. Bastante é convencer-se de que sua vida tem sentido". (FOUCAULT, 2000, p.130).

4.1. 2 As características marcantes da adolescência nas escritas de Taís

As características que marcam a adolescência de qualquer menina, como a necessidade de auto-afirmação, insegurança, exagero nas emoções, referencial nos

amigos, linguagem típica de um grupo, roupas e adereços, músicas, organizações de festas estão sempre visíveis e compõem os escritos de Taís. A preocupação em se colocar, para mostrar competência, tanto em fazer as coisas, como em discutir sobre os problemas, quer sejam os seus, como os dos outros é companhia e presença nas agendas de Taís.

Por outro lado, os conhecidos jogos, como os que fazem meninas adolescentes, que não podem, não sabem, não são capazes, faz Taís, às vezes, parecer impotente até para resolver os mais simples problemas do cotidiano.

Destaca-se, porém, nas escritas da menina, através de seu trabalho de escritora, a vontade contínua em dizer que pode e consegue. Porque se alia nessas passagens, não só marcas da adolescência, como características de seu temperamento arrojado.

Fig. 01. "Dá licença, eu cheguei"

A ousadia e o atrevimento fazem presença nas suas escritas. Mas, a insegurança, no entanto, como característica marcante da adolescência, é nítida também em muitas passagens das escritas de Taís. Aparece de diversas formas: desde atitudes de ousadia até sofrimentos, reclamações infinitas e muito choro.

Nas agendas, Taís não esconde as fragilidades e fraquezas, principalmente quando é subestimada, tratada com desprezo ou se tira nota baixa. Quando repreendida, muitas vezes, tem dúvida como agir. Pergunta-se, se deve, ou não, procurar as pessoas, principalmente quando está interessada em um garoto.

Outras vezes, apresenta-se afoita em fazer isso ou aquilo. Depois, se recua e encolhe como caramujo, necessitando de coragem para levantar-se, caminhar sozinha. Chora bastante. Passagens assim estão fartas nas agendas, sobretudo quando não consegue o que quer. Seja na tentativa de conquistar um menino, ou quando alguém descartou a sua companhia.

Se o exagero é comum na adolescência, para Taís aparece geralmente como auto-afirmação. Grande é a quantidade de compromissos paralelos à escola, que ela assume. Relata sempre aonde vai, onde esteve, como no inglês, na escola, se foi ao piano ou ao jogo. Estes apontamentos representam bem mais que dizer o que faz e sim, o quanto pode e consegue fazer.

Nas conquistas amorosas o exagero nas escritas faz parecer meio irreal, ou até mentiras. Busca afirmação, lugar social. Mais que tudo, quer ser amada, compreendida e, também, mostrar que sabe atuar na sociedade.

A participação dos amigos adolescentes compondo os seus textos é marca forte nas escritas. Muito é trazido pelo grupo: as músicas, as roupas, as festas e, principalmente os comportamentos específicos desta fase. Soma-se, a essas escritas, portanto, mais auto-afirmação, mais insegurança, sobretudo muito mais emoção e exagero nos sentimentos.

Destaco a linguagem, como especial colaboração do grupo de adolescentes para os textos de Taís. Pois, além de ditar moda de roupa, bolsas, sapatos, bijuterias, que Taís faz questão de sempre acompanhar, os amigos trazem o jeito especial de se expressar.

Por isso, o costume de valorizar esta ou aquela forma, a escolha de termos ou gírias, as abreviações, as repetições, a comicidade, o trabalho com a imagem, a valorização da música, quase sempre é proveniente da turma.

Fig. 02. "Bem-me-quer"

A adolescente escritora faz com a escrita, à semelhança do trabalho feito pelos meios de comunicação com a linguagem, no exercício de inventar, mentir, interferir nas histórias, quando se propõem a entreter o público.Taís traz para as agendas o jogo verdade X mentira, com o riso, o deboche, o exagero. Impossível, portanto, interpretar sempre ao pé da letra essas escritas de menina brincalhona.

Taís é a produtora dos seus textos, mas permite composição com quem convive, com outros leitores de mundo; adolescentes que lêem, com ela o mundo, desta ou daquela forma. Cada pessoa que cerca Taís, um sujeito "leitor não é mais constrangido a intervir na margem, no sentido literal ou no sentido figurado. Ele pode intervir, no coração, no centro" do texto que constrói. (CHARTIER, 1999, p.91).

O beijo exagerado que relata, as declarações de amor, os elogios, a beleza do menino que paquera, as maravilhas da festa, a tristeza, a dor, a raiva, o ciúme não são opiniões só suas, compactuam em algumas ocasiões uns, às vezes outros, como Marília, Talita, Michelli, Flávia, Angélica, Adriano, Vivi e a patota toda.

O comportamento do grupo é também o comportamento de Taís:

> A fórmula estereotipada adapta-se, em qualquer lugar, ao canal de interação social que lhe é reservado, refletindo ideologicamente o tipo, a estrutura, os objetivos e a composição social do grupo. (BAKTHIN, 1979, p.126).

Mesmo com a contribuição dos amigos, quer seja nos temas, na estrutura ou na linguagem, é ela que conduz e monitora as escritas. Com as qualidades pessoais, com seu jeito de ver as coisas, Taís tece e junta pedaços. "Pois, cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular". (CHARTIER, 2000, p. 91).

4.1.3 As marcas da personalidade de Taís nos textos das agendas

Taís, a escritora de agendas, leva para os seus textos as marcas pessoais. Produz sentido até com as influências dos amigos, com outros textos superpostos, mas ela é que vai para o papel.

Dotada de personalidade bem marcada, deixa-se mais que perceber nas suas escritas: espírito arrojado, o não ter medo de nada, a facilidade em colocar as idéias, o carinho e a compreensão, a pessoa exigente que é. Nota-se como o exagero de emoção faz dela ser tão dengosa. Consegue chegar onde quer – insistente, teimosa e chorona para chamar a atenção. Menina crítica e criativa. Mas, se magoada, sabe revidar.

A maioria dos textos de Taís têm um estilo de poder e enfrentamento: "Eu vou, já pensei, decidi, eu sei, mas eu quero". Sonhadora e desafiante, quer ir até as últimas conseqüências. Medos, muito poucos: de doenças incuráveis, de mortos, como é possível ver nas suas escritas. Desafios vêem-se por toda parte, desde em assistir os filmes de terror até na escolha da engenharia, como sua profissão, apesar de algumas dificuldades com cálculos. Quis morar sozinha quando saiu de casa, para fazer faculdade, apesar dos medos de assombração, dos mortos, que sentia.

Em várias passagens percebe-se que debaixo desse modo atrevido de ser, Taís é uma mulher doce, dengosa. Às vezes até ponderada, parecendo ter bastante maturidade, pois sabe ouvir, partilhar e pode até voltar atrás de decisões, porque compreende o outro. Mas não aceita que sua opinião não valha. Mostram esse lado compreensivo de Taís as imensas passagens em que é apaziguadora das briguinhas

entre amigos; as idas e vindas com a Flávia, tentando conter a impetuosa Talita. Sabe atuar com um "deixa pra lá" no jeito irrequieto de Adriano na escola, fingir esquecer das conversas conquistadoras dos meninos da CESP e principalmente, releva o jeito machista de colegas na engenharia.

Doçura e compreensão são mostradas pelo grande número de amigos que tem, principalmente como consegue cultivá-los por todos esses anos de escrita de agendas. Nenhum deles perde amizade com ela. Afeita ao diálogo, trabalha bem em grupo, tanto na escola, como fora desta. Mas, impõe suas idéias e tenta sempre, com seu jeitinho doce convencer aos demais que tem razão e, quase sempre consegue.

Pode-se ver claramente através das escritas Taís se impondo. Quando queria fazer coisas não muito típicas do meio, insistia, explicava, usava de todos os artifícios. É assim quando entra no corte de costura, nada comum no seu grupo; com o namoro do Carl, apesar da distância e em muitas outras ocasiões. Se não respeitada pode vestir pele de lobo, revidar e partir para a guerra, sem contar com a possibilidade de perda. Mas, o peculiar era as piadinhas e gozações, adotadas como norma de vida; sempre tinha uma brincadeira nova para um impasse qualquer, saindo de fininho, das mais duras enrascadas. A comicidade, instalada no meio adolescente é, sobretudo, uma característica do temperamento de Taís.

O jeito alegre e extrovertido de ser de Taís fazem dela uma adolescente de bom humor, de bem com a vida e sempre cantando. Percebe-se que era difícil ter silêncio por muito tempo onde ela estivesse. Dá para compreender então, a fascinação pelo rock barulhento, o remexer contínuo de tudo que há na casa, o gosto pelo ruído das grandes máquinas, a fascinação pelos brinquedos eletrônicos nos parques de diversão e a escolha pela engenharia. Suas escritas geralmente trazem trechos de músicas, gravuras de máquinas, principalmente carros exóticos.

Contribuem para a alegria da adolescente o gosto pelas artes, sobretudo a música, a literatura, o teatro, a dança e o cinema, que articula diversão e estudo nas suas escritas.

Marca a personalidade de Taís a atração pela pesquisa, principalmente em descobrir como funcionava este ou aquele aparelho. Capaz de passar horas tentando compreender o funcionamento de um programa de computação, ou como

se tocava uma música no piano. Por isso, seu comportamento meio contraditório: de atrevida a menina recatada, de amigável à teimosia, do gosto pelo barulho ao silêncio, do rock ao clássico. É um duplo amor. Essas marcas também são visíveis nas suas agendas, principalmente quando não perde aos sábados a discoteca, o rádio tocando quase sempre no excesso de batidas e, ao mesmo tempo fazia curso de piano, aulas de canto, dança balé clássico. Esses extremos de personalidade fazem texto nas agendas de Taís.

O gosto pela leitura, cinema, teatro e concertos de música – uma marca bastante clara nas agendas. Muitos são os livros que Taís leu durante esses anos de escrita, assim como jornais e revistas, filmes e peças de teatro assistidas, suas agendas testemunham. É graças a isso a riqueza de contribuição aos seus textos, desde pequenas propagandas a elaborados textos poéticos, sempre compondo e cruzando suas escritas. Esses exemplos são fartos e não há temas que despreze, como poucos estilos que não lhe fascine.

Trazem igualmente implicações aos seus textos o fazer charminhos e conseguir o que quer - marcas significativas em Taís. Como o peculiar dizer e dizer nas repetições, os assuntos entrecortados, as reticências, os pontos de interrogação e exclamação, denotam o jeito caprichoso de insistir, de ser birrentinha e até egoísta. Quando age assim, gosta de levar vantagem e, não mede esforços.

Exemplos não faltam, conseguir ir a uma festa, a permissão para viajar. Salienta-se o dia 8 de dezembro de 1997 - vestibular em Florianópolis e o baile de Formatura, na mesma data. Primeiro tenta que o diretor mude a Formatura e o baile, pois pretende convencer que a festa não seria a mesma. E, é lógico, que todos os amigos lá estavam insistindo... Mas, impossível, tudo contratado, alega o diretor. Deixar o vestibular, nunca. Tudo vira festa, quando o bondoso Acassil, diretor e proprietário da escola, oferece uma passagem de avião de ida e volta, como prêmio à boa aluna, explica. Com isso, Taís consegue fazer vestibular e voltar, no mesmo dia, ainda que meio atrasada, como retrata sua agenda.

Às características de personalidade de Taís estão, com certeza, imbricadas nas marcas do feminino, que fazem da menina adolescente, também uma mulher, ao mesmo tempo forte e doce. É capaz de agir, decidir ou recuar. Nas escritas, toma posição, escolhe e seleciona os acontecimentos, a estrutura, a linguagem, o estilo.

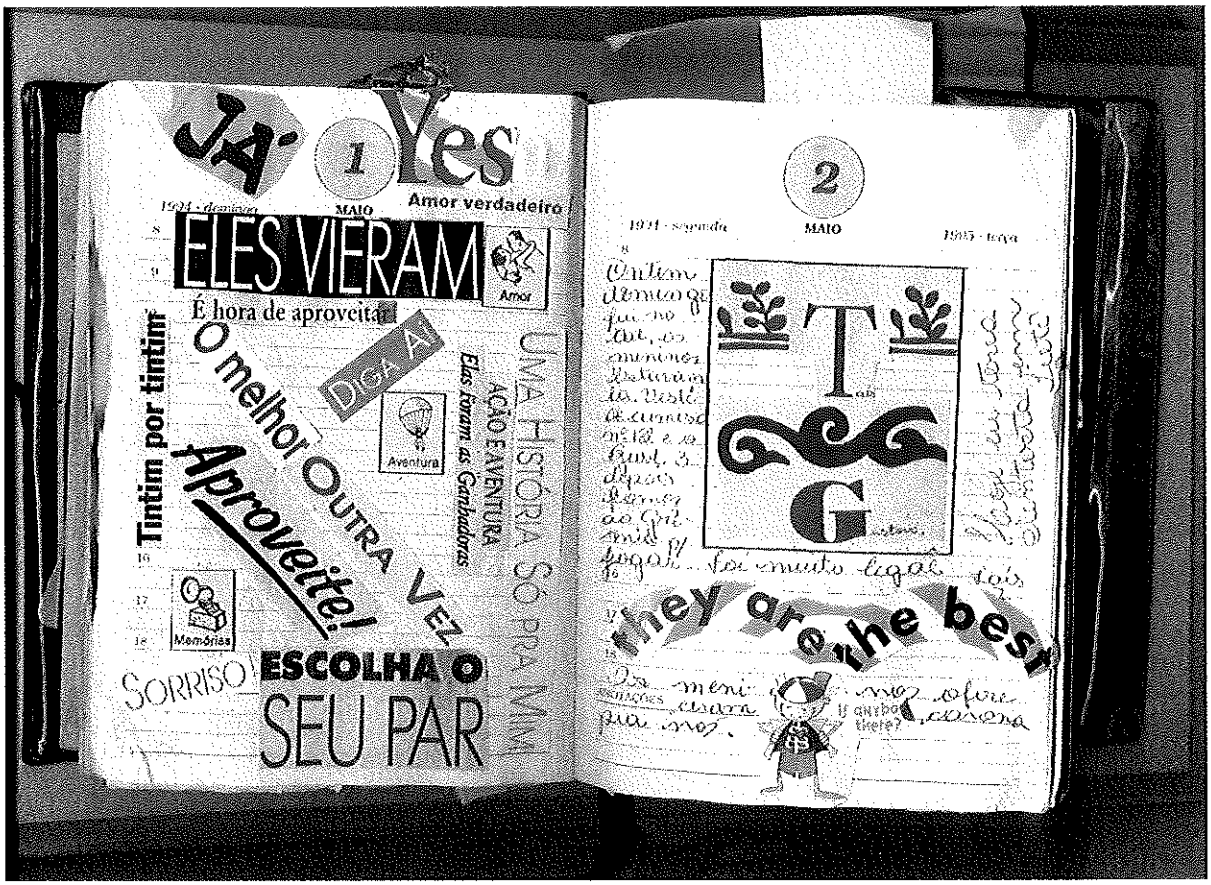
4.2 Agendas de Taís - Lugar para rememorar: Um espaço de revelação da autoconsciência com o eu feminino

As agendas de Taís – lugar depositário – prestam-se como um espaço para não só lembrar, mas reviver os fatos ocorridos no cotidiano; seja este, simples correr dos dias, ou emoções nos acontecimentos marcantes de sua vida.

Percebe-se, nessas anotações, o modo de ver específico de Taís. Sempre carregado de emoção, exageros de menina na adolescência. Ali, no lugar depositário, ficaram as marcas de sentimentos de menina mulher.

O lugar depositário não só são as agendas, nem apenas as escritas que representam as lembranças; são isso tudo e mais. O lugar depositário guarda vivos os acontecimentos. É lê-los e sentir Taís. São papéis, escritas, lembranças que se tornam sacramento, presença, vida. É Taís.

Fig. 03. "Eles vieram"



A maioria dessas recordações seria meros depoimentos, não fossem estas, hoje, lidas como escritas de um estilo e linguagem próprias, matizadas de emoção.

Com certeza fatos banais do cotidiano, mas importantes para a vida de uma menina; ao mesmo tempo, tão semelhantes à de muitas outras adolescentes.

Os textos de Taís lembram cartas pessoais, como se relatasse a alguém os acontecimentos do seu cotidiano. São preocupações com a escola, com os amigos, com a carreira profissional, se está alegre ou triste e porquê, a hora que levanta, o que come, se recebeu visitas, ou fez compras, se viajou, se choveu. Necessidade de falar, contar e repetir, explicar os porquês, tentar dar respostas, finalizar tantas interrogações.

Informações estas, que até poderiam ser enviadas pelo correio, ou pela internet através de e-mail. À semelhança de confissões entre dois amigos. São acontecimentos até banais, uns tanto peculiares; às vezes parecem mais especiais; fazem parte de um modo de ser da adolescência de Taís.

Lembra Foucault em relação à escrita íntima:

> Relatar o seu dia – não por causa da importância dos acontecimentos que teriam podido marcá-lo, mas justamente na medida em que ele tem para deixar de ser igual a todos os outros, atestando assim, não a relevância de uma atividade, mas a qualidade de um modo de ser. (FOUCAULT, 2000, p.155).

O costume de Taís anotar qualquer e tudo sobre o cotidiano, conforme cresce, não é mudado, apenas selecionado. O corriqueiro dia-a-dia sempre nas escritas, gradativamente merecendo mais espaço e enfoque o social e os sentimentos. As agendas se tornaram um lugar bastante propício para guardar compromissos ligados ao coração.

No lugar depositário há paciência e compreensão. Mas, não há cobranças ao eu feminino. No auge da adolescência relatou com exagero e repetição as coisas do coração. É um "nhe-nhe-nhém" choroso; lembra as cantigas de amigo na literatura.

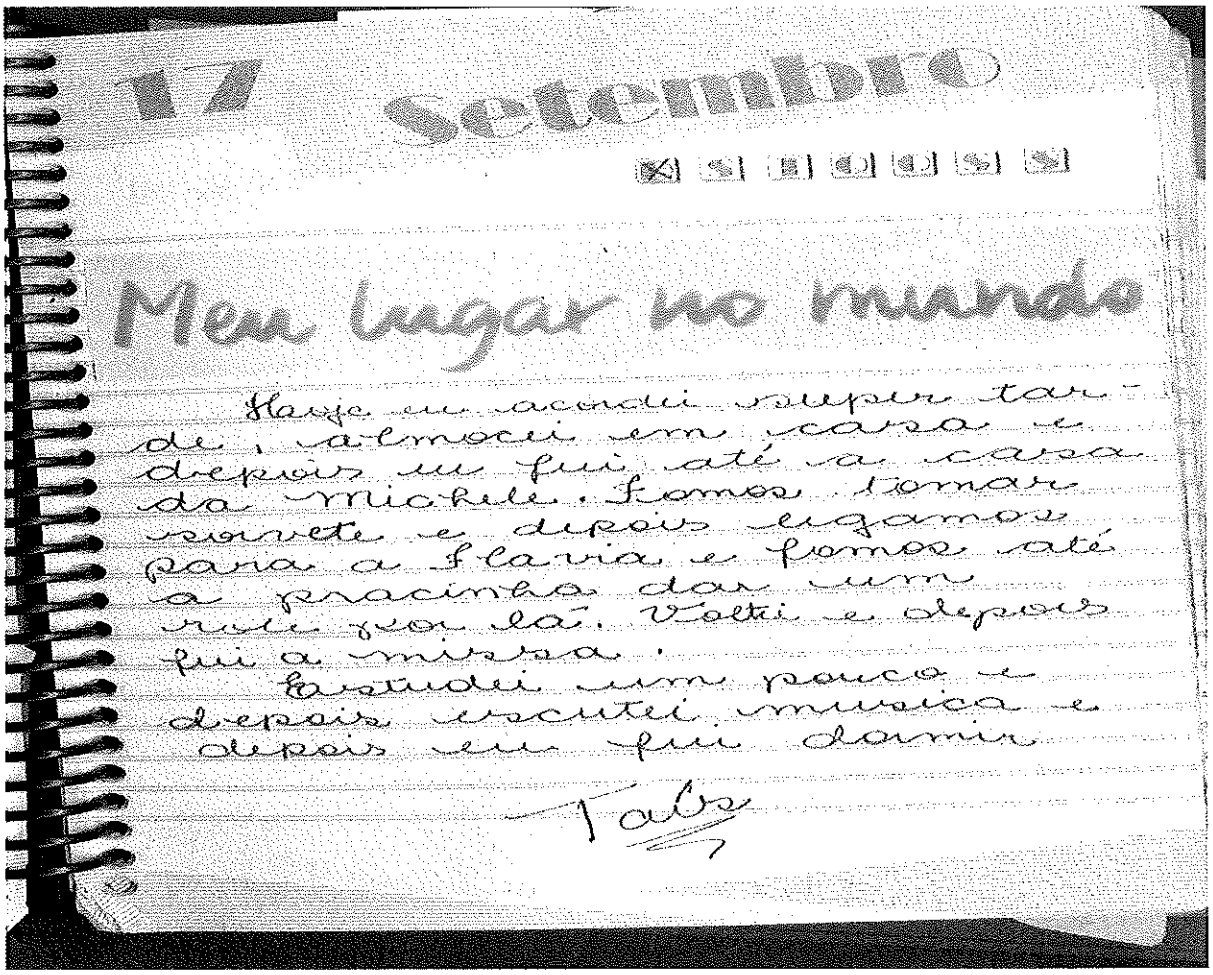
A linguagem imagética e simbólica do meio, os recursos fonológicos, morfológicos, sintáticos ou semânticos, ajuda a carregar – para dentro dos textos - conteúdos pautados pela emoção. Repetição e emoção reforçam as sensações, trazem as lembranças de volta. Taís revive o beijo, os elogios, as festas, as decepções com a música e as pessoas presentes. Dá para imaginá-la no papel de

uma rezadeira que vai-e-vem com as palavras, soando um texto cantado e repetido à mesma melodia. Nas derrotas é toda lamúria, tal qual uma escritora do romantismo, aumentando as sensações de tristeza. Atitudes muito femininas.

Lê-se nas agendas de Taís o trabalho do eu feminino sentindo prazer ao exagerar o psicológico. A escritora faz papel de um replay ou do e-mail, que vai e vem, saboreando sensações de alegria, de tristeza ou de um novo sentimento. As anotações dos vários fatos – com certeza pode ser curtido por ela – funcionando como [...] "uma cartase, o que acaba por instaurar um clima nostálgico, melancólico e saudosista sobre o que elege como lembrança". (LACERDA, 2000, p.96).

Os acontecimentos ao som da música, do barulho, dos dizeres do seu grupo – peculiares dramas da adolescência – tornam-se realidades construídas, e rememoradas pela escritora. Quando se lê os relatos de um beijo nas agendas de Taís, parece que houve muito mais que isso. Um encontro já soa a compromisso. Pequenos acontecimentos escritos para significar.

Fig. 04. "Meu lugar no mundo"



As repetições na escrita dos fatos do cotidiano de Taís, além de trazerem esses acontecimentos para o presente, prolongam o tempo passado no hoje. Como se pudesse permanecer na atualidade, na fantasiosa realidade, muitas vezes criada pela escritora. Lê-se um despertar da autoconsciência da menina, compreendendo o estar no mundo.

O ir e vir pela linha do tempo – lembrar e relembrar – é mais que refúgio feminino; é fortificar a autoconsciência, o espírito de luta. O trabalho da escritora, na versão do tempo e do espaço, fortifica e apruma a adolescente no lugar social do cotidiano.

Angústias e frustrações do dia-a-dia, às vezes, provocam desequilíbrios na adolescente. A narradora foge da realidade, mergulha-se no complexo de inferioridade e mostra desânimo. Lêem-se em suas agendas essas fugas – perdida na solidão – parece sair do tempo e do espaço. Derrete-se, nessas ocasiões, detalhando a perda de um beijo, mendigando compreensão, curtindo um mísero olhar. Esse trabalho do eu da narradora mostra decepção e medo. Esconde-se em si mesma, como se ir à desforra fosse impossível. O sofrimento ultrapassa o limite físico da adolescente. Existe perturbação e dá para imaginá-la inconsciente, solta, sem lugar fixo. Percebe-se um choro sentido, enquanto escreve, como se o gosto amargo da decepção, da angústia, da traição fosse o único remédio capaz de trazer paz ao seu coração. Sobre a escrita de si mesmo, lembra Foucault:

> [...] atenua os perigos da solidão; dá o que se viu ou pensou a um olhar possível; o facto de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro [...] A escrita na ordem dos movimentos internos da alma; neste sentido, ela tem um papel muito próximo do da confissão. (FOUCAULT, 2000, p.130 e131).

Porém, algumas vezes, num passe de mágica, o cenário se modifica. Há uma quebra na escrita, como se a música alegre que ouve, ou o consolo de escrever trouxesse de volta o mundo cor-de-rosa da adolescente. E, descendo de um palco, no papel de atriz vencedora, cantarolasse a letra da música, batesse palmas e marcasse outro ritmo.

Entretanto, o mais comum é as saídas pela tangente. Taís recorre às piadas e às brincadeiras, porque para ela a tristeza é sempre veloz. Ao virar cada página, percebe-se as marcas de alegria do seu jeito brincalhão de ler o mundo.

4.3 Agendas de Taís – O gênero e os temas do cotidiano nas agendas da adolescente

Tanto o gênero, como os temas – nas agendas de Taís – constituem parte integrante da elaboração dos textos: é uma escolha que se complementa.

Se os temas são os acontecimentos selecionados do dia-a-dia, pedaços aqui e ali, um tanto sem sentido, em que os sujeitos envolvidos fazem significar, o gênero é um todo, capaz de expressar os significados para o cotidiano da adolescente.

O gênero: o instrumento de escrita – caderno especial, confeccionado para esta função (agenda); canetas azuis, pretas e coloridas, pequenos textos e lembrancinhas, cola, clipes. O trabalho e a criatividade da escritora, marcas suas e de outrem: no ler, escrever, juntar, relacionar – do mundo e das coisas – à moda das meninas adolescentes, com o interminável disque-disque do cotidiano. Escrita de agenda, aprendida e criada – oral e formal – brincando, Taís foi capaz de fazer.

Fig. 05. "A vida não é filme"

4.3.1 A competência do gênero nos textos de Taís:

O gênero de texto nas agendas de Taís cumpre o papel de guardar o cotidiano da menina, pois é com características bem das adolescentes atuais e com marcas muito suas, que essas escritas se apresentam.

É oportuno, o comentário da revista da ALB (apud Bakhtin, 1979:284):

> A teoria bakhtiniana foi talvez a primeira a formular uma definição baseada em critérios não-lingüístico, mas enunciativos, ligados às condições sociais de produção. Ela tornou-se referência justamente por introduzir as instâncias reais de uso da língua, o contexto da enunciação. Nessa perspectiva, o gênero é constituído nas diferentes esferas da comunicação humana, por um locutor, que tem um propósito comunicativo surgido em função do alocutário: 'a escolha (de um gênero) é determinada em função da especificidade da esfera em que ocorre a interação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto de sentido) e do conjunto constituído pelos participantes, etc'. (2002, Revista ALB, nº 39, p.61).

As agendas de Taís guardam com competência os acontecimentos, os interlocutores, o espaço, o tempo e, sobretudo a emoção da escritora. Isso é indiscutível. Lá – nas agendas – está cada ação que a menina fez durante a sua pré-adolescência e adolescência. Textos relatados com muita emoção, com marcas de personalidade, estilo e linguagem de menina narradora.

O ato de Taís escrever em agendas não é por acaso. Reflete o comportamento de um grupo num tempo e espaço: os acontecimentos, o modo de agir, de falar, de pensar, as músicas, as festas, as brincadeiras, os recortes, os objetos colados.Tudo é pura adolescência de Taís; não há surpresas, nem segredos.

Bakhtin nos adverte:

> Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo lingüístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. (BAKHTIN, 1979, p.282).

Nas escritas de cada uma das agendas é Taís expressando sobre si, sobre sua vida. É seu jeito de ser, de se comportar, compactuando com a escrita, já que esta dá conta de dizer como vê e sente sua existência. Porque: "A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua". (BAKATHIN, 1979, p.282).

Agendas de Taís: um texto que se constrói a cada dia. É um jogo com o cotidiano; fatos que vão e voltam; um mudar e repetir de pequenas coisas. Esses textos só poderiam mesmo caber em agendas de uma menina adolescente, de Taís.

Porque consigo perceber as seguintes características propícias:

- **A aceitação do conteúdo**: Na agenda escreve-se qualquer tema, coisa e outra; tudo é permitido. Variar, repetir, exagerar, ocultar, rasurar ou mudar. Os textos de Taís são espontâneos, é o dia-a-dia fazendo-se significar.

- **Personalizada e atual**: O esquema de escrita é individual em todas as agendas. A escolha do modelo e da cor é pessoal. Lugar para os sentimentos, relembrar, criticar, reivindicar, sonhar, criar ou mentir, reviver. Um acessório da moda. As agendas são a cara de Taís: aos 11 anos é cor de rosa, fina, com menininha e brochura; no auge da adolescência as decorações trazem marcas de bandas, frases de poetas, são maiores, em espiral, muitas colagens, exageradas e atrevidas; aos 17 anos a agenda é um tanto sóbrio, há poucas colagens, usa menos cores, mais escritas, um objeto quase de adulto, apesar das marcas da adolescência.

- **Espaço limitado**. Tudo são curto e sintetizado, nessas agendas. Cada dia no seu lugar; um dia bem diferente do outro, muda-se o espaço; cada dia é uma página em branco que se apresenta. Hoje não é ontem e não é amanhã. Com calendário, bem à moda dos adolescentes. Taís é constante nas anotações, pontual, o estilo se repete, os acontecimentos até o mesmo, mas a escrita não; é dia novo no calendário, a tinta outra, outros recortes, com certeza a significação é outra.

- **Permissão à criatividade**: O objeto favorece uma escrita versátil - aceita tinta, canetas e lápis coloridos, textos alheios ou próprios – copiados, colados, grampeados... Ou, soltos. Os textos de Taís são sérios e brincadeira ao mesmo tempo, como ela – menina adolescente.

- **Lugar de prazer e companhia**: A adolescente faz sozinha sua tarefa de escrever, mas esses textos revelam a coexistência de muitas vozes. É um lugar alegre e prazeroso. Vozes do rádio, da TV, das lembranças, interferindo nos fatos, quer fazendo-a cortar ou aumentar suas histórias.

Fica nas escritas de Taís, à mostra, a competência da adolescente de construir textos. Os períodos são curtos e simples, o vocabulário muito restrito aos 11 anos. Gradativamente a menina mostra aumento do seu palavreado, melhor domínio nas narrativas e maior abrangência dos temas. Com conhecimento suficiente das estruturas gramaticais, fonológicas e morfológicas, para exprimir significação, a menina deixa sempre claro ao leitor o querer dizer. Sobretudo, pontua corretamente, desde o início, apesar de ser uma principiante no domínio da língua escrita; há sempre sentido no que relata.

4.3.2 Os temas nas agendas de Taís: Os acontecimentos selecionados

O conteúdo das narrativas de Taís é o decorrer do seu dia-a-dia: dos triviais fatos, coisas e objetos que a rodeia, até os marcantes acontecimentos. Fazem, portanto, parte desses temas o cotidiano da menina: os amigos, a família, a escola e os cursos, o amor, a crença, a música/arte/literatura, os meios de comunicação, a tecnologia, a política e a sociedade. Destacam-se os encontros sociais com as típicas festas, viagens e encontros de lazer do seu grupo. Tudo envolto de muita emoção, que Taís sabe pintar muito bem, seja pelo seu jeito de ser, seja pela vivência de menina adolescente.

Desde a primeira agenda até a última, esses temas se repetem, se alternam e, entrelaçados, formam um todo. Nas primeiras agendas – no início das escritas – os temas aparecem mais concretos, gradativamente as emoções se encarregam de superporem-se com mais, ou com menos subjetividade.

Por isso, a dificuldade em separar esses conteúdos, até porque, se à primeira vista, algumas anotações pareçam menos concretas, poderão através da interpretação dos infinitos recursos de linguagem, e diferentes olhares de leitura, tornarem-se plenas de significações.

Apesar das dificuldades em fazer esta ou aquela separação, consigo destacar alguns aspectos marcantes nos temas das agendas de Taís, que me permitem um olhar para o todo dessas escritas:

Como se me apresentam os temas:

a. **Regularidade**: alguns temas são constantes; destaque para escola, cursos paralelos, sobretudo tudo que envolva o grupo de amigos.

b. **Intensidade**: há temas que chamam a atenção pela força com que são tratados, o amor e a necessidade de auto-afirmação.

c. **Estrutura**: os temas se apresentam com esquemas de escritas livres, a maioria lembra narrativas à moda de cartas pessoais, depoimentos; uma correlação criada pela narradora entre língua escrita, oral e a intertextualidade, com recortes e colagens.

d. **Linguagem e Estilo**: acontecimentos expressos focalizando na comunicação verbal, obedecendo aos princípios da estruturação da língua: a informação é clara, concisa, espontânea; um estilo um tanto informal, fragmentado; comuns às brincadeiras, com várias marcas de oralidade; muita criatividade e alegria; lembra a linguagem publicitária e jornalística.

Quadro dos Tempos: Os temas das agendas em quatro tempos:

Ajudam a visualizar os temas nas agendas de Taís dividi-las em quatro tempos bem marcantes – escolas freqüentadas, cursos paralelos e atividades correlacionadas ao grupo social:

1° tempo: 11 anos de Taís – pré-adolescência – na escola estadual – Tietê

2° tempo: 12 e 13 anos de Taís – adolescência – na escola industrial – SESI, Tatuí.

3° tempo: 14,15 e 16 anos de Taís – auge da adolescência – na escola particular – Objetivo, Tatuí.

4° tempo: 17 anos de Taís – uma adolescência mais livre, porém que exige responsabilidade – 1° ano da universidade – UNESP, Ilha Solteira.

A intenção desse quadro – expressando esses tempos – é facilitar em mostrar o que Taís fazia durante esses anos, para poder compreender como os temas são abordados nas escritas. Colabora para a percepção da regularidade e intensidade dos conteúdos, assim como na análise de estruturas, linguagem e estilo da menina escritora.

QUADRO HISTÓRICO: ESCOLAR, CULTURAL E SOCIAL DE TAÍS: 1992 A 1998

7 ANOS DE ESCRITAS DO COTIDIANO

Fig. 6 "Quadro dos tempos"

Divisão	Idade	Fases	Cidade	Escola	Série	Cursos Paralelos	Vida Social
1° Tempo 1992	11	pré-adolescente	Tietê	Estadual	6ª ens.fund.	balé piano, catequese	Eventos escolares, poucos aniversários, viagens com os pais, clube esportivo e recreativo
2°Tempo 1993 e 1994	12 e 13	adolescente	Tatuí	E. Estadual Empresarial	7ª. e 8ª ens. fund.	Conservatório com teoria musical - piano - canto, inglês, catequese, corte e costura.	Eventos escolares, muitos aniversários, muitas viagens com os pais, clube esportivo e recreativo, festas com os pais
3°Tempo 1995	14	adolescente	Tatuí	Particular: manhã à noite: Estadual Técnica	1ª série ensino médio eletro-técnico	piano, inglês, corte e costura, ginástica.	Eventos escolares, muitos aniversários, algumas viagens com os pais, clube esportivo e recreativo, festas e show com os pais e amigos, lanches e encontros com amigos
Idem 1996	15	Idem	Idem	Particular: manhã à noite: Estadual Técnica	2ª série do ensino médio eletro técnico	Inglês, piano, ginástica, progr. avançada, orient. para o vestibular, escolha carreira e orient. psicológica.	Idem Começa a sair. sozinha mais vezes com amigos Namora um mesmo garoto o ano todo
Idem 1997	16	Idem	Idem	Idem desiste da Escola Técnica.	Terceirão (3ª série do ens.médio e prep. vest.)	Ginástica, programação paralela de conteúdos, simulados e plantões.	Sai menos com os pais e mais com os amigos, freqüenta festas e Show Desiste do namoro
4° Tempo 1998	17	Idem	Ilha Solteira (580 km de casa)	UNESP: Engenharia Elétrica	1° ano da Universidade período integral	Diversos cursos, eventos, palestras e mais os oferecidos pela universidade.	Participa pouco das programações familiares (mora longe - mais nas férias) Sai com os amigos e freqüenta festas, show Obs: Escolhe morar só em um apartamento

4.3.3 O enfoque dos temas

Visualiza-se nas agendas de Tais alguns temas mais trabalhados, com enfoque sempre para o social. O tom é dado pela própria escritora, que não só escolhe o que pretende anotar, como prioriza a força que lhe é cabível, segundo seu olhar. A maior parte dos textos aparece fortemente derivados ou ligados à vida social, quer seja da escola, dos cursos, dos encontros com os amigos; relatados com mais, ou menos emoção. Sobre a família Taís anota principalmente o lado coletivo, como as viagens, os passeios, os passa-tempos, ou seja, o social. A anotação dos compromissos e obrigações do cotidiano é geralmente diária, quase sem nenhuma explicação.

Portanto, o enfoque aos temas pode ser assim compreendido:

a. **Socialização**: escola, cursos paralelos e amigos.

b. **Família**: agenda social é mais interessante.

c. **Os sentimentos**: além do enfoque e do estilo.

d. **Os compromissos**: obrigações, apenas pontuar.

Explicitando:

a. **Socialização:** escola, cursos e amigos

Se como adolescente o maior referencial são os amigos, é impossível caracterizar as escritas das agendas de Taís desvinculadas desse processo. Interlocutores diretos ou não (nomes mantidos nesta pesquisa), são coadjutores da composição dos textos: destacam-se alguns amigos, a turma do auge da adolescência da menina, de Tatuí. A presença dos amigos é diária. Aparecem juntos e ou alternados, compondo as escritas da adolescente.

Especialmente ligados à escola ou aos cursos paralelos a estas, os amigos de Taís encabeçam o tripé da socialização nas agendas. Três itens temáticos, mas colocados num mesmo foco, quer de presença, como de intensidade: amigos, escola

e cursos aparecem sempre interligados. As pessoas que os compõem praticamente são as mesmas: Talita, Marília, Flávia, Michelli, Adriano, Vivi, Angélica. Quando terminam o ensino fundamental no SESI transferem-se para o Objetivo. Flávia por exemplo, foi para o Sales Gomes, para o ensino médio profissionalizante – período da manhã. Mas, Taís também freqüentava o curso de eletro-técnica à noite; os eventos, a biblioteca, principalmente os jogos e o teatro facilitam o encontro das duas. Os meninos da CESP: Gustavo, Cristiano ou Nego e Chico são estudantes do Sales Gomes, freqüentam eventos promovidos pela empresa, do qual o pai de Taís é funcionário. O grupo está na maioria das festinhas, aniversários e jogos. As festas, a discoteca, os jogos, o teatro, quase sempre é combinação escolar. Às vezes o grupo se reparte, nesta ou naquela situação, mas Taís continua amiga de todos. A proximidade facilita a integração do grupo, pois os pontos de encontro: O Clube XI de Agosto, o Clube do CAT SESI, o Barzinho 5meia7, a Discoteca Marina's, o Posto, o Conservatório de música – muito próximos entre eles, assim como das escolas ou dos cursos de inglês.

Alguns outros nomes aparecem, vez ou outra, nas agendas de Taís, colegas ou paqueras, igualmente oriundos das escolas ou dos cursos que freqüenta. O próprio Cal, namoradinho durante um ano no ensino médio, conforme sua agenda, ela o conheceu em uma excursão escolar, apoiada pelos amigos, iniciaram o namoro. Um namoro que não quebrou o vínculo com a turma, pois veio pouco para Tatuí e ela nunca deixou de sair com os amigos.

A escola é lugar de encontro, faz parte da agenda social da menina. Dificilmente, raras vezes faz referência à aula em si, a escola é vista com mais abrangência. Taís não a restringe como ensino de professor a alunos. À tarde quando vão à escola, tem uma conotação ainda maior de compromisso social. São as roupas livres, horários diferentes, os professores também buscam criatividade.

b. **Família**: Agenda social é mais interessante.

Os temas que Taís seleciona da família são especialmente as festas, as idas à colônia de férias da CESP (coincidiram algumas vezes os meninos da CESP irem no mesmo período). É comum aparecer nas agendas os passeios ao shopping, visita

aos avós. As festas de Natal, as comemorações de aniversários são sempre lembradas. Seus interlocutores são a irmã, os pais, os avós, alguns primos e tios. Com menor intensidade, aparece pequenos relances da vida doméstica, sem muitos comentários, mas pontuados à moda de compromissos.

Mas, enquanto pré-adolescente, em Tietê, a família é muito mais referência que a escola ou o grupo de amigos. As festas e as viagens também são com a família. Nessa ocasião a escola vincula-se mais a compromisso, são nítidas as anotações nas agendas.

c. **Os sentimentos**: além do enfoque e do estilo.

Sempre que Taís escreve sobre os sentimentos utiliza-se dos mesmos recursos: mostra a necessidade de conquistar amizade, amor, atenção. Relata com clareza ao expor lugares, nomes, ações de onde ocorrem os fatos. Mostra com um tanto de exagero o que sente. Suas agendas trazem vários envolvimentos amorosos, alguns que duram todo o tempo das escritas. Não usa códigos, tudo é às claras. O nome do menino que a rejeitou ou daquele que trouxe emoção através do beijo correspondido, sempre é escancarado. Não há o que temer, nem porque esconder para Taís. Vejo mais como necessidade de auto-afirmação, que refúgio do eu feminino.

Os relatos sobre os sentimentos eu leio de dois modos: em primeiro lugar Taís escreve para reviver o acontecimento, e em segundo, a escrita emocional foi um estilo adotado pela narradora. É menina adolescente, mulher. É só emoção.

A partir da 2ª agenda, 12 anos, 7ª série a narradora cada vez mais escreve sobre os seus sentimentos, com o objetivo de reviver, sonhar, tentando compreender suas emoções. Geralmente a procura de satisfações, de alegria, de compreensão. A partir dos 14 anos, exagera nos relatos quanto aos seus namoradinhos ou paqueras. Seus sentimentos mais fortes são a complementação com o masculino.

Quando a emoção é utilizada nos textos como um estilo, as marcas são de expressividade; as características da personalidade ou da adolescência da narradora colaboram. Várias passagens aparecem fortemente matizadas pela emoção, cor

colocada pelos olhos de quem escreve. Principalmente o matiz da sensibilidade, do dengo, da expressividade, do sarcástico, da brincadeira e do exagero.

Porém, sempre o estilo ajudou a narradora a tornar virtual cada um dos sentimentos trabalhados, aparentando ainda mais a emoção da adolescente. Juntou-se assim o enfoque ao tema e o estilo da narradora.

Constantemente a narradora está envolta em um grande emaranhado de sentimentos. Impossível não perceber carência de um trabalho com o emocional nos meios que produzem os temas para Taís. Principalmente na escola, que é vista por ela como um lugar especial para o relacionamento de amizade.

d. **Os compromissos**: as obrigações diárias, apenas pontuar.

A anotação dos compromissos é quase diária, mas apenas para pontuar. Como uma obrigação e como um acordo, sem muitos comentários. Por isso, a escrita é geralmente curta, objetiva. Aparecem freqüentemente com as mesmas palavras: "Levantei e fui à escola"; "Hoje fui ao dentista"; "Fiz minhas tarefas"; "Fui à missa"; "Fui ao banco". Entre esses compromissos aparecem: freqüência às aulas ou aos cursos, tarefas escolares, comparecimento à catequese ou à missa, consulta ao médico ou ao dentista, algumas tarefas domésticas.

Com essa leitura, ter aulas parece compromisso selado; diferente de socializar, repartir, construir. Por isso, é mais que ter aula, quando anota: "Fui ao inglês e o Cris veio sentar comigo" ou, "o Fernando estava para me encher o saco, hoje no inglês"; ainda: "Fui na Educação Física e os meninos do 3º ano estavam lá, tinha uns gatos lindos!"; mais: "A escola estava um saco hoje, não teve nada de interessante"; "Fui à aula (à noite) e o Gustavo me cumprimentou tão frio, hoje".

Não se pode dizer que os compromissos não sejam importantes. São, senão Taís não anotaria tão repetidas vezes; praticamente todos os dias. Pelo contrário, dispensa palavras. Basta pouco para dizer tudo, já conhece a realidade, é um acordo, há pouco que discutir. Consigo ler: aula é sempre igual, não precisa explicar. Dentista é sempre do mesmo modo. Catecismo e missa também são obrigações a

cumprir. Com raras exceções, comenta: "Hoje o dentista pôs borrachinha azul nos meus dentes". Mas, nunca anota: hoje o padre falou isso ou aquilo.

Taís é pontual em anotar esses acordos ou compromissos. Não esquece, trata-os como são: obrigação, dever, tem que ser cumprido, não há o que questionar, difícil participar, impossível faltar, é importante e pronto.

Com a mesma leitura de compromissos: "Niver do papai", "Niver da vovó", "Niver da Telma"; "Niver da Marília"; "Niver da Flávia". Isso basta. Como é escrita para ela mesma, dispensa escrever que a mãe comprou bolo para o papai, porque é atitude normal. Dispensa escrever que vai ter festinha com as amigas de Telma, porque sempre é assim. Não precisa explicar o compromisso com uma lembrancinha para as amigas ou a visita a elas. É um compromisso, anotação para não esquecer.

Portanto, leio as anotações a respeito dos compromissos, como algo que a adolescente não consegue questionar, geralmente cumpre o determinado. Vai ao dentista porque precisa, vai à missa ou à catequese por imposição. Assiste às aulas, mas não participa, não socializa e, quando isso acontece torna-se festa, porque não é a aula o motivo da interação e sim a brincadeira, a paquera; vira agenda social.

4.4 Os textos de Taís: A construção escrita de significados

Nas escritas dessas agendas, aparecem conjuntamente, construindo o texto, tema, estrutura, estilo e linguagem. Uma escolha feita por Taís. Uma construção extraída do contexto social que vive a narradora. Apontam o material: escola, grupo de amigos, família, leituras, músicas, cinema, teatro e eventos.

Ao ler "Da fala para a escrita" (MARCUSCHI, 2001), aprofundo minha reflexão e consigo alinhavar algumas marcas específicas nos textos de Taís:

Características do processo de escrita de Taís:

- **Planejamento do espaço da escrita**: Taís escolhe uma agenda a cada ano, geralmente pela idade, ano escolar, moda da época. Com características

específicas para a fase que está vivendo. Um espaço construído pela narradora.

• **Contexto de produção dos textos**: a anotação funciona com o objetivo de reviver o acontecimento, de guardar na lembrança e, de marcar uma posição de identidade, de compromisso.

• **Produção social**: os textos de Taís baseiam-se num cotidiano histórico-sócio-cultural. Os acontecimentos são da realidade que a cerca, assim como é a linguagem utilizada por ela.

• **Construção de realidade**: os temas são extraídos da realidade, inclusive as pessoas. A linguagem da adolescente constrói significação.

• **Produção que se compactua**: os textos das agendas de Taís se relacionam, forma um todo, ainda que não linear.

• **Modalidade escrita mediada pela oralidade**: Taís escreve seus relatos empregando a língua padrão, mas estas apresentam marcas de oralidade. Em função da produção de sentido a oratória é mais opção que deslize.

• **Produção de intertextualidade** – um ensaio literário: a expressividade da menina narradora relaciona e interpõe vários textos, quer sejam objetos, fotos ou gravuras, como uma grande variedade de outros textos escritos. Visualiza-se não só uma polifonia de discursos, como uma interação discursiva construída por Taís.

Observo que é escolha, há seleção dos assuntos no processo de escrita da narradora. Um modo do querer dizer como ela vê o mundo; a escritora determina o sentido dos textos. O lugar e o estilo adotados estão estritamente ligados. Portanto, há uma estreita ligação entre os temas que Taís seleciona - a escrita dos acontecimentos do cotidiano - e o modo como faz nas agendas.

A distribuição das idéias no papel tem a ver com o tema selecionado. Às vezes uma palavra basta. Outras, a folha fica apertadinha com a escrita. Em tom

narrativo os acontecimentos falam de amor, de amizade, de festas. O esquema ou estrutura textual será sempre definido em relação ao tema.

É um estilo bastante pessoal, ainda que não individual. (Outras pessoas podem também fazer) Mas, ainda que não seja único, é próprio de Taís, pois a escolha das agendas, a caneta que usa, as cores e como encaixa cada um dos componentes do texto: fotos, papéis de balas, ingressos, números de telefones, poemas. A seu modo busca as palavras, organiza as idéias e a linguagem. É Taís que dá expressividade, emoção, cor e significação ao texto.

Com uma escrita natural, sem determinações prévias dos sistemas que a comprimem, ainda que estes a determinem, Taís contextualiza suas anotações. Revive e guarda acontecimentos; busca valorizar e compreender sua vida; curte as emoções. Não é apenas o prolongamento de um beijo, revive a paquera, saboreia novamente as viagens e as festas, sente de novo dores e tristezas. Há um lugar, um tempo, pessoas envolvidas, um cenário construído de verdades, por isso a emoção.

Os acontecimentos anotados na agenda se encaixam; forma um todo. São como pontos que se juntam, firmando-se num contínuo interativo: a narradora, o contexto social ou familiar, a mídia, as leituras. Retalhos que se constroem, em uma única peça.

O estilo dos textos é simples e tem conotações diversas, dependendo da interferência no ato da escrita: a idade da menina, os temas e seus enfoques, a visão de mundo da menina, a influência da educação social e formal recebida em casa ou na escola, especialmente o lado emocional com as características específicas da adolescência e as marcas de personalidade da escritora.

A composição dos elementos que constroem ou interferem não se separam, atuam conjuntamente, alternadamente e, muitas vezes fica impossível detectar; graças à tamanha subjetividade da escritora ou, pela economia de palavras no texto.

Se aos 11 anos não é influenciada ainda pelas características da adolescência, os traços de personalidade já marcam os textos, assim como o jeito de ver o mundo e a formação recebida. Aos 17 anos, as emoções fazem a narradora

esquecer normas de conduta aprendidas em casa, formação. Taís é regida pelo meio universitário, com um vocabulário meio relaxado.

A linguagem que Taís utiliza faz uma escrita espontânea, simples e alegre, especialmente quando relata a interação do grupo. A expressividade, resultado também dos artifícios de linguagem, em muitos textos determina mais alegria, mais tristeza, mais raiva. À primeira vista, certas passagens, parece fora do contexto, não fosse uma leitura bastante profunda desse estilo marcado pela emoção, frutos da adolescência, da personalidade ou da liberdade de escrever sem amarras. Os recursos lingüísticos carregam a linguagem de emoção, fazendo-a capaz de dizer, exagerar, torcer e até de modificar uma primeira idéia. Essa tinta forte dos textos – a emoção – concede ao leitor a possibilidade de se perguntar se é ficção ou realidade, como também de constatar que os recursos utilizados fazem vida cada página escrita.

Diferem um pouco, a aplicação dos recursos lingüísticos nos textos de Taís. Depende da idade, do tema abordado, do estado de espírito da escritora. Porém, quase sempre é na vivência da menina, expressa com suas palavras que a escritora se alicerça. Reforça essa crença o trabalho feito pelas instituições: escola, família, Igreja, que fornecem à adolescente uma linguagem específica para fazê-la crer em algumas idéias reforçadas.

Por isso, ao criar seus textos, Taís se apropria de conceitos prontos do meio. Em cada idade ela é criação, mas também reprodução. O sonho pela universidade, o endeusamento de alguns cursos, valorização do ensino público universitário, privilégios de conhecimentos aos alunos que freqüentam escolas particulares. Estes são alguns tópicos das agendas da 2ª e 3ª série do ensino médio. Com os amigos faz planos para a universidade. Os textos vêem marcados pela influência da escola, pois, Taís participa de debates, faz orientação vocacional, visita às empresas e universidades. Como escritora, consegue mostrar a ansiedade pela espera e vaga, não se pode perder o ano; não quer fazer cursinho; há que passar no vestibular. Em diversos textos desta época mostra vibração ou mais que angústia. Em tantos outros há uma expectativa, uma pressa pelo desfecho.

Da agenda de Taís:

"E tudo isso foi feito pra mim e você... simplesmente pertence a mim e você... então vamos rodar e ver o que é meu" Passageiro-Capital Inicial. Tenho acordado super tarde esses dias. Hoje nem pude chamar a Marília para vir em casa a tarde porque ela foi para Sorocaba e minha mãe não deixou eu ir junto. Fiquei em casa sozinha, ouvi música, assisti televisão, falei com a Angélica pelo telefone e li livro. O dia inteiro pensei na Unesp, espero que me chamem. Mesmo sendo um pouco longe não é muito.Minha mãe e meu pai chegaram tarde. Precisamos mudar logo acho que meus pais andam se cansando demais de viajar". (Quarta-feira, 18/02/98).

4.4.1 Compreendendo a brincadeira de Taís com o signo lingüístico

É com o trabalho lingüístico que Taís brinca e escreve, tecendo significados diariamente nas suas agendas, ao escrever sobre o seu cotidiano. Usa muitos recursos da língua, que sua personalidade, a condição de adolescente e mulher, temperam com criatividade e expressividade.

Recursos que vão sendo aprimorados com o passar dos anos. Ao comparar as agendas, observa-se facilmente. Fruto de um trabalho escolar, da participação social, especialmente da família e do grupo de amigos, que como ela avança nos estudos.

Fica claro não ser a aprendizagem escolar, como reprodução de conhecimento apenas, que aparece nas agendas. É um trabalho do agente construtor, criação da escritora. Nítidos são os resultados das leituras de Taís, a facilidade de manuseio dos diferentes tipos de textos e meios que os vinculam.

É bom salientar que os elementos que compõem as escritas nos textos das agendas de Taís não aparecem em separado, nem de modo simultâneo, mas imbricados no processo.

Para facilitar a compreensão dessa construção significativa, como também para explicitá-las, subdivido em itens:

a. **Aspecto formal da língua**: morfologia, sintaxe e fonética.

b. **Expressões e marcadores da oralidade**: a vivência do dia-a-dia.

c. **Recursos da linguagem da mídia e intertextualidade**: modas e invenções

Explicitando:

a. **Quanto ao aspecto formal**: Taís, falante e aprendiz, quer seja na escola, na família ou no grupo que convive, fala e escreve obedecendo às estruturas do aspecto formal da língua.

Porque, como sujeito da linguagem, domina as construções da língua, pelo uso que faz dela no discurso diário. Não importa se quebre algumas regras dessa estrutura nas suas escritas. O importante é a aplicação dos elementos da língua na construção dos significados, que ela pretende, e dá aos textos. Cada elemento fonético, morfológico ou sintático ocupa seu lugar no texto da narradora.

Nas primeiras agendas a narradora fez um trabalho simples, mas à medida que os anos passaram, pode avançar na aplicação dos elementos constitutivos da língua. É impossível qualquer falta de significação no trabalho de escrita de Taís, desde a primeira agenda.

Portanto, cada elemento cumpre seu papel no texto da escritora:

• **O valor de um substantivo em cada acontecimento**: tem a força que Taís, escritora, deseja para o texto. Está nos nomes, nos lugares, nas ações. A narradora é capaz de fazer significar.

• **Os diminutivos e aumentativos indicam múltiplos significados**: é a língua viva do cotidiano – recursos muito normais para a escritora. É do seu dizer diário. Ajudam no estilo de Taís, mostram delicadeza, parte integrante da linguagem emocional. Nos exageros, recorre-se dando aumento exagerado, quando manhosa, sabe-se impossibilitada. É um jogo bom de se brincar.

• **Os pronomes indicam mais que a pessoa do discurso.** Estes mostram força, principalmente como sujeito, que não só se constituí, mas organiza o discurso. Nas agendas, cada um dos pronomes: eu, ele, nós, esse, meu, nosso, [...]. Dá capacidade de auto-afirmação à escritora.

• **Os adjetivos são sempre soluções**: muitos recursos de significação para uma escritora menina mulher. Estão espalhados por todas as páginas. Sai do cotidiano e vão para a escrita. Enfeitam, priorizam, aumentam e diminuem o sentido desejado.

• **Nos numerais multiplicativos, o artifício para os típicos exageros**. Se a emoção não é suficiente, há que buscar formas e formas para dizer muito em poucas linhas. São fartos nas escritas de Taís.

• **Verbos, indicando de estados a ações variadas**: não importa muito se estão conjugados de acordo com a norma culta. A menina tem ciência do seu uso no cotidiano e da força que representa. Na espontaneidade de Taís, os múltiplos significados.

• **Frases múltiplas**: declarativas, interrogativas, exclamativas, imperativas. Taís domina, pois faz parte da interação do discurso que utiliza, lê e vê diariamente. O transporte de ir e vir cria uma linguagem dinâmica.

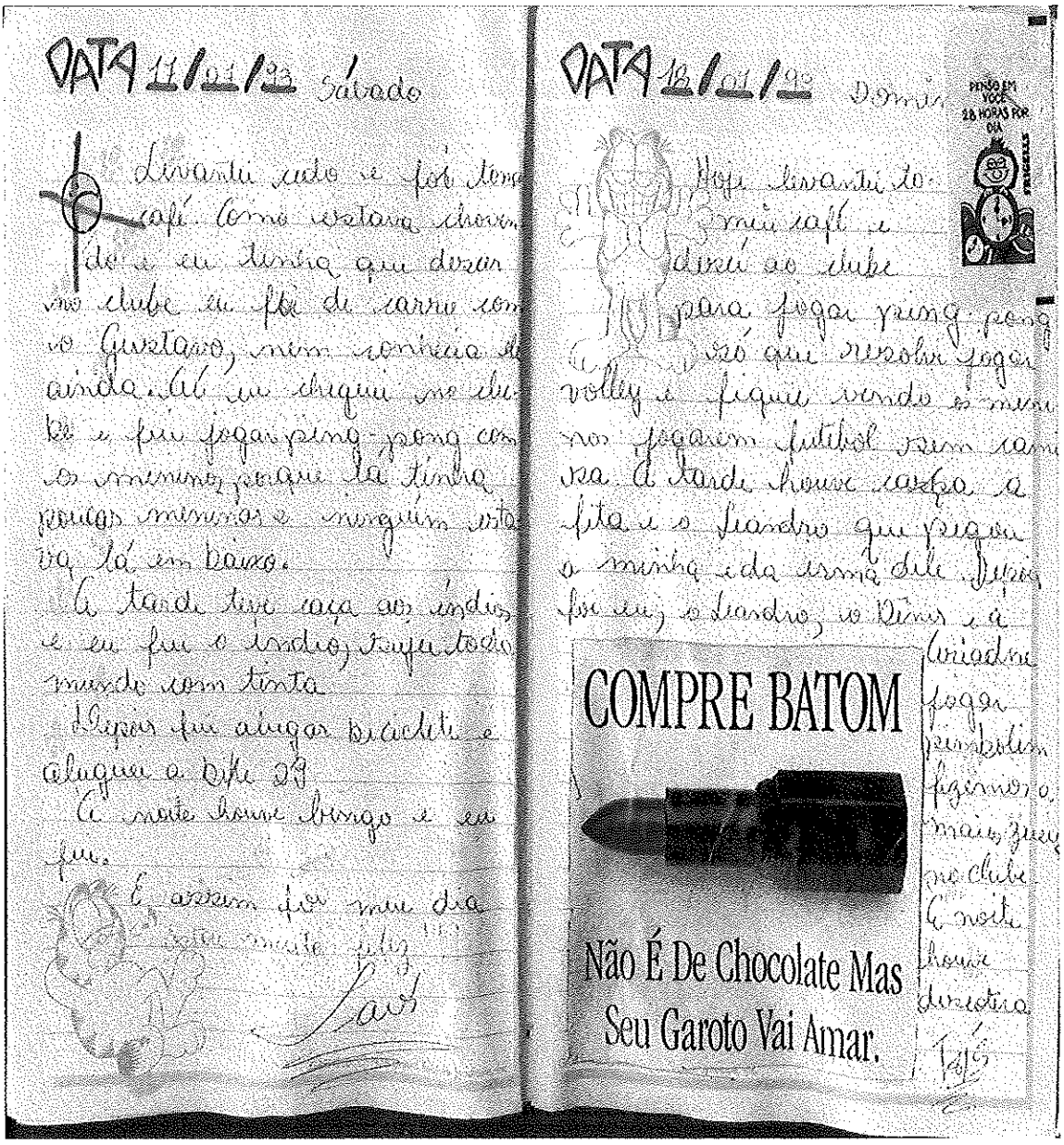
• **Os períodos simples, compostos, alternados, cortados**: simples e coordenados são a maioria, mas consegue os subordinados, os mistos. Não importa se a coesão não foi tão bem construída, tem significado. Há ligação entre as partes.

• **Concordâncias e regências, além das regras**: apesar dos tropeços com as regras, muitos significados para Taís, ela consegue como escritora, relatar o seu cotidiano.

Em todos os textos a narradora utiliza os recursos lingüísticos muito à vontade, mostrando o sentido pretendido. Seleciono algumas páginas das agendas, apenas para comprovar a habilidade da escritora em lidar com a língua. O que importa é a comunicação da adolescente:

Na Agenda, (17 e 18/07/93), com 12 anos, Taís conta seu dia. Está na colônia de férias da CESP e, mesmo lá, à noite, acha tempo para escrever. Mostra as impressões daqueles dias e o que fez, num minúsculo espaço para escrever da sua agenda. Com domínio dos recursos de escrita, foi capaz de deixar lembranças; principalmente pode, à noite, reviver todo o seu dia.

Fig. 07. "Compre Batom"



Cada elemento da língua, no texto, cumpre a sua função significativa.

b. **Expressões e marcadores da oralidade: a vivência do dia-a-dia**

A língua falada na comunidade e que, também, Taís está inserida, representa não só a troca significativa entre os falantes, mas um conteúdo disponível, que ela empresta para as suas escritas de agendas.

Ainda que seja do conhecimento da estudante o aspecto formal, nas suas escritas existe liberdade, está longe do policiamento escolar. Por isso, não é por desconhecer as normas e sim, por escolha da escritora. Representa mais informalidade, liberdade, proximidade.

Dentre os muitos marcadores convencionais, presentes na fala do cotidiano, anoto alguns mais regulares. Há específicos regionais e de grupo.

Para Taís é comum na sua escrita, por ser do convívio diário e, principalmente porque suas escritas são pessoais; o espaço é só seu.

Os mais usados:

- **Marcadores verbais, questionando**: sabe? entende? viu? foi? era?

- **Atenuadores de conduta**: eu acho que, eu tenho a impressão que, parece que, quer dizer.

- **Marcadores de apoio, concordância**: ahan, ahan; anhn, anhn; está legal, ok; yes.

- **Alongamentos dos assuntos**: basicamente..., e..., então..., mas aí..., mas aí, né..., sabe de uma coisa..., pere aí...,

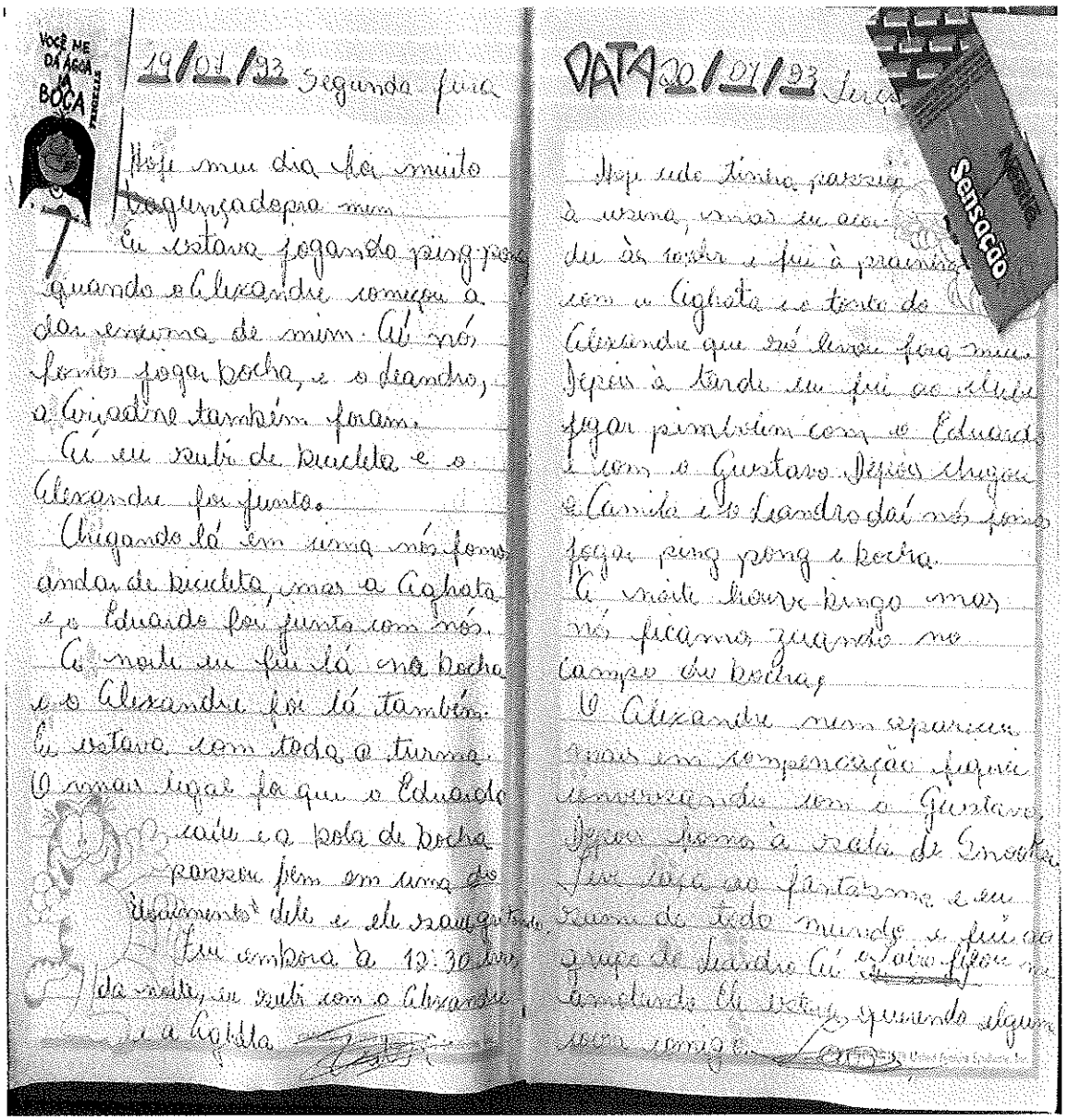
- **Marcadores de hesitação**: ah, eh, sei não..., talvez..., ou..., talvez eu vá..., se Deus quiser...

- **Marcadores que testam participação**: né?, não é?, certo?

- **Marcadores de grupo, de espaço, muito comum entre adolescentes**: Também aparecem, construindo significativamente: chegueil, aí vou eu..., se cuidem... , coitado! Também os utilizados pela mídia, especialmente a TV.

Na Agenda, (19 e 21/ 07/ 93), Taís continua na colônia de férias, relata com facilidade todos os acontecimentos do dia. Utiliza expressões do cotidiano e os marcadores da oralidade "aí" e "daí" são fortes no texto da adolescente, pois amarram os fatos vividos por ela, com muita euforia.

Fig.08. "Sensação"



Os marcadores de oralidade "aí e daí" fazem ligação de modo natural no texto.

c. Recursos da linguagem da mídia e intertextualidade: modas e invenções.

A mídia, de modo geral, utiliza a linguagem que mais aproxime o interlocutor, porque o pretende co-participante. Tem a função de despertar atenção, interesse, por isso essa linguagem trabalha a emoção, conseguindo com criatividade, não só informar, entreter, mas sugestionar e convencer, tamanha a expressividade que utiliza. É um trabalho que pretende sempre mexer com o modo de pensar das pessoas, portanto ideológico; quer angariar conformidade, credibilidade ou mudança de conduta.

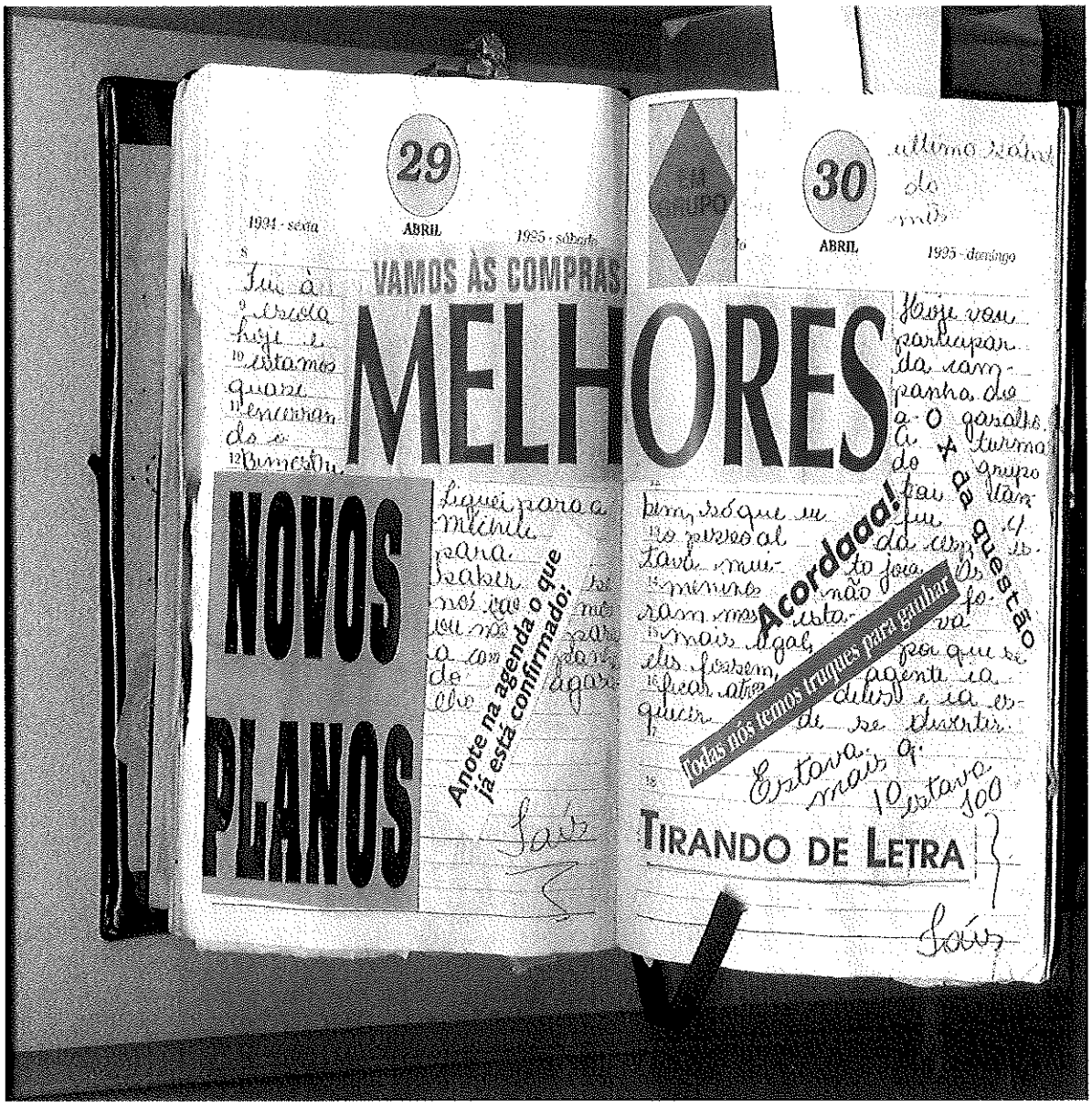
Na propaganda o trabalho com a linguagem arrasta público; quer na defesa de direitos comunitários, quer para solucionar problemas, satisfazer caprichos ou explodir apenas em emoções. A veiculação direta da "linguagem da mídia" agindo nos meios sociais faz Taís e os que com ela convivem – principalmente os adolescentes - tornarem-se capazes desses mesmos artifícios. Esse trabalho lingüístico constrói conceitos, idéias, expressões, palavras, piadinhas no dia-a-dia. É comum o transporte desses artifícios para a escrita. Nas agendas de Taís são muitas as formas de utilização da linguagem à moda da mídia.

A escritora de agendas combina símbolo, ícone e índice. Há substituição de um elemento por algo, capaz de fazer significar. É um dizer de uma outra forma. Possibilita escrever algo e, ao mesmo tempo questionar, perguntar sobre o assunto ou ainda, levantar outros senões. É uma brincadeira séria. No trabalho de escrever agendas, Taís é interpretante do mundo e ao mesmo tempo, produtora de signos e significados. Com objetivo de provocar emoção, apelar, fazer referência, a escritora constrói meta-linguagem. Dessa relação semântica é possível, ainda, visualizar uma ponte entre linguagem publicitária e a linguagem da literatura.

Existe uma busca da adolescente em desenvolver com arte a maioria de seus textos. O ensaio de estética de Taís escritora de agendas do cotidiano foi gradativamente se desenvolvendo. As escritas do ensino médio são repletas de recortes, que completam com os textos. São criações metafóricas, que simbolicamente a adolescente dá significações.

O trabalho com a linguagem nas agendas de Taís é muito rico, mas impossível ao leitor poder captar toda a significação. São escritas pessoais recheadas de emoções e os textos de um dia se interligam com outros. Mas, não são segredos, nem indecifráveis.

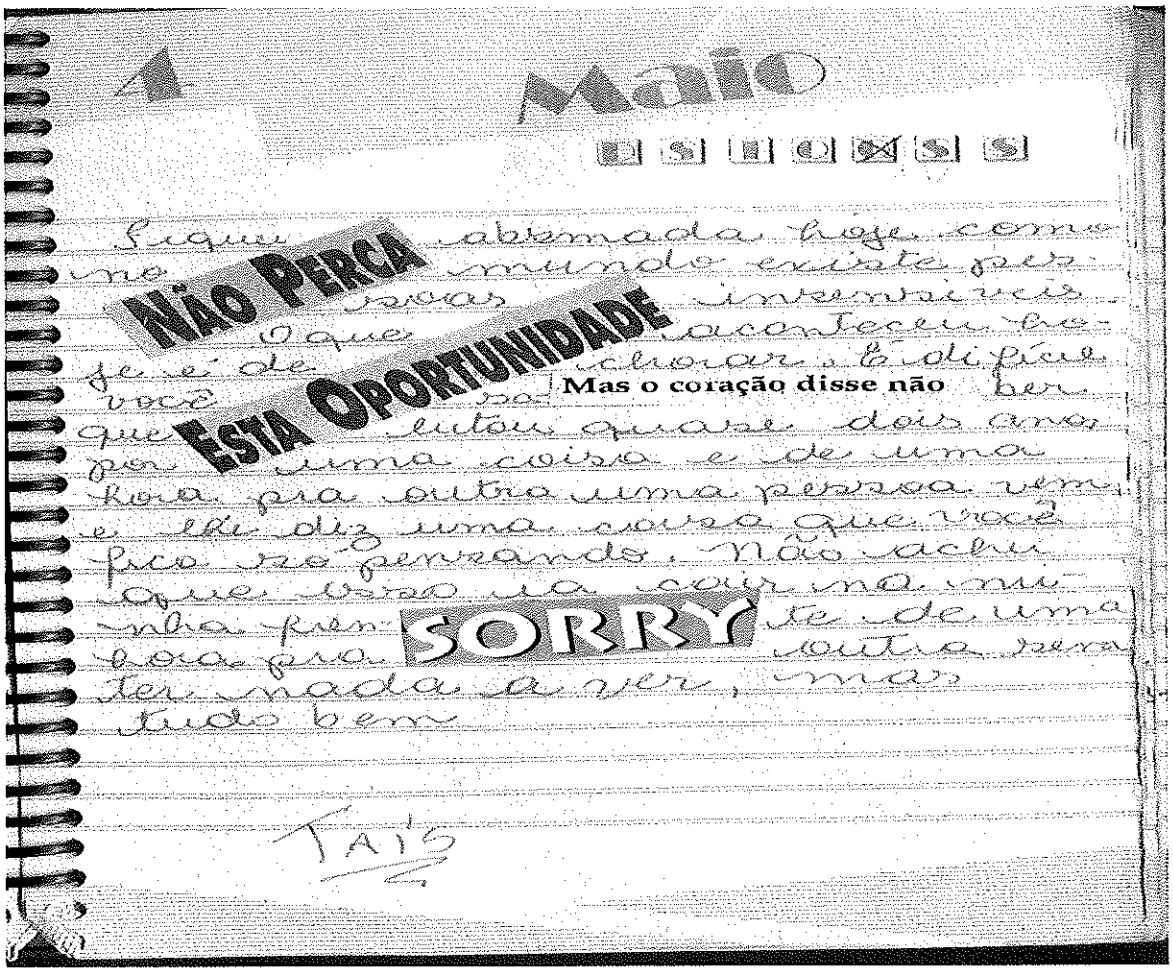
Fig. 09. "Melhores"



Em muitos textos é possível perceber o trabalho com a estética. Aqui, um jogo com os signos, trabalhando escola e o relacionando social. (AGENDA, 29 –30 de 04/94).

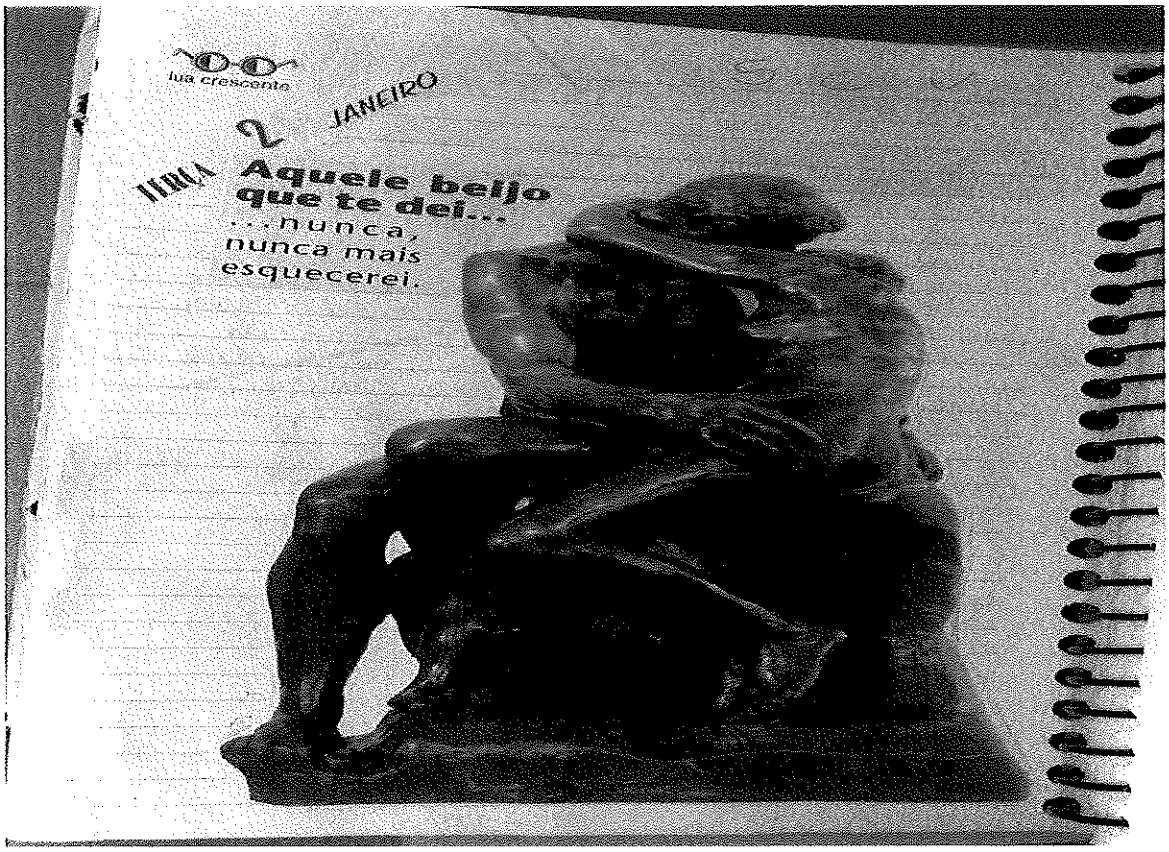
Com a intertextualidade, os textos produzem jogos: Sinonímias; Antonímias; Comparações; Eufemismo; Metáforas; Metonímias; Hipérboles; Ironias; Paradoxos; Onomatopéias; Aliterações; Polissíndetos; Repetições. Mistura de símbolos e cores. É uma exploração de sentidos conotativos, uma reinvenção de significados. Às vezes, a pretensão no trabalho de intertextualidade foi apenas provocar e desafiar, assim como faz a mídia, as pessoas no cotidiano e especialmente os adolescentes. Provocar brincadeiras, suspense, deboche, raiva, ciúmes, piedade, erotismo – só emoções.

Fig. 10. "Não perca esta oportunidade"



Consigo ler a decepção da menina com a insensibilidade das pessoas. A narradora cruza esta idéia com a sua determinação, marca de personalidade. Não perde a oportunidade de dizer não, somente isso. O trabalho na sua agenda, para expressar esse significado é um jogo com as idéias, um paradoxo. (AGENDA, 04/05/ 95)

Fig. 11. "O Beijo"



A narradora apenas coloca uma sigla (que se repete em toda esta agenda – sobre seu paquera). O trabalho da narradora é apenas com recortes. A significação trabalhada neste dia é relembrar, curtir o beijo que ela deu (um caso de amor de tantos anos na sua agenda). Não foi um beijo qualquer, marcou tanto que ainda está ligada ao corpo da pessoa. A escritora transforma seu beijo em estátua e trabalha vários sentidos com a sua linguagem. (AGENDA, 02/01/96).

Consigo ler alguns:

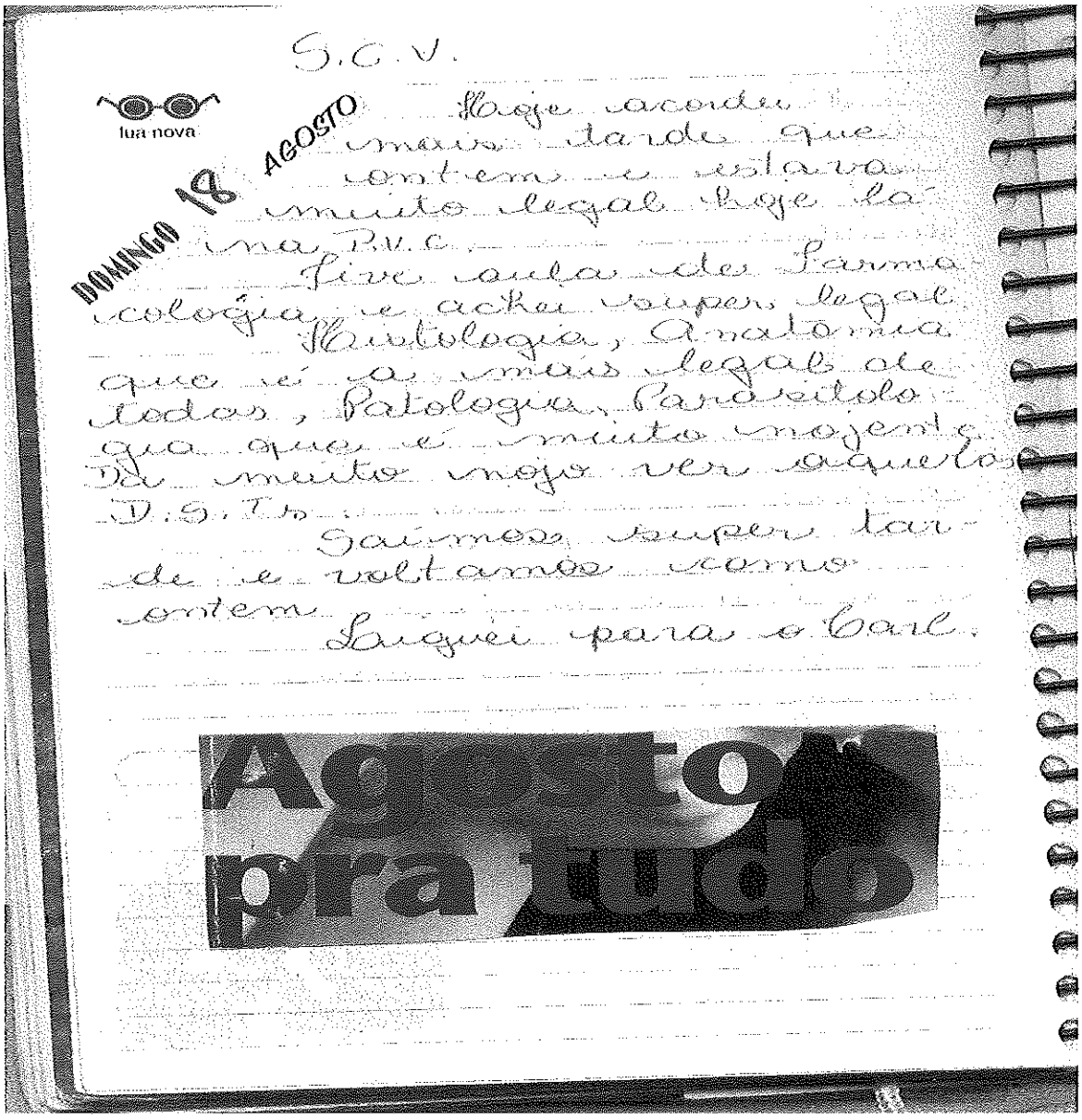
1. O beijo da adolescente tornou-se bronze, pedra, ficou guardado no tempo.

2. Aquele beijo não foi escondido; foi exposto, como uma estátua pública; uma obra de arte, que ela conseguiu fazer.

3. O beijo que mereceu uma estátua, mas não uma qualquer. Seu beijo ficou publicado na agenda e na vida, como da mais famosa arte do mundo, a de August Rodin, "O Beijo".

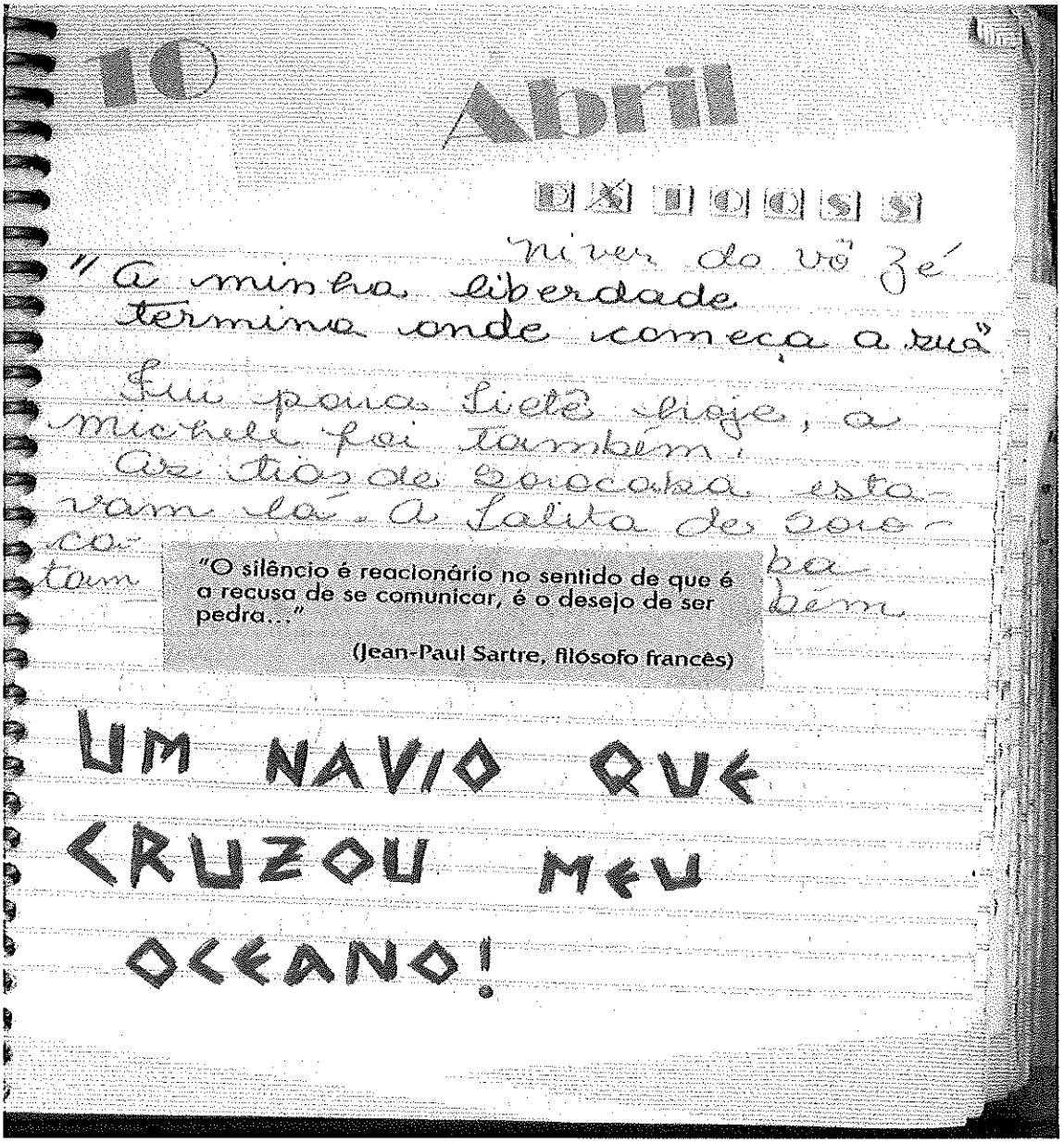
4. Há também o sentido irônico, debochado, brincalhão: E agora, no novo ano; voltará?

Fig. 12. "Agosto pra tudo"



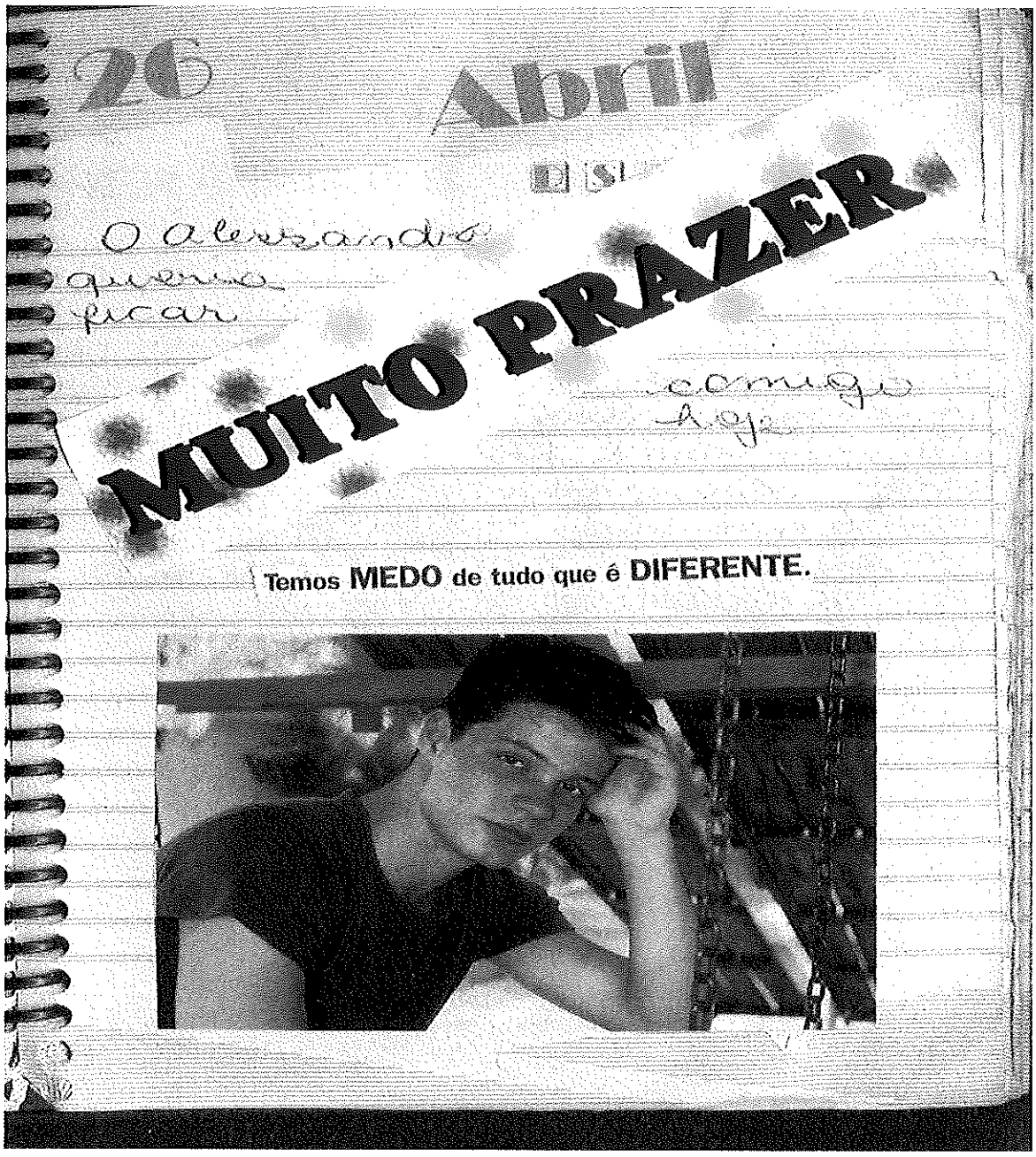
A estudante, na 2ª série do ensino médio vai a PUC Sorocaba participar de aulas práticas, alargando o projeto escolar sobre orientação vocacional. A adolescente relata o nojo que sentiu nas aulas práticas e dá para concluir que não quer optar pela área da medicina. A narradora conseguiu trabalhar toda a significação interpondo com uma gravura da palavra "Agosto", relacionando com "há gosto" e, com o "mês de agosto". Comparações foram subentendidas, metáforas. Há gosto para tudo. Que desgosto! Vou ligar para meu namorado.(AGENDA, 18/08/96).

Fig. 13 "O Silêncio)



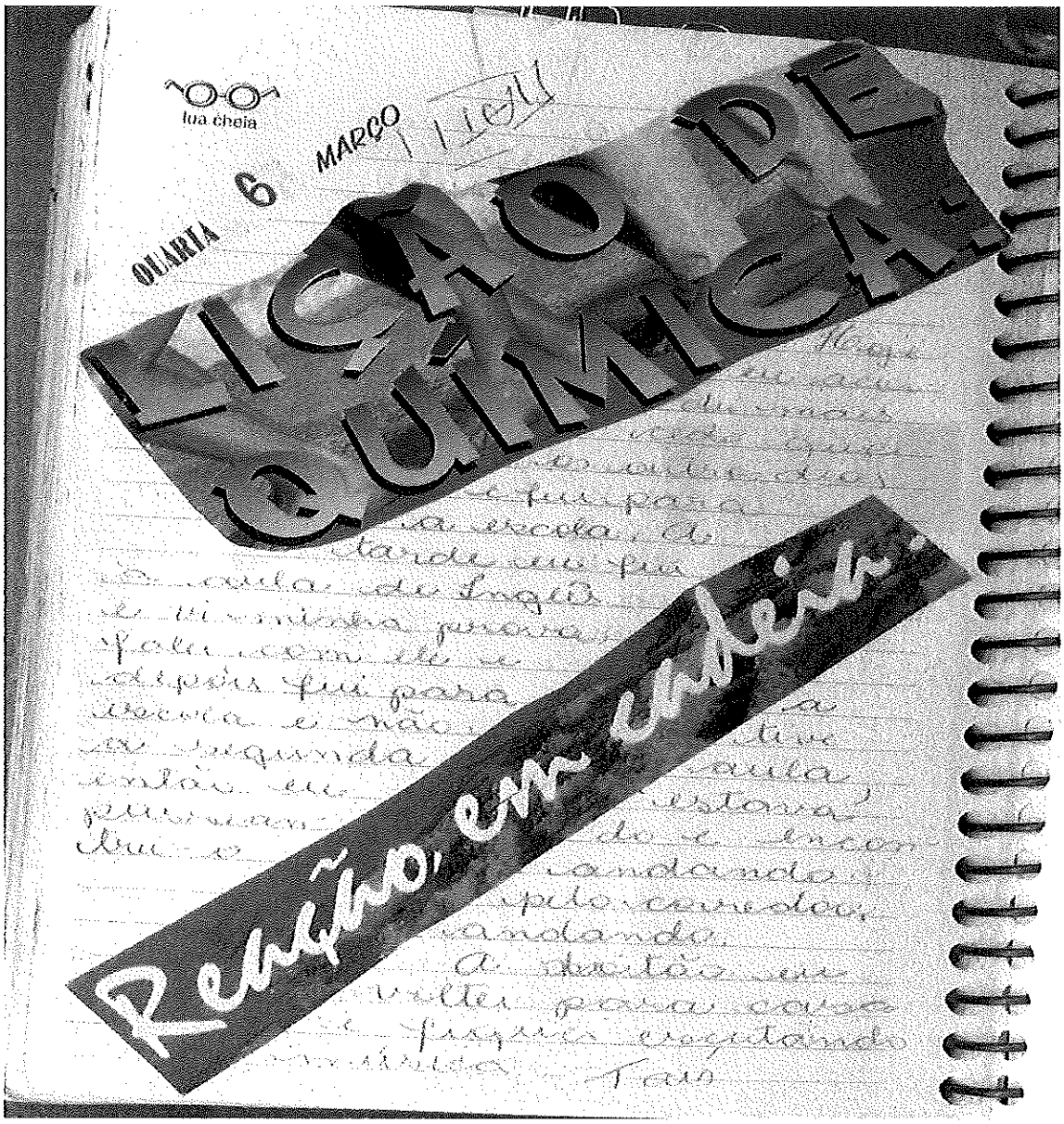
Um espaço em que a adolescente não se encontrou. Escolheu a atitude de estar quieta, de ser pedra. A narradora não recrimina os adultos, não critica as crianças. Seu silêncio foi opção, conforme citação de Sartre. Não quis forçar a situação; trabalhou com o abrandamento da idéia, eufemismo. A frase abaixo delata que estava lá, mas seus pensamentos muito longe, na paixão: "Um navio que cruzou meu oceano!". (AGENDA,10/05/95).

Fig. 14. "Muito Prazer"



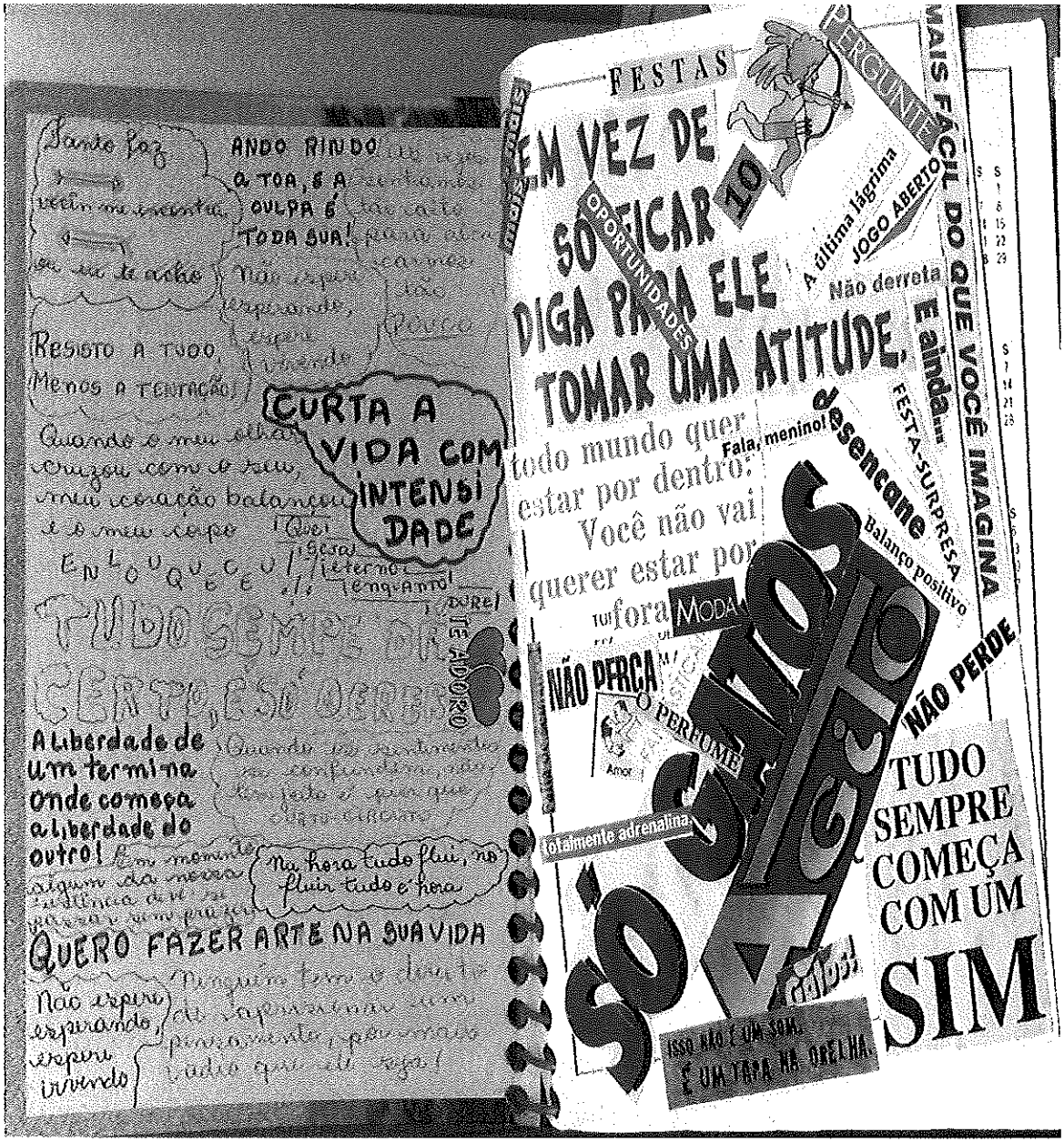
O inesperado, o desconhecido trouxe medo, porque era diferente ao que esperava. A menina revela-se no seu jeito de adolescente um tanto insolente. Há medo, mas é audaciosa: muito prazer! Nesta página a narradora joga com idéias inversas, com o sentido de ironia. Também, muito prazer – conhecer e, sentir emoção. Dá medo, mas há beleza no novo – a gravura grita a significação.(AGENDA, 26/05/95).

Fig. 15. "Lição de Química"



O texto escrito relata idas e vindas entre o curso de inglês e a escola noturna; sempre Taís via o seu paquera, tanto no curso como na escola. O que importa nesse dia anotar não é sobre o resultado da prova de inglês, nem porque não teve aulas. A narradora trabalha a significação dos encontros e desencontros com o garoto, uma cadeia contínua de acontecimentos, que mexia com ela. Paquera: na química (do amor), segundo seu recorte "Reação em cadeia". A escritora substitui o sentido numa abstração muito emocional, metonímia. (AGENDA, 06/03/96).

Fig. 16. "Só Gatos"



Aqui, o trabalho de intertextualidade da narradora é apenas colocar a sua força, provocar, desafiar, brincar. Deixa ilustrado com arte de menina o mundo da adolescência. Entre os muitos pontos aqui ilustrados: viver a vida plenamente, a necessidade de conquistar o amor pleno, mostrar que sabe tomar atitude. Muitas brincadeiras, suspense. Sonhos para o ano, novas emoções. (AGENDA,1997. Contra-capa).

4.4.2 Escritas de Taís: escritas da vida X escritas da escola

A criação das agendas de Taís é escolha, talento próprio, brincadeira e até um ensaio artístico pessoal, influenciado pelo meio social e leituras variadas. Pode-se dizer, uma escrita da vida.

Os alicerces dessas escritas são resultados de trabalhos familiares, sociais e especialmente da escola, que contribuíram eficazmente para o desenvolvimento de Taís escritora. É todo o conjunto histórico-social que sustenta essa produção de escrita, de arte, de lembranças guardadas nesses sete anos.

Através das agendas é possível perceber o trabalho escolar, senão como uma seqüência de ações, fica a idéia de dedicação da adolescente, pontualidade e persistência. Principalmente, a alegria de Taís com a escola e com àqueles que a fazem, seu grupo, seus amigos.

Taís pouco comenta desse – ter aulas – compromisso do cotidiano: "Hoje, levantei e fui à escola"; "Hoje tive prova de Português"; "Adorei ir à aula"; "Começaram as Provas"; "Estou lendo Machado de Assis". Apesar de anotar todos os dias. Geralmente muda o assunto, corta e comenta sobre brincadeiras, seus sentimentos, sobre projetos de sair, dos amigos. Leio que concepção de ter aulas é vista mais como recepção de conhecimentos. É compromisso, foi combinado, não se questiona, faz parte da vida da estudante. Taís não critica o método, não escreve nunca contra a escola, nota-se que corresponde aos seus anseios. Suas queixas ou tristeza são, às vezes, o cansaço no ensino médio, enquanto estava em duas escolas. E, principalmente as notas, que nem sempre preenche as expectativas da adolescente. Reclamou também, quando se mudou para Tietê, no início do 3º ano do ensino médio; criticou tanto, que voltou ao Objetivo de Tatuí.

Apesar de não detalhar se aula foi dessa ou daquela forma é possível perceber, que para Taís, a escola é vida; tudo gira em torno desta. Taís vai sempre à escola, mesmo doente. Impossível encontrar uma anotação que preferiu um outro compromisso, ainda que sofra com o sono pela manhã. Em qualquer uma das

escolas Taís tem a mesma atuação, gosta de estudar, de ler e escrever e faz as tarefas diariamente. Os materiais escolares sempre escolhidos com carinho. Se, sobre as aulas comenta quase nada, sempre pontua as provas, os trabalhos, relata as vezes que esqueceu isso ou aquilo. Nesses textos é possível flagrar a leitura que a narradora faz da escola: aula é compromisso do professor, dela o comparecimento, fazer tarefas, provas, trabalhos.

Quanto às aulas de português, tem o mesmo procedimento que nas demais: fez anotações de alguns livros que lia, principalmente os obrigatórios, sempre cobrados em prova, das tarefas e provas. Nota-se que não houve dificuldades em ler os livros literários, pelo contrário, satisfação. Comentou um trabalho de redação a respeito de uma dinâmica de grupo; em uma outra situação, anota que está lendo Gilberto Dimenstein, também para redação; há uma anotação em que o esquecimento de fazer redação trouxe muita angústia, pois era para nota. Portanto, Língua Portuguesa é uma das disciplinas que não reclama, nem de tarefas, nem das notas. Conclui-se que Taís gosta de fazer as atividades e que não há dificuldades para a adolescente.

De modo bem geral, percebe-se nas escolas porque Taís passou, misturas de propostas interacionistas e tradicionais. Em algumas atitudes de construção de conhecimento, projetos e nos laboratórios, a adolescente tem mais interesse em anotar a participação e o envolvimento. Já o cotidiano de sala de aula, nota-se mais tradicional, pois a escola ensina, cobra e o aluno mostra se aprendeu. Neste caso, repete-se o mesmo sempre, dispensa anotação.

Também, a visão que a última escola freqüentada por Taís têm de si mesma é vista nas suas agendas. Há necessidade dessa escola responder às expectativas dos seus freqüentadores. É preciso manter os alunos com um ensino diferenciado. Necessita que os alunos participem de eventos culturais, esportivos, viagens, exposições, informática – mesmo que desvinculados do processo de ensino. É preciso que os alunos permaneçam como referência de formação perante a comunidade. Principalmente, em um trabalho amplo para prepará-los para um curso

universitário de qualidade e, conseqüentemente, uma profissão de destaque social, do qual esses alunos fazem parte. Isso é nítido nas anotações da estudante.

Portanto, os avanços de Taís escritora do cotidiano, não são apenas como específicos do meio social, nem só como um tipo de escrita da vida, já que tanto a adolescente, como seus interlocutores mais próximos (seus amigos), também participaram, na maioria, da mesma educação escolar.

Nesse contexto, lê-se que as escolas ensinaram à narradora uma grande variedade de conhecimentos, direcionaram caminhos, apontaram leituras. Assim, de um modo ou de outro, interferiram e fizeram-na mais leitora e escritora.

Taís recebeu da escola a abertura para um ensaio artístico, ainda que estas não trabalhassem, nem a adolescente fosse incentivada a nenhum tipo de escrita pessoal, nem de agendas. As escolas colaboraram com esse caminhar específico da menina escritora, pois ofereceram um leque infindo de informações; incentivo com aulas de história da arte; o trabalho com variados tipos de textos; sobretudo assessorando nas tarefas. Essas escolas, principalmente o Objetivo de Tatuí – no ensino médio – abriram caminhos largos para a estudante. Porque, no trabalho em todas as disciplinas, com a valorização da arte, principalmente música, teatro, cinema e, em especial literatura, aprofundou-se a leitura da adolescente e a visão de mundo da escritora de agendas, de Taís.

Posso, com certeza, afirmar, que a escola foi um dos principais interlocutores a essa riqueza de produção escrita de Taís.

Porém, ainda assim, as escritas dessas agendas são feitos especiais da protagonista, que soube encontrar meios de anotar o seu dia-a-dia. Não é possível roubar da pequena escritora, Taís, as inúmeras saídas para relacionar, questionar e, sobretudo colocar-se como menina/mulher em seu lugar no mundo. Soube, em especial, com emoção, dar sentido à sua vida. Valorizou as pessoas e os acontecimentos, significando cada ato do seu cotidiano.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho de pesquisa esclarece os questionamentos levantados por mim sobre as escritas de agendas de Taís. Resumo e pontuo as características desses textos com temas do cotidiano, elaborados em determinado contexto histórico-social:

Os textos de Taís são escritas espontâneas, porque todas as partes que o compõem são escolhas pessoais da escritora. Se o ato de escrever já é uma atitude de espontaneidade, o é igualmente o lugar da escrita, os instrumentos que utiliza, os temas com os enfoques dados, a estrutura e as formas, assim como estilo e linguagem.

Fazer agendas para Taís é uma brincadeira séria de menina narradora, pois ao mesmo tempo faz reflexão da sua existência, trabalha com objetividade e com dados concretos do cotidiano. É criação, invenção e emoção, um jogo com a leitura e a escrita.

Os temas preferidos são àqueles ligados ao seu grupo: escola, cursos paralelos, festas, namorinhos e paqueras, músicas, bandas, moda e tudo que traga alegria e movimentação na vida da adolescente; conjuntamente: família e os compromissos do cotidiano, que dispensa muitos comentários, tal sua vivência.

O objetivo primeiro desses textos é "curtir", viver e reviver os acontecimentos, e não apenas guardar as lembranças. Há clareza nas idéias dessas escritas desde a primeira agenda; mostram lugar, tempo e os nomes das pessoas envolvidas, de modo concreto. Não há códigos para esconder nada; são atos muito públicos.

Um tanto subjetivo é alguns detalhes que a narradora utiliza para provocar mais emoção. Colaboram para esta peculiaridade características da adolescência, marcas de sua personalidade e o eu feminino, repercutindo principalmente na linguagem. Porque à Taís cabe não só dar a cor que deseja a esses fatos, como a carga de expressividade necessária para que ela possa usufruir os sentimentos que deseja: raiva, amor, saudade,... Isto porque a menina olha o mundo a sua forma e traz para o texto a versão que lê dos acontecimentos. Mas não o vê só, colabora

para essa leitura, o grupo de amigos, que aponta os temas para as escritas, como partilha de uma mesma visão ideológica. Estes amigos, que são os interlocutores escolhidos pela escritora, deixam não só palavras, lembranças, mas às vezes, dedicatórias de próprio punho.

Porém, Taís é a escritora, o sujeito primeiro e mais importante nessa construção de significados, mas que carregou para dentro do texto outros textos, de outros sujeitos, seus interlocutores. Nesse exercício artístico, a narradora deixou marcas pessoais: o gosto pela música, pelas artes, o fascínio pela aventura e o desconhecido, a busca pelos segredos das novas tecnologias; essas escritas guardam detalhes das leituras que fez, quer dos textos ou dos meios, que os divulgaram. Nos seus textos ficaram sinais de personalidade, características de adolescente, influências do tipo de escola que freqüentou, dos valores familiares, suas crenças, ou seja, o contexto social da escritora.

Taís delata, em alguns textos, os altos e baixos de humor: tristeza e alegria, o querer e não querer. Marcas, com certeza, desse jeito de ser meio aos extremos de sua personalidade. Pois, de um lado é arrojada, atrevida, sem medo de enfrentar, exerce liderança, com a sua fala firme e convicta, faz opinião e delata a seu favor. Por outro ângulo, é menina doce e dengosa, sabe, se preciso, utilizar-se desses talentos para conseguir o desejado; aqui, age com teimosia, manha e choro. Em outras ocasiões, quando luta contra a maré, a narradora mostra a teimosia, necessidade de auto-afirmação; coincidem nesses textos, marcas pessoais, muito femininas e comportamentos típicos da adolescência. Muitas das escritas trazem detalhes específicos da idade como enfrentamento, persistência, exageros, a eterna inquietação do corre-corre, como se nada a saciasse. Depois, a insegurança e o choro, por não ter o que deseja: atitudes tão visíveis nas meninas adolescentes, quanto às deixadas nas escritas de Taís.

Espontâneas são igualmente a construção dessas escritas, pois faz os textos a sua forma estrutural, escolhe estilo, linguagem, trabalha com criatividade e expressividade, produz a emoção que pretende. Na sua voz as outras vozes,

relatando os encontros amorosos, as festas, as músicas, as danças, colando e escrevendo sobre suas bandas, artistas, poetas.

Nos textos que a menina se revela, a emoção vira brincadeira no escrever, cortar e colar, tornando a pequena narradora uma quase artista. É um eu lírico que inventa significados - tanto para o seu dia, como para o seu texto. As marcas "quase literárias" estão estampadas na significação das escritas quando Taís trata do amor, das paixões ou qualquer sentimento. Neste exercício de intelecção de escritas aparecem a tirinha em quadrinhos, os textos literários, jornalísticos, publicitários. Há um dizer criativo da escritora, feito com expressividade. Para cada acontecimento construiu um texto apropriado, escolhido. Buscou recortes que falassem e agissem com as músicas, fotos, escritas e poesias; que a emocionassem. Textos que interpostos aos seus, se entrecruzaram, se compuseram e significam. O resultado é um trabalho de meta linguagem. Mais que na linguagem verbal, é possível ler, ver e sentir a comunicação não-verbal: nas colagens, símbolos de canções, adesivos quase sem palavras, que gritam pela cor, pela recordação dos sentidos. A escritora fez interpretação, escreveu, entrecruzou, enquanto falava ou cantava e ouviu outras vozes, que com ela compartilharam das escritas.

Fazer agendas durante sete anos foi uma rotina na vida de Taís, mas não repetição. Se narrar acontecimentos do cotidiano era uma atividade constante, progressivo foi o processo de escrita.

Taís evolui-se muito na habilidade lingüística e aprimorou a intertextualidade durante o ensino médio. Resultados da formação escolar e maior domínio de leitura, assim como seu amadurecimento e dos amigos. Nesses textos, lê-se de modo progressivo uma maior compreensão de mundo. E, se para ela a leitura foi sempre costume, aos poucos se tornou trabalho constante, resultado de um ensaio literário, se não apenas da escritora, de seus interlocutores, dos textos que se compuseram com ela. Com isso, sua redação gradativamente foi se aperfeiçoando, tanto no modo de desenvolver os temas, como na utilização da gramática e no trabalho com a linguagem. Se clareza nas idéias os textos sempre trouxeram, esse processo se constitui de modo visível, seja na evolução da língua, dos recursos de estética.

Frutos de leituras e aplicação de lições escolares. Os processos de ligação das orações e frases passaram a ser mais formais, fugindo dos costumeiros orais das primeiras agendas.

Se, à medida que os anos passaram, Taís apresentou maior domínio da escrita, o que chama bastante atenção é a influência do estudo da literatura na vida da narradora. Essas marcas aparecem nas agendas geralmente ao interpor com as letras das bandas de rock, compondo com campanhas publicitárias. Criou um trabalho interativo alegre e significativo. Nas agendas, literatura, não foi um simples aprender lições escolares e sim um ler em Taís. Portanto, as listas de livros literários que leu nesse período, apontada pela escola ou não, representam mais que lições para provas ou exames de vestibulares. Fazem vida nas agendas de Taís, constroem sentidos e sentidos. É um duplo trabalho de versão da arte e do cotidiano. Atrevo-me: resultados principalmente de duas mãos, escritora e professor. Resultaram nas agendas mais beleza e emoção. Portanto, se a vida de Taís escrita já era poesia, música e alegria, nas primeiras agendas – fruto de seus talentos e influência do meio – progrediu no ensino médio, porque foi muito trabalhado na escola. É por isso que nas últimas agendas Taís foi reescrevendo, não só com as bandas prediletas, paqueras, seus poetas como Vinícius, Drummond, Chico Buarque, Cecília Meirelles, mas com Manuel Bandeira, Fernando Pessoa, Gregório de Mattos e outros. É o resultado de um trabalho social, familiar, principalmente escolar na vida da adolescente.

Lê-se nas agendas, quanto à escola, não só os resultados trazidos nas escritas e leituras de Taís, mas os objetivos escolares, as propostas e direcionamento, a classe social que compunha a clientela, a dedicação dos professores. Aparecem nas anotações todos os eventos promovidos pela instituição: festas, jogos, passeios, aulas extras, palestras, visitas e qualquer movimentação diferente, como troca de horário ou professor. Isso tudo foi motivo para mais integração, mais conversas, mais sonhos, mais risadas. Porque a menina adolescente queria participar, queria o diferente. As agendas do ensino médio trazem marcas visíveis da preocupação da escola com os vestibulares, com a orientação vocacional, com os projetos de integração, as pesquisas e a interação

com a realidade social. Taís e seu grupo vivenciaram com euforia, sonharam, mas conviveram bem com esta realidade, apesar das preocupações e inseguranças com o futuro. Aparece a menina vendo o estudo universitário como um prolongamento do ensino médio, desde a convivência até as atividades de aprendizagem. Isso vem confirmar com sua agenda do primeiro ano na UNESP, em que conservou praticamente o mesmo comportamento de adolescente, mesmo com os novos amigos, festas, músicas, leituras, que compuseram sua vida fora do meio em que estava.

Escola foi vida para Taís, sempre. Dificilmente se passou um dia, desde a primeira agenda sem mencioná-la, ainda que fosse apenas na valorização da parte social. Porque a escola apresenta-se nas agendas, sempre envolta em clima de eterna movimentação. Sobre as aulas, parte integrante de sua vida, comentou de modo mais comedido, vista pela narradora como um compromisso sério. Nota-se boa aluna, participante, crítica e dedicação nos estudos, o compromisso com os deveres e o carinho por tudo que fosse da escola, marcas fortes em todas as suas agendas.

Portanto, as escritas de Taís são escritas da vida, dado a sua escolha, ao estilo e, principalmente graças ao seu trabalho artístico de ver, representar e pensar os acontecimentos. Porém, fortemente alicerçada pelo meio histórico-social que conviveu nesses sete anos. A escola foi coluna forte, que sustentou suas escritas; deu os subsídios necessários para fortalecer os textos e contribuiu para incrementar com arte a expressão dos significados. Sobretudo, a escola representou o lugar alegre do convívio social, um espaço ideal para adquirir novos conhecimentos, fazer e conservar amigos.

Escritas de Taís, escritas da vida. Escritas de menina adolescente. Escritas que dizem. Porque, nesses relatos – dos mais importantes da protagonista, à simples afazeres do cotidiano – ficaram as pessoas, os cenários, as histórias, a adolescência da escritora. Moram nessas páginas de agendas nem retratos, nem lembranças, mas sim uma linguagem muito viva, Taís. Presente com as ações, sonhos e muitas emoções.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Texto: **Fracasso – Sucesso:** o peso da cultura escolar e do Ordenamento da Educação Básica, Em Aberto, Brasília, ano 11, no. 53, jan/mar.1992.

ASSIS, Machado. Memórias Póstumas de Brás Cubas. São Paulo, Scipione, 1994.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso.** São Paulo: Ática, 1995.

BATISTA, Antonio Augusto G. **Aula de português.** Discurso e saberes **escolares.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____ **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1979.

BRANDÃO, Helena N. Gêneros do Discurso na Escola. In: Chiappini Lígia. **Aprender e ensinar com textos**. São Paulo: Cortez, 2000.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio.** Brasília, 1999.

BRITTO, Luiz Percival Leme Campinas **Fugindo da norma.** Campinas, SP: Átomo, 1991.

_____ **A Sombra do caos.** Campinas, SP: ALB: Mercado de Letras, 1996.

_____ **L.P.L. programa integrar.** Proposta para o 2º grau.CNN/ CUT. Programa Integrar, 2000.

BRUNO, Lúcia. **Educação e trabalho no capitalismo contemporâneo**, São Paulo: Atlas, 1996.

CANDAU, Vera Maria. **Magistério:** construção cotidiana. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

CARVALHO, Anna M. Pessoa; PÉREZ, Daniel Gil. **Formação de professores de ciências.** São Paulo: Cortez, 1995.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro:** do leitor ao navegador – São Paulo: UNESP. 1999. São Paulo: CNN/CUT/Programa Integrar, 2000.

CITELLI, Adilson. In: Prefácio, Infanti, Ulisses. **Do Texto ao Texto:** Curso prático de leitura e redação. São Paulo: Scipione, 1998.

EDEL, Elia Ferreira. **O Diário de Anne Frank.** São Paulo: Círculo do livro S.A 1974.

FIORIN, José Luiz; Savioli, Francisco Platão. **Para entender o Texto:** leitura e redação. São Paulo: Ática, 1998.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Veja: Passagens, 2000.

FRADE, Isabel Cristina A. S; Silva, Ceris Salete Ribas. **A Leitura de Textos Oficiais: Uma questão Plural.** In: MARINHO, Marildes. **Leituras do Professor.** Campinas, SP: ALB, Mercado de Letras, 1998.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** São Paulo: Paz e Terra, 1981.

GADOTTI, Moacir, Prefácio In: FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** São Paulo: Paz e Terra, 1981.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e Ensino**, Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

INFANTE,Ulisses. **Do Texto ao Texto:** Curso prático de leitura e redação. São Paulo: Scipione, 1998.

LACERDA, Lílian Maria. Lendo vidas: a memória como escrita autobiográfica, In: MIGNOT, Ana Crystina V. BASTOS , Maria Helena C.; CUNHA, Maria Tereza S., **Refúgios do eu.** Florianópolis, SC: Mulheres, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da Fala para a Escrita**: Atividades de retextualização, São Paulo: Cortez 2001.

MIGNOT, Ana Crystina V. Bastos; Maria Helena C; CUNHA, Maria Tereza S. **Refúgios do eu**, Florianópolis, SC: Mulheres, 2000.

OLIVEIRA, A. Qualidade total na educação: os critérios da economia privada na gestão da escola pública. In: BRUNO, Lúcia **Educação e trabalho no capitalismo contemporâneo.** São Paulo: Athas, 1996.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: ALB: Mercado de Letras, 2000.

RAMOS, Regina Oliveira. Querido Diário: agenda é mais moderno. In: MIGNOT, Ana Crystina V.; BASTOS, Maria Helena C; CUNHA, Maria Tereza S. **Refúgios do eu**. Florianópolis, SC: Mulheres, 2000.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola:** uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 1995.

SUASSUNA, Lívia. O que são, por que e como se escreveram os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa: o professor como leitor de propostas oficiais de ensino. In: MARINHO, Mirildes. **Leituras de Professor.** Campinas, SP: ALB, Mercado de Letras, 1998.

VIAÑAO, Antonio. A modo de prólogo. Refugio Del yo, refúgios de otros. In: MIGNOT, Ana CrystinaV. ;BASTOS, Maria Helena C.; CUNHA, Maria Tereza S., **Refúgios do eu.** Florianópolis, SC: Mulheres, 2000.